

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA**

MICHELE MARTINENGI SIDRONIO DE FREITAS

**O LAMBE-LAMBE COMO POTENCIALIZADOR DE
APRENDIZAGENS EM FUGA**

**FLORIANÓPOLIS, SC.
2016**

MICHELE MARTINENGI SIDRONIO DE FREITAS

**O LAMBE-LAMBE COMO POTENCIALIZADOR DE
APRENDIZAGENS EM FUGA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Professora Dr^a. Ana Maria Hoepers Preve.

**FLORIANÓPOLIS
2016**

F8661 Freitas, Michele Martinenghi Sidronio de
O lambe-lambe como potencializador de
aprendizagens em fuga / Michele Martinenghi Sidronio
de Freitas. - 2017.
159 p. il.; 21 cm

Orientadora: Ana Maria Hoepers Preve

Bibliografia: p. 156-159

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de
Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Florianópolis, 2017.

1. Educação - Florianópolis. 2. Intervenção Urbana.
3. Lambe-lambe. I. Preve, Ana Maria Hoepers. II.
Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD: 370.981641 - 20.ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

MICHELE MARTINENGI SIDRONIO DE FREITAS

O LAMBE-LAMBE COMO POTENCIALIZADOR DE APRENDIZAGENS EM FUGA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Banca Examinadora:

Orientadora: Professora Dr^a. Ana Maria Hoepers Preve
FAED/UEDESC

Membros: Prof. Dr. Guilherme Carlos Corrêa
CE/UFSM

Profa. Dra. Valéria Cazzeta
USP/Leste

Profa. Dra. Geovana Mendonça Lunardi Mendes
FAED/UEDESC

Suplente: Prof. Dra. Ademilde Silveira Sartori
FAED/UEDESC

FLORIANÓPOLIS
2016

Aos meus familiares, amigos(as) e professores(as).

Aos internos, meus mestres loucos, e profissionais do HCTP, onde estive desenvolvendo atividades, que me ajudaram a enxergar a possibilidade de uma educação em fuga. Sem estes não teria me lançado numa viagem repleta de aprendizado.

AGRADECIMENTOS

A Ana. Para além de professora e orientadora, foi amiga, acompanhou-me desde a graduação enquanto bolsista PIBID, entendendo e ouvindo atenciosamente minhas ideias e sendo-lhes fermento essencial para seu florescimento. Encorajou-me a seguir uma pesquisa a partir de minhas vontades, traçando linhas de fuga em relação a uma educação tradicional, dando importância à produção de desejos e um pensar diferente.

Aos meus companheiros do grupo de pesquisa, “Geografias de experiências”, essenciais para que esta pesquisa se arriscasse como uma viagem em educação. Aos meus amigos Danilo Stank, Camila Barbosa e Luiz Augsburguer, parceiros de oficinas no HCTP e de conversas. Este último, que me ajudou com sugestões preciosas para aprimorar minha escrita do texto e quase que diariamente foi minha companhia para tudo, a ele tenho um enorme carinho e amizade.

A minha família, que desde pequena fortaleceu-me e deu apoio a minhas ideias, mesmo elas sendo muito mirabolantes; que sempre depositaram confiança e apoio para que eu pudesse seguir meus rumos. A Gil, meu pai, e Bruno, meu irmão, que me ajudaram de diversas formas finalizar a pesquisa em seus últimos dias. Às mulheres guerreiras da minha vida, que me fizeram fortes: minha mãe Valdete e minha avó Adalgisa, que me deram um coração para luta.

A minhas grandes amigas Ana Rosa, Cheyenne, Izabel e Camila Fuentes, que me deram suporte não só nos goles de cerveja, mas cotidianamente deram pulsações a meu coração, deixando meus percursos mais intensos de felicidade, amo vocês.

Às/aos companheiros(as) artistas que fortaleceram essa pesquisa com sua arte, ensinamento e parceria: Izabel, Dinngo, Bagre, Tribeck, Um-banda, Verônica, Kawata e tantos outros(as).

Aos internos do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico que foram grandes professores para mim.

À banca de defesa, Ana Maria Preve, Geovana Lunardi, Valéria Gazzeta, Guilherme Corrêa e Ademilde Sartori, que acompanharam e auxiliaram a pesquisa dando a ela um caráter mais consistente.

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação (PROMOP) pelo financiamento da pesquisa.

À direção do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico, em especial ao diretor Márcio e à psicóloga Eliamar, que fizeram todo o trabalho no HCTP ser possível.

À Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e seus professores do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) que foram pilares para minha formação.

A todos que tornaram possível esse trabalho e as intervenções no HCTP, com doação de tintas, revistas, dinheiro e com sua presença.

Muito obrigada, sem essas pessoas nada seria possível.

*La lucha es como un círculo, se puede
empezar en cualquier punto, pero
nunca termina*

Subcomandante Insurgente Marcos

RESUMO

FREITAS, Michele Martinenghi Sidronio de. O lambe-lambe como potencializador de aprendizagens em fuga. 150p. Projeto de Pesquisa (Mestrado em Educação – Linha de Investigação: Educação, Comunicação e Tecnologia) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2016.

A partir da proposição de oficinas de intervenções urbanas com lambe-lambe, feitas nas ruas da cidade de Florianópolis e no do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis/SC, desenvolveu-se uma pesquisa interessada nas potencialidades de imagens desobedientes e de uma educação como invenção. O foco inicial das oficinas era investigar o potencial educativo do lambe-lambe e as articulações espaciais com a rua e, posteriormente, com os pacientes-internos e suas vidas restritas ao espaço prisional. Ao inserir-se no Hospital de Custódia, esse estudo e a produção de lambe-lambe pelos participantes, mobilizaram várias outras produções dentro e fora do Hospital de Custódia. Tomadas, num primeiro momento como fugas, essas produções nas oficinas (desenhos, relatos, fotos, vídeos), passaram a ser consideradas as matérias de pesquisa da cartógrafa-viajante para problematizar uma educação como invenção, na medida em que mostravam outras formas de habitar um território existencial. Nesse ínterim, o conceito de habitar se faz transversal às noções de linhas de fugas ao produzir intervenções que querem interpelar-mover corpos e pensamentos nos internos e nos transeuntes. As oficinas colocam-se, portanto, como estratégia educacional interessada na consistência de uma educação como invenção.

PALAVRAS-CHAVE: Lambe-lambe. Intervenção Urbana. Fugas. Oficina. Educação como invenção.

ABSTRACT

Responding to the proposition of wheat-paste urban intervention workshops, done on streets and inside the Hospital of Custody and Psychiatric Treatment from Florianopolis City, a research interested in the potential of undutiful images and education as invention was developed. Workshops initial focus was to investigate the educational potential from the wheat-paste intervention and the space articulations with the streets and afterwards with the inmate-patient and their lives restrict to the prison space. When inserted in the Hospital of Custody, this study and the participants wheat-paste production mobilized many others productions inside and outside the Hospital. Taken at first as flights, those workshops productions (drawings, reports, pictures and videos) became considered the cartographer-traveler tools to problematize an education as invention by showing different forms of to inhabit an existential territory. Thus, the concept of inhabit become itself transversal to the lines of flight notion by producing interventions that wanted to heckle/move inmate and passer-by bodies and thoughts. Therefore, the workshops was placed as an educational strategy interested in the education as invention consistency.

KEYWORDS: Wheat-paste. Urban intervention. Flights. Workshop. Education as invention.

LISTA DE ABREVIATURAS

COHAB	Cooperativas Habitacionais
DEAP	Departamento de Administração Prisional
EEB	Escola de Educação Básica
HCTP	Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina

SUMÁRIO

COLAGEM I: DESMANCHANDO LINHAS QUE CRUZAM PONTOS OCUPADOS: ALGUMAS PALAVRAS E UM MEMORIAL.....	17
Algumas amarrações nas linhas que percorri.....	19
Alguns movimentos de fuga à institucionalização... ..	21
Quando se traça uma transversal entre duas paralelas... ..	22
Traçando novos percursos.....	23
Mais alguns passos... ..	26
Composições de/em movimento.....	33
COLAGEM II: A ARTE DE RELATAR PROCESSUALIDADES: A MALA DE FERRAMENTAS DE UMA PESQUISADORA CARTÓGRAFA	35
COLAGEM III: NARRATIVAS DAS PROCESSUALIDADES..	45
BLOCO I – DESRITMO: ANDAÇAS NAS RUAS	47
Algum tempo depois.....	56
TANTA CASA SEM GENTE, TANTA GENTE SEM CASA	61
BLOCO II - NTERRUPÇÕES: VAGAR EM OUTRAS BANDAS.....	65
DOBRAMENTOS E RASGOS: TECER ACONTECIMENTOS	72
UM RASGO PARA UMA ARTE EM FUGA.....	83
En(treme)ios.....	83
O Rasgo... ..	84
RETORMAR OS PASSOS, TRAÇAR NOVOS CAMINHOS	93
VIAJANTE NÃO RECONHECE FRONTEIRAS.....	112
O dia da oficina.....	113

Tudo naquele lugar envolvia longas esperas, abertura e fechamento de grades-portas-portões... ..	115
Para diante da cor... ..	121
COLAGEM IV: RASURAS: GRITO DOS SILENCIADOS.....	147
COLAGEM V: TRAGETÓRIAS PARA UM NOVO COMEÇO – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	147
REFERÊNCIAS.....	154

COLAGEM I:

DESMANCHANDO LINHAS QUE CRUZAM PONTOS OCUPADOS: ALGUMAS PALAVRAS E UM MEMORIAL

Os começos também não estão dados, é preciso começar para encontrar começos de pesquisa, começos há muito já dados e que, no entanto, se inauguram. Mas é preciso partir, abandonar o ponto fixo da terra firme e se lançar aos desconhecidos dessa mesma terra. Não digo que se trate de ocupar um novo ponto, mas de construir modos de transitar entre os pontos ocupados, e daí, já não interessam pontos, nem de partida, nem de chegada, e sim desmanchar as linhas que cruzam os pontos para compreender alguma coisa (PREVE, 2010, p. 4).

É preciso então lançar-se...

Puxar as linhas de um ponto desmanchando-o para transitar sobre os trajetos que decidi percorrer, trazendo algo novo ao que antes era desconhecido para mim.

Arriscado precipitar-me numa busca dos começos de minha pesquisa em educação, já que ela se constitui num percurso de vida completamente imbricado com minha vida e com minhas experiências no mundo. Será assim, na busca de algumas vagas reminiscências do meu período escolar e de alguns passos mais recentes desta caminhada, que irei puxar algumas linhas que me constituem e que agora emergem como questão forte e que me move a pesquisa no mestrado.

Retomar algumas lembranças é como me encontrar, novamente, indo também ao encontro deste trabalho. Querendo ou não, é esse movimento de retorno que me coloca de frente às perturbações e questionamentos que me mobilizam, e que, por ora, estimulam uma incansável busca sem objeto definido, mas que, sobretudo, procura transformar algo, alguém, vidas... Transformar esse mundo que me atravessa, o mundo que ocupo e todas as linhas que por ali se cruzam em um todo coletivo.

Lançar-me na busca de lembranças do meu período escolar é intrigante, pois a escola, para mim, sempre pareceu o “entre”, aquele ponto de nós e linhas emaranhadas que é difícil desmanchar. Ponto este

que é difícil tirar alguma coisa, pois as singularidades perdiam-se no exercício de rotina da escolarização, os dias pouco se diferenciavam. Minhas impressões daquele período fogem da estagnação e emergem nas lembranças entre o antes e o pós “escola”, nas linhas que se soltam dali, momentos tão almejados quando me encontro fora dos altos portões da escola, percorrendo uma teia de linhas que me atravessavam. Não afirmo que esse “entre” (a escola) tenha sido um momento insignificante, pois reconheço que a escola é, ou ao menos pode ser, essencial para a formação do indivíduo. Evidencio, entretanto, que aqueles que destoavam deste “nó cego” foram mais essenciais para constituir minha individualidade e que também despertaram mais minhas lembranças.

Forçando um pouco minha memória, o que mais me recordo são os percursos que destoavam daquele ponto “escola”, as linhas soltas que se emaranhavam no entorno da escola fora do período de aula, quando eu e minha amiga nos encontrávamos na rua, onde passávamos horas sentadas nas calçadas comendo alguma besteira e observando os passantes. Gostávamos de analisar suas expressões faciais, em sua maioria apática; pareciam deslizar por uma superfície tão “conhecida” que mal prestavam atenção. Eram passageiros obstinados daquele percurso, inflexíveis em relação ao que se passava no entorno. Seus olhares seguiam fixo à frente, pareciam decididos a chegar a uma distância ainda indefinida. Para nós, que observávamos, emergiam naquelas faces inflexíveis a singularidade de expressões cômicas, a partir das quais criávamos uma narrativa do que supostamente poderiam pensar aqueles passantes¹; dávamos voz àquele cenário burlesco, tentando capturar os silêncios que aquele lugar escondia. Isto fazia-nos rir por algumas horas e por repetidas vezes; de alguma forma precisávamos trazer perturbações àquele frenesi, fazer parte e romper com a monotonia daquele lugar.

Reconheço em nosso ato de “parar e sentar-se à calçada”, sobretudo, ao observar o quão difícil é encontrar um lugar para sentar-se na cidade, como um dos meus primeiros movimentos no sentido de questionar os rumos que a vida toma. A partir disso trago mais alguns

¹ “Faltam cinco minutos para começar meu trabalho de merda, melhor andar rápido se não vou me atrasar”; “Preciso tirar esse frango do meu dente”; “Não há nada a me preocupar, apenas trabalhar”; “Já vou chegar, é logo ali, já vou chegar...”; “Andar, andar, andar... nunca parar”; “Mover-se a frente, como peça de uma máquina”; “Não posso perder a novela, hoje ela descobre”.

questionamentos que mobilizam minha pesquisa: bancos representariam o ócio? Tempo para pensar? Criar? Questionar? Pensar algo diferente do que está colocado? Quão subversivo é o silêncio e o vazio de sentido. Perguntava-me: quais são as possibilidades que eles abrem?

Movendo-me nesses questionamentos, percebo que ao nos sentarmos em meio aquele caos ensurdecedor produzíamos alguma ruptura ao criarmos com a imaginação desvios, silêncios, fugas, algo que o “frenesi” não deixava aparecer, mas que, ao “parar”, estava ali para nós: aqueles transeuntes, vidas que nos davam a impressão de que vagavam sempre em rumo definido “destinos fadados”, movidos por uma força coercitiva, mas que não sabíamos qual. Havíamos lançado à rua um olhar contemplativo, de estranhamento à paisagem caótica e desconcertante, contrapondo-nos ao ritmo acelerado e distraído da multidão. Movíamos pensamentos.

Algumas amarrações nas linhas que percorri...

Trago outras linhas de meus percursos, tão importantes quanto as anteriores, porém, mais recentes e que acompanharam meu período de graduação em Geografia onde tive como primeiro trabalho acadêmico, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “Geografia com plantas medicinais: formas de resistir e (re)inventar existências”². Nessa pesquisa, trabalhei com oficinas e práticas educativas com horta, iniciativa que se deu com minha inserção³ na escola EEB Simão José Hess como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid, subárea Geografia), onde busquei com os alunos e as alunas entender os processos de perda da cultura popular, autonomia medicinal e sua relação com a criação de dependências da indústria farmacêutica. A tentativa de compreender e contrapor essa lógica se deu através das oficinas, com o cultivo e estudo de plantas medicinais, materializando-se na construção de uma “farmácia viva” dentro da comunidade escolar, o que se deu por mais de um ano.

Mesmo estando dentro da estrutura escolar, busquei não escolarizar e era a oficina minha ferramenta de fuga à escolarização, pois através de seu exercício trouxe a mim aberturas, desvios de uma educação impositiva e informativa, para um conhecer com a mão na terra:

² Disponível em: <http://pergamumweb.udesc.br/dados-bu/000001/0000011b.pdf>

³ Também na formação de professores no magistério.

Por isso essa prática educativa vem a mim como expressão de cultivar a autonomia e a resistência, do “tomar conta da própria vida”, do cultivar-se, e cultivar outras realidades existentes, que são e estão omissas. Tornar o aprendizado como uma prática de possibilidades, onde as crianças possam ver-se como sujeitas do acontecimento, traçando seus ornamentos e produzindo linhas de fuga a partir dele, isso é, um pouco de educação libertária, e esta é revolucionária por que significa a insubmissão e a contestação. (FREITAS, p. 66, 2014).

Foi nas processualidades das oficinas que apreendi outra forma de ensinar, uma educação como construção horizontal e mútua do aprendizado, onde se tem uma ideia que move, mas não um roteiro e conteúdo pronto de como se mover. Uma educação em processos de oficina surge pela vontade de apreender, aqui, na experiência de pegar em uma enxada e revirar o solo, semear, regar, colher, compostar, tudo tinha os porquês e estes vinham dos processos de descoberta e não de imposições, eram “crianças geógrafas” que moviam uma educação como espaço investigativo, fugindo aos esquemas das aulas a que estavam acostumados todos os dias.

Apesar da pesquisa anteriormente citada (TCC) ter alcançado em sua prática com oficinas um resultado pequeno⁴, percebi a partir dessa experiência que muitas vezes a instituição escola apresentava mais limites do que possibilidades. Claro que alguma coisa se alterou em comunidade escolar (alunos, professores, funcionários etc.), porém toda a prática naquele espaço exigia uma adaptação minha ao controle de tempo, controle de conteúdo, articulação com as matérias disciplinares etc.; algo que acabou colocando empecilhos, onde muitas das potências proposta não a floravam. A partir disto percebi a necessidade de expandir e lançar novos desafios a mim como educadora e é por conta disso que na presente pesquisa optei por me afastar da escola, mas não da educação.

Para entender melhor esse movimento de saída da escola, trago o conceito de escolarização definido por CORRÊA (2006), em que o autor ressalta a escola como um “dispositivo com o objetivo estratégico de

⁴ Envolver toda a comunidade escolar (professor, aluno, funcionário etc.), trazer outros projetos e bolsistas para o espaço da horta, ter alcançado o objetivo de criar a horta e mobilizar a escola com ela, dentre outras coisas.

criar um lastro cultural comum” (p. 51). Dessa forma a escola seria uma instituição regulada pelo governo do Estado⁵ e seus interesses, a fim de mediar à educação através de um conjunto de regras que objetiva controlar a formação do sujeito social (cidadão), no intuito de controlar e reproduzir os valores sociais vigentes. Práticas atravessadas por um conjunto regras, como: seleção de conteúdos, didática, adequações metodológicas, discurso moral, criatividade, subjetividade, controle do tempo e conhecimento, obrigatoriedade, avaliações (mérito), imaginário social, universalização dos saberes entre outros. Lastros bem definidos para uma escolarização efetiva e controle do sujeito.

[...] chamo *escolarização* ao conjunto de processos educacionais que se dão sob a vigência e respeito a uma lei que regula, indistintamente, todas as instituições de ensino dentro de um território, ou seja, o conjunto de processos educacionais regulados pelo Estado. (CORREA, 2006, p. 23)

Compreendendo o entrave de uma educação nesses moldes, foi possível recolher pistas para escolher outro percurso na busca de uma educação marginal, fora da instituição escola; processo que reconheço como autoconhecimento enquanto educadora e no qual me aproximo muito mais de uma noção de educação do que de escolarização.

Alguns movimentos de fuga à institucionalização...

Foi em paralelo à graduação que se iniciaram, em meados de 2013, minhas andanças com movimentos sociais envolvendo-me com a militância comunitária em ocupações urbanas e com pessoas em situação de rua na Grande Florianópolis. Esses entornos eram a busca de algo em que me reconhecesse ativamente e onde assumi o movimento de me inserir em espaços de luta, mobilizada pela vontade de pôr em prática estratégias de transformação social, reconhecendo a potência da pressão social⁶ organizada, a possibilidade de desestabilizar e questionar

⁵ Articulada diretamente a interesses de uma classe social economicamente dominante à maneira capitalista.

⁶ Afirmo isto a partir de experiências pessoais, onde o problema da falta de habitação levou à ação direta com ocupações de terrenos inutilizados para a construção de moradia pelos próprios ocupantes, e posteriormente a reivindicações na instância jurídica, para regularização de terrenos, ou criação de Coabitação Populares, por COHAB (Cooperativas de Habitação).

a lógica excludente do sistema capitalista. Colocar-me disposta a me solidarizar e a compor processos educativos de resistência e de mudança social foram passos importantes para um novo respiro, um fôlego para *movência*.

Dito isto, é pelo exemplo de exercícios práticos que pretendo evidenciar o potencial transformador da organização popular por via da ação direta⁷, prática esta que não aguarda representatividade política institucional ou respostas burocráticas sem resultados concretos, mas busca sua mudança pela pressão social com a materialização efetiva e autônoma de suas demandas. Ao longo do trabalho a fuga à representatividade e autonomia vão se abrir.

Quando se traça uma transversal entre duas paralelas...

O passo seguinte se deu com o projeto de mestrado – “Educação, horta coletiva e luta por moradia: uma cartografia dos processos de empoderamento em uma ocupação urbana” –, que resultou no meu ingresso no programa de pós-graduação. Projeto que também tinha por foco a prática com horta. Nele, almejava problematizar como se dão, a partir de uma horta construída coletivamente por moradoras(es) de uma ocupação urbana, os processos educacionais em suas novas formas de comunicação através da prática da experimentação e do coletivismo em oficinas, a fim de tornar perceptível as práticas de coletivizar como uma ferramenta concreta nas lutas urbanas. Este projeto foi a forma que encontrei de transversalizar minha prática como educadora geógrafa e meu envolvimento em movimentos sociais urbanos.

Com o passar do tempo, percebi que os moradores não estavam engajados em fazer a horta, efeito de uma dificuldade em dar início a algo que mobilizasse conjuntamente uma parcela da ocupação e encaminhar uma decisão coletiva sobre as prioridades de uso daquela porção de terra. Para não atropelar uma decisão dos moradores, deixei claro minha disponibilidade em ajudar, pois tinha alguma prática na elaboração de horta, mas que a demanda deveria vir deles, uma vez que eu não queria levar algo, e sim, partir da vontade dos próprios moradores. Passado um certo tempo notei que talvez não fosse possível efetivar o projeto, para não comprometer a minha pesquisa optei em buscar outro tema que me interessasse.

⁷ Ação-direta e propaganda: em minha prática foram tratou-se da ocupação de territórios para construção de habitações; realização de atos nas ruas etc.

Em ambas as práticas (TCC e projeto de mestrado) houve grande interesse em (re)significar territorialidades, assim como contestar algumas determinações hegemônicas e excludentes construindo novos territórios.

As funções num território não são primeiras, elas supõem antes uma expressividade que faz território. É bem nesse sentido que o território e as funções que nele se exercem são produtos da territorialização. A territorialização é o ato do ritmo tornado expressivo, ou dos componentes de meios tornados qualitativos. A marcação de um território é dimensional, mas não é uma medida, é um ritmo. Ela conserva o caráter mais geral do ritmo, o de inscrever-se num outro plano que o das ações. (DELEUZE, p.106, 1997)

Foi, então, dessas amarrações em meu percurso que tracei essa passagem, atravessamento entre a rua e minha pesquisa, em que decidi incluir os meus “foras”, entornos, à minha pesquisa em educação.

Traçando novos percursos...

O presente memorial é a retomada deste percurso que, agora, ganha novo movimento na minha questão de pesquisa. Pois, como se sabe, uma questão também é afetada pelos traçados que percorre e se compõe com o meio sobre o qual é lançada. Dentro da metodologia que irei trabalhar, destacam-se as processualidades que estão num jogo de composição, nos encontros e nas criações, pois toda pesquisa é intervenção.

Mas, se assim afirmamos, precisamos ainda dar um passo, pois a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de convergência - o que podemos designar como plano da experiência. A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação. (PASSOS; BARROS, 2012, p. 17-18)

É sobre esse plano da experiência que a presente pesquisa se desenha.

Nesta configuração, trago a expressão de uma conversa que foi inscrita pelo caminhar na cidade e o emergir de ideias que foram se constituindo e se reformulando entre passos e, depois, entre goles de café e diálogos com minha orientadora que me levaram a reconfigurar a questão da presente pesquisa. Portanto, o que se trançou nas conversas veio das inquietações que reverberavam em ambas como educadoras e de uma dissertação de mestrado que estava em processo no que diz respeito a sua questão-problema.

Naquela circunstância de recém-ingressa no mestrado, e decidida a trocar de projeto, a pequena conversa se desenrolou sobre quais rumos tomar na construção de um novo projeto de pesquisa, para o qual eu já vinha esboçando algumas ideias. Desta forma, coloquei que gostaria de trabalhar com intervenções urbanas, na perspectiva de uma arte que conversasse com a cidade e com as pessoas que nela passam e existem. Principalmente na intenção de dar visibilidade às demandas sociais, à condição excludente da moradia e como problematizá-las através da arte urbana e das práticas com oficinas, dentro e fora da instituição escolar. Como mencionado, as aspirações acima provêm de minhas experiências de militância com pessoas em situação de rua e em ocupações urbanas, e que, por ora, as almejava compartilhar⁸ sobre a superfície da cidade, na intenção de desestabilizar outras pessoas em relação à realidade que, através de processos de gentrificação e estetização, acabam por normalizar, homogeneizar e despolitizar a estrutura social excludente das cidades (JACQUES, 2005). Com isso, um dos focos que busco evidenciar é a arte⁹ de rua como ferramenta de luta, ao romper com a lógica de controle que se tem sobre a comunicação no espaço público. Expondo a arte de rua como uma faceta da luta de classes, ao destoar da lógica coisificante e utilitária da comunicação como produto, ao reconhecer que quem comunica de forma “legitimada” é quem compra o espaço para tal função (*outdoors*, vitrines, etc.), tornando a rua espaço para combate social.

⁸ Através de intervenções nas ruas compartilhar um outro olhar que buscasse desnaturalizar as situações de exclusão social, especialmente no que diz respeito à moradia e também evidenciar as lutas sociais que se apresentam na conjuntura política vigente, dentre outras urgências e ideias.

⁹ Arte na presente pesquisa representa o ato de criação, qualquer indivíduo pode fazê-la.

Cabe ressaltar que uma intervenção não precisa necessariamente ter conteúdo claro de manifesto para ser uma arte de contestação, mesmo não comunicando algo diretamente, o ato criativo perturba, sendo este ato algo que por si só desestabiliza o pensamento, ao desviar olhares de percursos normalizantes.

É também pela criação de intervenções urbanas e práticas educativas que busco abrir outras vias do sensível na cidade e na educação, fazendo ação através da colagem de lambe-lambe e realização de oficinas com os internos do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico - HCTP¹⁰ de Florianópolis, local no qual, depois de um ano de pesquisa, tive a oportunidade de me inserir.

A potência da arte de rua como poesia de afirmação, evidencia sua indisciplina contra o rumor ditatorial das cidades modernas, movidas pelos gritos ensurdecedores expresso em sua grande quantidade de informação, propagandas e estrutura caótica. A intervenção produz deslocamentos pensantes e ingovernáveis pela desobediência aos silenciamentos¹¹, arte de rua também é luta, ação direta, poesia de afirmação e resistência.

Em consonância com Zanella (2010), o movimento de estranhamento a que a arte nos remete tira-nos da cegueira cotidiana e possibilita novos olhares para os elementos e fenômenos outrora cristalizados. Criar intervenções no espaço da cidade é uma estratégia que possui potencial político de transgressão, que pretende contestar a estética higienizadora e excludente da cidade, através da ressignificação de espaços “ociosos”, na intenção de romper com a despolitização consensual que rege o espaço urbano atualmente, produzindo, desta forma, uma educação na rua, para a rua e com a rua. Afirmando deste modo a possibilidade de uma educação que destoa da institucionalização e que transcenda o espaço da escola, e que evidencia educação que habita a superfície comum da cidade.

¹⁰ Inserção que foi facilitada a partir de um trabalho que já vinha sendo feito no HCTP pela minha amiga Camila Barbosa, graduanda em geografia pela UDESC e bolsista PIBID. Camila desenvolve a oficina “Outras Topografias” no HCTP. Contatos feitos com diretor e psicólogas iniciados por nossa (de Camila e minha) orientadora Ana Maria Hoepers Preve, que também desenvolveu oficinas e sua pesquisa de doutorado no mesmo lugar, dando origem à tese “Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação” (PREVE, 2010).

¹¹ “Silenciamento” aqui quer dizer: apagamentos e proibições do uso do espaço urbano.

Criar ruídos, discordâncias, provocar são atos de comunicação como resistência, pois pretendem alterar o cotidiano, romper com a apatia causada pela lógica habitual que acaba por pacificar e docilizar pessoas, cidades, escolas... Esses atos de comunicação como resistência buscam fazer com que aqueles passantes da minha época escolar (que eu supunha) apáticos e que o parecem permanecer até hoje desviem o pensamento para a imagem em dissenso. O que trago aqui é a continuidade de um movimento que já existe imbricado na cidade (grafite, pichação, lambe-lambe, *stencil* entre outros), mas que, diariamente, pode-se (re)inventar. Portanto, é no lançar-se na superfície da cidade com a inserção de alguns signos que o sujeito toma a narração na comunicação, assim como propõe outras formas de fazer e ver a cidade.

De acordo com Rancière (2012), o dissenso pode ser considerado o conflito entre vários regimes de sensorialidade; na esfera da arte pressupõe politicamente a operação de reconfiguração da experiência comum do sensível. O efeito político da estética está nas formas sensíveis, em resumo, “se a experiência estética entra no terreno da política é porque ela também se define como experiência de dissenso” (Rancière, 2010, p.64).

O dissenso provoca deslocamentos, é espaço de confronto, uma vez que intervém no sensorial abrindo novas possibilidades e reconfigurando as experiências através da ruptura em relação ao instituído, como forma de trazer alterações. Para Barbero (2013) o dissenso seria uma *rebelião estética* que revaloriza o sentimento e a experiência do espontâneo, como espaço de emergência da subjetividade, “[...] pensar em política a partir da comunicação significa pôr em primeiro plano os ingredientes simbólicos e imaginários presentes nos processos de formação de poder.” (BARBERO, 2013, p. 15).

Mais alguns passos...

Ao longo da caminhada e no entrelaçar de ideias produzido pelos passos em companhia do olhar e das conversas, pensávamos, naquele fim de tarde da infância, sobre esta cidade que berrava em nossa visão com seu grande número de carros, pessoas e propagandas. Sempre havia algo querendo informar, mas que não estava ali para dialogar e sim para inteirar, advertir e lembrar que você tem que estar em constante movimento. A rua era espaço para passagem, do frenesi, das não permanências; ali, nada convidava a ficar, apenas a deslocar-se

rapidamente. Esse movimento incessante expressa-se tanto no corpo da cidade, com suas ruas feitas para o rápido fluxo (vide o planejamento urbano), quanto nas informações publicitárias excessivas de sentido e imposições culturais e morais, pois a sua intenção já está claramente dada, agindo assim por compulsão, por hábito e assimilação.

Ocupar esses “vazios” é buscar abertura para outras narrações, algo que não deseje pura e exclusivamente dar ou informar algo pronto, mas abrir o sensível pela arte a partir do descontextualizado na cidade, exigindo assim uma interação de quem passa, um doar-se. Partindo dessas intervenções no “vazio”, ou também na criação de vazios na cidade – entendendo-se os vazios como aquilo que não deixa a comunicação como informação pronta passar (CORRÊA, p.166, 2006), pois traz outros sensíveis – que tomaremos essa ação de dissenso como resistência, afirmando a arte como ferramenta de luta que cumpre importante papel social e político incidindo diretamente sobre o sensível, ao afirmar existências outras.

No cessar dos passos em meio ao caos da cidade, minha parceira de conversa pegou uma folha de papel e questionou: “Por que uma página do livro didático não está colada aqui?”. Nessa parada, fazendo gesto de tentar fixá-la no muro, ponderamos que ali é espaço para andar. A rua é passagem, apenas o “meio” irrelevante entre a origem e o destino. Só se comunica no que é apropriável, caso contrário a intervenção é ilegítima, torna-se vandalismo. A rua é “pública”, mas para passagem, fechada aos vestígios e às permanências. São apenas superfícies fechadas em suas restrições governáveis. Falávamos da possibilidade de alguma coisa na rua cessar aquela velocidade que nos movimentava de um lado para o outro, de um ponto a outro, de um começo a um fim. A medida que andávamos dizíamos das belezas de algumas coisas estampadas nos muros ou em paredes de prédios ou ainda em postes, que nos fazem parar um pouco, diminuir o ritmo e talvez por isso habitar *o entre* esses dois pontos. Minha pesquisa começa também naquela conversa caminhando na rua...

Conforme Rancière (2009, p. 21), “[u]ma ‘superfície’ não é simplesmente uma composição geométrica de linhas, é uma forma de partilhar o sensível”. Essa educação culturalmente constituída que conhecemos, a escolarização, confinada em estruturas/instituições legitimadas, a exemplo da escola e das mídias hegemônicas, tem intenção de pôr sob controle o indivíduo e a comunicação. Entrar em dissenso com os dispositivos de controle e apropriação é desafiar-los,

criando outros espaços de comunicação na cidade que evidenciem o potencial educativo da intervenção.

Para Hollman (2013, p. 237 e 241),

[...] o poder das imagens ativa-se naquilo que estas nos proporcionam a pensar e imaginar ao encontrá-las. [...] Em resumo, a tensão que as imagens fazem emergir na cidade têm seus traços no (des)controle dos possíveis modos de olhá-las e no que elas podem produzir nas pessoas que as encontram. (HOLLMAN, p. 237-241, 2013)

A comunicação é instrumento de disputa de poder, porquanto está claramente sob controle hegemônico de um grupo reduzido, configurando-se como dispositivo de controle¹². Buscar romper com o exclusivismo, abrir brechas, tomar voz, tomar a palavra, o olhar, cartografar(-se) como maneira de criar deformidades na *comunicação* do espaço, outras geografias, são formas de resistir e produzir outras narrativas.

Sobre a lógica da comunicação, Guilherme Corrêa (2006), em seu livro intitulado *Educação, comunicação, anarquia: procedências da sociedade do controle no Brasil*, nos diz, baseado em Gilles Deleuze:

É preciso criar vacúolos de não comunicação, diz Deleuze. A comunicação está preenchendo tudo, ela age por ocupação, por comprometimento do espaço. A concentração enjoativa de informação, sua disponibilidade em qualquer lugar, nos impede o vazio, o silêncio. Ocupado o tempo todo pelo comunicacional, quando nos encontramos com outras pessoas, quando intensidades outras podem ser desfrutadas, nos atemos a trocar mensagens. Conversamos verdadeiros textos escritos. [...] Escolas e meios de comunicação promovem o movimento de informação na medida mesma em que fazem tender a um máximo possível a passividade dos corpos e do pensamento, ou melhor, na medida em que oferecem às potências do pensar um campo de ação restrito ao comunicacional. Tal compreensão

¹² FOUCAULT (1992, p.44)

dos efeitos da ação combina de educação e comunicação poderia nos insuflar a uma luta *contra* as instituições que as promovem. (CORRÊA, 2006, p. 166-167)

O que Corrêa (2006) nos expõe, é que, a comunicação não faz nada *acontecer*, sua informação é carregada de intencionalidades prontas, para que o que se quer informar entre em acordo com sua finalidade. Os universais de comunicação não estão aí para serem questionados, contestados e refletidos, mas para produzirem “passividade dos corpos e do pensamento”. Uma vez que são tendenciosos em seu conteúdo preenchido de informação, não buscam aberturas, silêncios para reflexão, mas sobretudo possuem todos os aparatos interpretativos finalizados.

Os mapas poderiam servir de exemplo. Quando se tem um mapa em mãos, toda sua intensão está colocada, caso a imagem não nos assegure sua informação, a legenda nos afirma seu objetivo. Mas e se esse mapa fosse destituído de todas as suas convenções, “linguagens universais”? Se seus rios não seriam mais delineados em linhas azuis, as fronteiras imaginárias do estado traçadas em grossas linhas pretas e suas estradas em linhas mais finas, em vermelho as rodovias, o mar azul e assim por diante, ele deixaria de ser um mapa?

De acordo com PREVE (2010) é possível produzir outros mapas distintos das Cartografias científicas que querem nos assegurar a representação da superfície extensiva da terra. Os mapas que a cartografia do presente trabalho pretende trazer, são aqueles ressaltados por PREVE (2010) em sua tese *Mapas, prisões e fugas: cartografias intensivas em educação*, quando nos apresenta os mapas intensivos como:

Os mapas intensivos não podem ser descolados dos processos em que surgiram. Esses processos, em bloco, é o que chamo aqui de cartografias intensivas. E os mapas intensivos não são tomados como resultado de procedimentos cartográficos – como técnica de produção de mapas da cartografia científica –, mas como movimento no processo.

São mapas na medida em que permitem apresentar o processo, mas deixam de sê-lo se se quiser utilizá-los como guia, orientador, indicador ou localizador; eles não levam a lugar nenhum, não servem para identificar quem os desenhou, tampouco para subsidiar diagnósticos de qualquer ordem, e, nesse sentido, eles querem, antes, confundir. (PREVE, 2010, p. 18)

Portanto, os mapas intensivos que aqui se apresentam como lambe-lambes, não nos querem levar a lugar algum, pois não possuem a intensão de comunicar, não fazem sentido quando estão descolados de suas processualidades, mas, querem acima de tudo: inventar.

É nesse *desviar* na rede comunicativa da cidade, criando brechas no modelo de comunicação dominante e informacional, que se pretende criar interrupções na letargia provocada em quem percorre a cidade. Não estaria um lambe-lambe no corpo da cidade enquanto contraponto àquela comunicação que apenas quer nos informar sobre algo, tal qual Corrêa (2006) nos esclarece, uma outra, possibilidade de habitar a cidade ou o HCTP?

É na fuga para as singularidades que se encontra a vontade de afirmação e uma contra-comunicação em resistência, pois ela nasce justamente da vontade de romper, ocupando os espaços que não são destinados a ela, que não quer ser informação ou instrumento de controle. Portanto, é no esforço de uma arte política e social imbricada no cotidiano que se busca politizar e entranhar os espaços que não se destinam a isso, como forma de contestar a cidade, a comunicação e a política representativa que excluem a população do processo de sua construção, evidenciando que todo espaço é político. É justamente nessas brechas que se criam possibilidades, que emergem *vacúolos de não-comunicação*, perturbações e fugas, como forma de contestar os espaços restritos, exclusivistas e vendáveis e, conseqüentemente, a propriedade – que permanece fechada à (des)apropriações e à (re)significações.

Comunicação para Foucault (1992), assim como para Corrêa (2006) é *dispositivo de controle*, isto é, disseminador de informações hegemônicas e totalizantes que incidem diretamente sobre a subjetividade dos indivíduos, pois é majoritariamente sustentada por

discursos de controle, normalizados e insensíveis à diversidade. Foucault, em *História da Sexualidade I: A vontade de saber* (1992), expõe a ideia de dispositivo, referindo-se a ele como:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 1992, p. 44)

A partir disto, conseguimos ver uma comunicação estrategicamente controlada pelos veículos de informação e balizada por intencionalidades vendáveis e tendenciosas, uma vez que sua dimensão influi fundamentalmente nos processos de subjetivação do indivíduo e que servem de sustentáculo aos interesses do sistema vigente e na regulação do social. É esse anestesiamento que Godoy (2013, p. 215) aborda em seu texto *Mídia, Imagens, Espaço: notas sobre uma poética e uma política como dramatização geográfica*, e que o presente trabalho também se propõe a traçar fugas.

Mas do que nos serviria colocar a imagem em relação com o invisível e a poética em relação com o arranjo de regras, que não estão previamente dadas, senão para enfrentar a babilônia demente de imagens que a tudo recobrem como um firmamento, e que pretendem responder aos problemas estabelecendo um ordenamento das práticas: este que nos diz como devemos perceber e conhecer, mas sobre tudo o que há para ser percebido e conhecido. Ordenamento que nada mais é que a repetição regulada de nossos hábitos e costumes, que rouba à imaginação sua potência: a de ultrapassá-los (GODOY, 2013, p. 212).

É pela intervenção urbana que se propõe abalar este regime de percepção no qual estamos imersos, trazendo outras experiências possíveis, ou seja, intervir na subjetividade e alterá-la de alguma forma, para resistir e disputar. A arte de atuar em territórios não legitimados

para isso faz emergir outra coisa, algo que escapa; é uma comunicação em resistência, ou, uma *não-comunicação*, pois se contrapõe aos espaços e conteúdos exclusivistas e privilegiados dos meios informacionais da cidade, como *outdoors*, lojas e *vitrines*, assim como a televisão, a revista, o jornal, o rádio, o livro didático e outros meios de comunicação.

A *não-comunicação* e os *vazios*, apresentados por Deleuze, dão suporte a este escrito, quando o autor afirmar que “[é] preciso um desvio da fala. Criar foi sempre coisa distinta de comunicar. O importante talvez venha a ser criar vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle” (DELEUZE, 2007, p. 217).

Numa breve perspectiva histórica para pensar a cidade atual, Sennett (2003) em seu livro *Carne e Pedra* descreve a “livre locomoção que triunfou sobre os clamores sensoriais do espaço” (SENNETT, 2003, p. 214) a partir do séc. XVI com a emergência do sistema capitalista e sua lógica de circulação de mercadorias, e, por conseguinte, sobre o planejamento das cidades que passaram por mudanças em sua infraestrutura, especialmente em relação ao deslocamento. Para este fim, urbanistas tomaram por referência o sistema sanguíneo como exemplo de tráfego, projetando a cidade como uma grande malha urbana com diversas ramificações, análogas a artérias e veias, que se ligassem entre si em torno de um centro, facilitando a passagem. Nesta configuração, Sennett (2003, p. 214) problematiza uma *crise tátil*, onde

deslocar-se ajuda a dessensibilizar o corpo. [...] O corpo secular em infundável locomoção corre risco de ignorar essa história, ao perder suas conexões com as outras pessoas e com os outros lugares através dos quais se move. (SENNETT, 2003, p. 215).

Gabriel Bueno Almeida (2013), em sua dissertação de mestrado *Política, subjetividade e arte urbana: o graffiti na cidade*, também se utiliza de Richard Sennett como importante referencial para a compreensão do urbano na relação com o capitalismo:

As virtudes urbanas descritas por Sennett (2004) são potência do meio urbano, [...] Sennett entende que as metrópoles do capitalismo, erigidas sob a lógica da padronização do consumo – tanto dos bens comercializáveis quanto dos modos de vida –

produzem relações de diferença e não de alteridade: um sistema classificatório e fixo de identidades, devido neutralidade e estandardização das experiências, enquanto que a alteridade é uma relação provocadora, aberta ao estranhamento, imprevisível. No entanto, a nova forma de se viver a cidade, criada por aqueles que nela buscam novos lugares para pôr suas letras, seus desenhos, e que têm olhos atentos para as mínimas mudanças na sua superfície, se configura como uma resistência aos modos de vida pasteurizados, abrindo rupturas numa lógica policialesca (na maneira que Rancière entende polícia) e possibilitando outras relações sensíveis. (ALMEIDA, 2013, p. 119).

Por conseguinte, o que se evidencia na presente pesquisa é a possibilidade de uma educação que se dá na rua, expressa na arte de intervenção urbana e em resistência à comunicação informacional, bem como sua estreita relação com outras esferas sociais que estão diretamente amarradas nesse escrito, como: a educação, política, arte, estética e resistência.

Composições de/em movimento...

Partindo deste cenário, o presente trabalho tece suas conexões a partir das processualidades da pesquisa, criando amarrações em sua composição (trajeto) que fazem emergir sua questão-problema, qual seja: como, a partir da intervenção urbana, produzir uma educação e uma comunicação em resistência e que se dá na rua? Ou como, a partir da intervenção urbana, produzir uma educação e uma comunicação que se dão na rua e em resistência?

Desta forma, o presente trabalho não possui um compromisso com uma sequência cronológica e nem representa um tempo ou uma lógica linear, mas sim a busca por uma escrita que dê conta de mostrar seu próprio movimento na intenção de evidenciar os percursos que foram traçados e suas perspectivas. Neste caso, seus fragmentos possuem rigor em suas narrativas, escolha de suas imagens frames de vídeos e epígrafes. Vale frisar que *todas as reproduzidas nessa trabalho são de autoria da própria cartógrafa, autora da presente dissertação.*

Cabe ressaltar que sendo o presente trabalho composto por recortes de experiência e trajetórias de pesquisa, decidi chamar suas

seções de “Colagens”, ao reconhecer no lambe-lambe a ferramenta que mobilizou tal pesquisa em educação e intervenção. Suas “colagens” dispõem-se desta forma: **“Colagem I – Desmanchando linhas que cruzam pontos ocupados: algumas palavras e um memorial”** que é composto pelo presente texto, onde se apresenta as trajetórias até chegar em sua atual configuração, além de uma breve apresentação sobre a mesma. Na sequência, na **“Colagem II”**, apresenta-se **“A arte de relatar processualidades: a mala de ferramentas da pesquisadora cartógrafa”**, que elucida a metodologia e as implicações da pesquisa, o olhar de uma cartógrafa e o que ela carrega consigo para realizar a pesquisa que propõe, desenvolvendo dois conceitos fundamentais para abordar tal pesquisa que são a noção de “Cartografia” e “Oficina”. Em **“Colagem III”** segue **“Narrativas das processualidades”**, onde, em um primeiro bloco **“Desrítmo: andanças pelas ruas”**, apresento as narrativas de intervenções com lambe-lambe na rua e, em um segundo bloco **“Interrupções: caminhos por outras bandas”**, apresenta-se as oficinas desenvolvidas no HCTP. Ocasões em que emerge o principal do trabalho: sua processualidade e a práticas educativas da cartógrafa viajante, situação que narra as possibilidades de uma educação em oficina com lambe-lambe. Em **“Colagem IV”**, nomeada **“Ranhuras: Grito dos silenciados”**, mostra-se as cicatrizes e fendas traçadas nas paredes do HCTP, elucidando os vestígios e a intervenções feitas no corpo do hospital presídio. Ao fim, em **“Colagem V – Trajetórias de um novo começo: algumas considerações”**, trago a análise do que foi, o que queria ser a presente pesquisa, assim como os horizontes, para se traçar novos passos. No final do trabalho ainda encontra-se anexado um DVD com dois vídeos, um chamado **“(Art)colações”** que apresenta uma montagem sobre algumas intervenções nas ruas de Florianópolis e outro **“Interlúdio”**, que se trata de uma compilação fragmentada das oficinas no HCTP.

COLAGEM II:**A ARTE DE RELATAR PROCESSUALIDADES: A MALA DE FERRAMENTAS DE UMA PESQUISADORA CARTÓGRAFA**

Viajar supõe menos o espírito missionário, nacionalista, eurocêntrico e estreito, do que a vontade etnológica, cosmopolita, descentrada e aberta. O turista compara, o viajante separa. O primeiro permanece à porta de uma civilização, toca de leve uma cultura e se contenta em perceber sua espuma, em apreender seus epifenômenos, de longe, como espectador engajado, militante de seu próprio enraizamento; o segundo procura entrar num mundo desconhecido, sem intenções prévias, como espectador desengajado, buscando nem rir nem chorar, nem julgar nem condenar, nem absolver nem lançar anátemas, mas pegar pelo interior, que é compreender segundo a etimologia. O comparatista designa sempre o turista, o anatomista indica o viajante.

Michel Onfray



Corporificando uma viajante é que encontrei na cartografia para além de uma metodologia de pesquisa, um modo particular de olhar e acompanhar os percursos da pesquisa. Compreendendo o ato de cartografar o desafio à viagem, na qual carrega-se consigo poucas coisas, o que lhe é essencial: uma mala e a mente aberta aos desvios dos acontecimentos intempestivos.

Um viajante é menos aquele que tem um roteiro pronto, prévio e detalhado, que possui percurso e destino definido, do que o ato de lançar-se aos desafios, abandonar as referências fixas e perder-se adentrando ao desconhecido (PREVE, 2013). Neste contexto, para além de um trabalho que tome a *cartografia como método* de pesquisa (PASSOS; KASTRUP, 2014), a cartografia apresenta-se como uma máquina de guerra ao entrar em combate com o mundo engessado que insiste em formar professores missionários de verdades absolutas. Nesse caso, a presente pesquisa não busca ser referência, mas, fagulha que versa a experiência de uma professora dissidente à escolarização.

A cartografia busca, em diferentes regiões, as especificidades para compor um olhar, ou seja, não visa construir um mapa que sirva de guia para todos os olhares – até porque cada olhar é único e muda com as vivências do observador – mas, nesse caso busca perceber as dinâmicas, os fluxos e as intensidades que se mostram nos objetos. Diferente de métodos rígidos, a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas processualidades. (AGUIAR, 2010, p. 13)

No caso desta pesquisa tomo a educação, enquanto invenção, como objeto de pesquisa e, como eixo transversal, as oficinas e as intervenções com *lambe-lambe*, ambas operando enquanto ferramenta que mobiliza outros pensamentos e formas de habitar o território (ALVEZ; PASSOS, 2014) e a educação. Habitar é muito mais que estar num recinto, é crescer com ele, modificá-lo, fazer “nascem percepções até então imperceptíveis. A obra ganha sentido quando o contingente e o

inesperado mobilizam as relações fixas entre objetos, humanos e não humanos.” (POZZANA, 2014, p. 47). Habitar não é produzir saberes *sobre* as coisas, mas *com* elas, é criar território existencial, colocar nele nossas vontades. Trata-se de buscar uma consistência distante do entendimento coercitivo da disciplinaridade e próximo de um espaço intensificado para habitar territórios, sendo a cartografia a operadora destas transversalidades, pois está empenhada em produzir outras realidades, que por ora podem estar estanques pelos aparatos de coerção disciplinar e, nestes casos, a cartografia compromete-se com invenção de outros mundos. Uma pesquisa cartográfica “[...] vai se tecendo no entrecruzar da discussão conceitual com a experiência concreta de habitar um território existencial singular” (ALVEZ; PASSOS, 2014, p. 131), implicando num movimento de produção e coemergência.

Pesquisar esse processo de aprendizagem exige, por sua vez, um processo de engajamento não menos intensivo. Requer habitar de modo receptivo territórios que se avizinham, deixando-nos impregnar. O aprendiz-cartógrafo, numa abertura engajada e afetiva ao território existencial, penetra esse campo numa perspectiva de composição e conjugação de forças. Constrói-se o conhecimento com e não sobre o campo pesquisado. Estar ao lado sem medo de perder tempo, se permitindo encontrar o que não se procurava ou mesmo ser encontrado pelo acontecimento. (ALVEZ; PASSOS, 2014, p. 137)

O *engajamento* do cartógrafo presente na citação acima difere-se do sentido colocado na epígrafe que inicia esta *Colagem II*, esta, descreve o turista como alguém engajado, no sentido de querer ser referência ou vanguarda, enraizado por valores pré-estabelecidos e que está superficialmente envolvido com o trajeto; já nesta segunda citação, *engajado* diz daquele que está empenhado e comprometido com sua prática, disposto a impregnar-se dela e do território que habita.

Uma pesquisa-intervenção *em* educação, e não *sobre* educação, possui natureza processual que ganha densidade ao longo do tempo, na qual a cartografia vem dar consistência à investigação quando delinea as possibilidades de capturar movimentos educacionais com as intervenções que propõe. Para tal situação, BARROS e SILVA (2014, p.130) afirmam: “Não se trata, tampouco, de assumir uma atitude

demonstrativa, mas afirmar uma dimensão construtivista da produção de conhecimento, uma experimentação ancorada numa realidade movente [...].”, o que, no entanto, não significa que a pesquisa não tenha direção, já que a cartografia orienta-se pelo percurso da pesquisa, a qual é delimitada com rigor e força política em seus movimentos: suas práticas acompanhadas de seu eixo de investigação¹³, mobilizada pela vontade de uma educadora em formação.

Neste caso, a cartografia que aqui se apresenta permeia os registros das processualidades das oficinas de *lambe-lambe*, dos quais são relatados no presente trabalho na “Colagem III” da seguinte forma: *Bloco I*: práticas de criação/intervenção no espaço da cidade, a partir da colagem de *lambe-lambes*; e *Bloco II*: encontros/oficina de *lambe-lambe* no HCTP. Portanto, a pesquisa objetiva cartografar os percursos inventivos na cidade e em oficinas, para que se possa discutir como estes acontecimentos podem constituir-se em uma educação (como invenção) que perverte seu sentido tradicional vinculado à escolarização e a (re)afirma como potência criativa.

Lançar-me numa deriva em educação permitiu, enquanto viajante-pesquisadora, aproximar-me da prática educativa com oficinas. Partindo disso, assumi o desafio de problematizar as possibilidades de um *novo território em educação através de oficinas* (CORRÊA E PREVE, 2011), apresentando nelas a prática criativa com *lambe-lambe*, a possibilidade de uma educação e uma comunicação marginal que se dá na rua através da linguagem visual das intervenções urbanas. Afirmando, assim, a potência cognitiva da imagem no corpo da cidade, ao abrir novos horizontes sensíveis nesta e nos processos educativos, ao impregnar, sutilmente, de forma parasitária a urbe. Educação como *experiência, invenção e acontecimento* é a questão chave nesta pesquisa, visto que este trio envolve aquilo que nos passa e nos atravessa de alguma forma, mexendo com nosso sensível fazendo tremer algo em nós.

A proposta de educação com oficinas vem de um saber que se adquire com a experiência, ela é poesia de afirmação e dança dos afetos que fazem fuga à dureza escolar, para um aprender com vontade. A oficina não é um lugar, mas sim um ofício de criação que abre espaço para potências inventivas e é nesse ponto que eu, pesquisadora-

¹³ Qual a dimensão educacional das intervenções de rua? Como a partir da intervenção urbana problematizar uma educação e uma comunicação marginal e em resistência aos meios de informação e a escolarização?

cartógrafa, viajo com minha maleta, levando comigo ferramentas que propiciam acontecimentos e invenções. Mais do que materiais, como lápis, canetinhas, papel, levo a disposição de criar possibilidades, linhas de fuga.

A autora Ana Godoy (s/d, p.1)¹⁴ em seu texto *oficinas experimentais* pontua as oficinas enquanto prática experimental inseparável da singularidade dos materiais que a condicionam. Ao começar uma oficina, o principal ponto é os elementos que ela disponibiliza-nos: revistas, jornais, papéis, tesouras, lápis, canetinhas, cola, tinta, computador e uma ideia; são estes alguns dos elementos essenciais que compuseram o processo criativo das oficinas que relato neste trabalho. O tema gerador é definido por alguma questão que intriga o pesquisador-oficineiro¹⁵ (ou pode ser decidido coletivamente) e seus resultados são sempre variáveis, compondo-se ao longo do percurso da oficina, entre o tema e as estratégias dadas pelas ferramentas utilizadas e pelos questionamentos que atravessam a oficina (pois proponho que ela se construa com os participantes), por aquilo que provoca na cidade ou no HCTP outros fluxos, interferências que trazem espaçamentos, lacunas, algo que se inaugure.

Deste ponto de vista, a oficina distingue-se então dos modelos cientificistas, precisamente pela possibilidade de deambulação, de itinerância que não se reduz a sair de um lugar – uma extensão – para outro, tampouco por conectar campos de saber, mas pelo deslocamento sensível de uma linha a outra, deslocamento que não reconhece as delimitações de campo. Seguir estas linhas é criar um percurso e todas as operações implicadas na deambulação estão necessariamente subordinadas às condições sensíveis da intuição e da construção. (GODOY, s/d, p. 2-3)

Experiência é como uma bagagem, dentro dela se encontram os elementos de um percurso. Uma espécie de abrigo onde você carrega, para todos os lados, sua individualidade, suas experiências sensíveis.

¹⁴ <https://sites.google.com/site/outrasecologias/oficinas-iv---oficinas-experimentais>

¹⁵ No meu caso o *lambe-lambe* enquanto intervenção e suas potencialidades educativas e comunicativa.

Dentre os elementos que compõem minha bagagem, encontra-se o caderno de campo da cartógrafa, nele rascunho, como em uma viagem, as situações marcantes de uma vivência. Neste ponto, a partir de rasuras, memórias e registros diferenciados, evidencio a dificuldade de se começar uma cartografia de relatos, pois em meio a tantas coisas não se sabe ao certo o que se quer mostrar de alguma experiência, uma vez que implica na complexidade discursiva de um trajeto, constituído por práticas nos territórios habitados. Neste caso, “A cartografia pressupõe uma política da narratividade que permita a dissolvência das posições estanques geralmente associadas ao trabalho da pesquisa: aquele que conhece e aquilo que é conhecido” (ALVEZ; PASSOS, 2014, p. 132), mas ela possibilita deambulações sobre a pesquisa.

Política da narratividade está relacionada à posição do narrador e a forma que define para expressar o que acontece. Ao longo desta pesquisa, especificamente na *Colagem III*, trecho onde aparecem os relatos das processualidades da pesquisa, a forma de narratividade altera-se entre o *Bloco I* e o *Bloco II* pela mudança do espaço de inserção, que inicialmente acontece nas ruas e posteriormente com oficinas no HCTP. Outras estratégias de registro e ação são tomadas, desafios foram compondo os recortes narrativos de experiências. Algumas ferramentas são retiradas da maleta, outras são acrescentadas ou esquecidas. Modos de dizer e criar sentidos às processualidades se inauguram. Recortes também compõem a narratividade da pesquisa devido a necessidades de ocultar algo, fotos e vídeos recebem lambe-lambe nos rostos; relatos sem nomes; falas que não se fazem presentes, mas que nos marcam; situações que por ora podem não convir a quem habita aquele espaço cotidianamente; de uma estrangeira também se exige compromisso político com as pessoas que vivenciam aquela realidade.

Dessa forma, fazer um relato é encontrar-se diante desta maleta aberta, fixar o olhar atento em seu interior e deparar-se com um amontoado de lembranças desordenadas: Quais elementos tirar de dentro dela? De que forma organizá-los para tentar extrair algo com eles? Com dúvidas sobre como começar, não sei ao certo se me atenho aos detalhes de cada elemento que compôs a experiência ou se deslizo sobre uma cronologia em busca dos resultados que mobilizaram tal movimento.

Tento então, assim como nas oficinas, retirar da bagagem e do caderno de campo alguns elementos que me marcaram e que por isso não foram esquecidos. Esse trabalho é resultado de uma experiência de habitar, mas que também é passagem ao leitor, passagem na qual coloco

à disposição do leitor elementos escolhidos para expor a processualidade, portanto “[...] a ação de acompanhar processos será detectada pelo leitor” (BARROS e KASTRUP, p. 53, 2014).

O eixo transversal da intervenção urbana é um importante mobilizador da pesquisa quando busca problematizar, através das imagens destoantes na urbe, sua dimensão educativa, ao propiciar encontros inusitados ao pensamento e conferir sentidos não colocados a priori. Empregar políticas e poéticas dos afetos é traçar uma perspectiva de aprendizado para além da informação, posto que se apresenta através de uma experiência inventiva e emancipada da disciplina escolarizante.

O que tento apontar em alguns escritos é que essa emancipação poderia ser pensada não somente para as pessoas, mas também para as linguagens – cinema, fotografia, cartografia... – fazendo com que as imagens e linguagens deixassem de ser tomadas como coisas ou estruturas fixas que comunicam ou representam as experiências e passassem a ser tomadas como coisas constituídas pelas e através das experiências, fazendo com que os próprios signos das imagens e linguagens fossem constantemente burilados e desviados de seus sentidos habituais e se reconhecesse, talvez, que uma das maiores potências das linguagens está localizada justamente onde a linguagem falta, ou seja, quando não há signos para expressar alguma experiência a linguagem é forçada a vir a ser outra para poder expressá-la, ampliando assim as possibilidades de dizer da própria linguagem. É, sem dúvida, uma aposta na dimensão estética das imagens – estética como aquilo que atua no sensível –, uma aposta, portanto, na criação como força principal de aprendizados. A força disso para a educação num mundo em forte mudança me parece muito grande, fazendo com que a perspectiva de lidar com as imagens nas escolas a partir da produção me pareça bastante profícua, principalmente se estivermos abertos para lidar com essas imagens-criadas-em-escolas como sendo “imagens verdadeiras”, no sentido que Fernand Deligny dá a essa expressão: imagens que fazem tropa e voam, que não estão condenadas à linguagem, nem submetidas pelos signos

intencionais e representacionais, imagens selvagens, que giram e aparecem “para nada”, sem objetivo anterior já definido. (OLIVEIRA JUNIOR, 2016, p. 164-165)

Nesse sentido, Oliveira Junior (2016) evidencia as imagens que não estão a serviço de comunicar o que já se sabe, mas aquelas que querem interpelar os corpos e pensamentos dos transeuntes e de quem as cria, imagens que abrem passagem e excedem a realidade e é nesse ponto que elas atravessam a educação, algo que se inventa e que dá passagem às experiências. Apesar dessas imagens não estarem na escola, como na proposta acima colocada por Oliveira Junior (2016), elas habitam outros territórios existenciais, na rua e no HCTP, sua força implica essencialmente nos encontros e nas alterações que faz onde se inventa.

Por conseguinte, a imagem da qual Wenceslao Oliveira Junior fala e a que esse trabalho também aborda, não quer ser um fim em si mesma, portadora de alguma informação final, mas ela quer ser processo-experiência e também cartografia, uma vez que as intervenções criadas na presente pesquisa não buscam ser um produto final, e sim, algo que implique movimento: uma coisa só é enquanto movimento. Mais do que um desenho colado ou desenhado em muros, paredes e lixeiras, trata-se de outras possibilidades de entendimento da imagem, pois mesmo depois de colado ou desenhado a imagem continua seu movimento naqueles que as veem. A imagem, como aqui se a compreende, não quer representar uma experiência, mas quer ser tomada como experiência. Como exposto por Oliveira Junior (2006), ampliar as possibilidades de se pensar a imagem é evidenciar seu potencial ao atuar no sensível e sua força de aprendizado quando não está condenada à linguagem da informação, *nem submetidas pelos signos intencionais e representacionais*.

A linguagem da qual se fala é visual e de invenção, que, apesar de não estar na escola, também evidencia sua potência enquanto aprendizagem, pois sua força está implicada essencialmente no lugar em que se encontra exposta, especialmente quando refuta à lógica seletiva dos lugares dados à imagem.

Encontraremos nos textos engajamentos que transitam da política para a poética das imagens e vice-versa, quando não, ou uma ou outra. Da política... o espaço tomado como superfície lisa,

conforme a educação visual imposta pelas representações cartográficas, mas, sim, como adensamentos de ficção, oriundas de escolhas de como se chega a editar uma dada imagem ou um conjunto delas e as linguagens que amparam sua legitimidade e visualidade no campo da educação geográfica. Da poética... o espaço tomado em sua relação corpórea de afetos e desafetos, configurando subjetividades e imagens dela, as quais foram tensionadas na busca de rupturas/clivagens com uma educação visual geográfica supostamente pronta e acabada. (CAZETTA, 2013, p. 10-11)

Neste sentido, Godoy (2008) também nos pontua as possibilidades de romper com o exclusivismo hegemônico da comunicação habitando a cidade de outra maneira, questionando o que essas expressões no cotidiano podem mobilizar política e esteticamente, ao contaminar o *status quo* da fala na cidade tensionando acontecimentos ao transitar entre pensamentos e espaçamentos. Aprendizado atravessado pela experiência de uma caminhar na cidade e num espaço de reclusão (HCTP) na confecção de imagens destoante, habitando de outra forma e por consequência criando outras realidades, algo que atravessa a instituição escola e se espraia por toda urbe; bem como, diante de um alargamento do espaço de reclusão, conferindo a estes uma indisciplina.

Sendo claramente um trabalho em movimento de descoberta, criação de encontros e intervenções, ele segue metamorfoseando-se em um processo de autocriação. É uma pesquisa que não busca exclusivamente ser um exercício acadêmico, mas um dizer que não está indissociável de sua prática. Os diferentes modos de dizer aquilo que acontece é o registro de um caminhar, mas não um caminhar enquanto passagem e sim enquanto habitação de um território.

Por tratar de práticas e suas articulações, trarei relatos, imagens e produções audiovisuais como estratégia de cartografar as processualidades da pesquisa.

COLAGEM III:**NARRATIVAS DAS PROCESSUALIDADES**

Tratado geral das grandezas do ínfimo
A poesia está guardada nas palavras - é tudo que eu
sei.
Meu fado é o de não saber quase tudo.
Sobre o nada eu tenho profundidades.
Não tenho conexões com a realidade.
Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.
Para mim poderoso é aquele que descobre as
insignificâncias (do mundo e as nossas).
Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
Fiquei emocionado.
Sou fraco para elogios.

Manoel de Barros

SABOTEIO

SILÊNCIO

GRIFE DELOS

MUROS

COMO

RESIST

AMENITE

ARTE



BLOCO I

DESRÍTMO: ANDANÇAS NAS RUAS

BASTA DE RACISMO E CRIMINALIZAÇÃO DA POBREZA



NÃO A REDUÇÃO DA
MAIORIDADE PENAL

CIDADE TRISTE, CONCRETO MATA E ENGOLE QUEM NÃO RESISTE¹⁶

É preciso ressaltar que, o que se encontra aqui tem apenas um caráter aproximativo em relação ao percurso feito na produção do lambe-lambe *contra a redução da maioria penal*.

A ideia deste lambe-lambe foi mobilizada por muitos encontros. Portanto, ele é uma obra coletiva, não só em sua confecção, montagem ou colagem, mas pela série de articulações que foram tecendo-se até que ele virasse uma intervenção. Ele procede de um conjunto de mobilizações contra a proposta em votação na câmara dos deputados que visava reduzir a maioria penal de 18 para 16 anos (julho de 2015).

Nesse contexto, o lambe emergiu como um grito nas ruas, para ser visto e ouvido por quem passasse por ele. Nele estavam presentes elementos estéticos, como o tamanho exagerado que facilita a mensagem que se queria transmitir, que faziam parte de uma conjuntura política. É dessa maneira que, para além de experiências e questionamentos pessoais, busco, em certa medida, articular minhas intervenções como suporte para as lutas sociais.

Antes de elaborar a estética do lambe, tive várias ideias¹⁷, mas todas pareciam inconsistentes, já que não tenho grandes habilidades para o desenho, não sei mexer bem em programas de computador e não conseguiria fazer uma bricolagem¹⁸ de mais de 2 metros. Por isso, dentro das tantas ideias que se passaram na minha cabeça, elas realmente só foram se concretizar após algum tempo cultivando-as.

Foi após um período exaustivo de aula, entre a manhã e a tarde, quando apresentei em que pé estava o andamento da minha dissertação, que pus em prática a confecção do lambe. Havia passado a madrugada deste mesmo dia arrumando os últimos detalhes da apresentação – o que

¹⁶ Trecho da música “vida loka hardcore” do DPR (Do Protesto à Resistência).

¹⁷ Primeiro imaginei uma cabeça de um policial com o crânio aberto onde se encontrava um carrossel e crianças brincavam presas aos cavalos. A boca desta cabeça, igualmente aberta, fazia um movimento para comer outras crianças em um paisagem de favela. A outra ideia era um empresário montado em um caveirão da polícia (BOPE) pronto para laçar quem passasse pela frente, a paisagem também seria de favela.

¹⁸ Colagem de vários fragmentos até se tornar a imagem desejada.

geralmente acontece quando fico muito nervosa em apresentar/falar qualquer tipo de coisa em público.

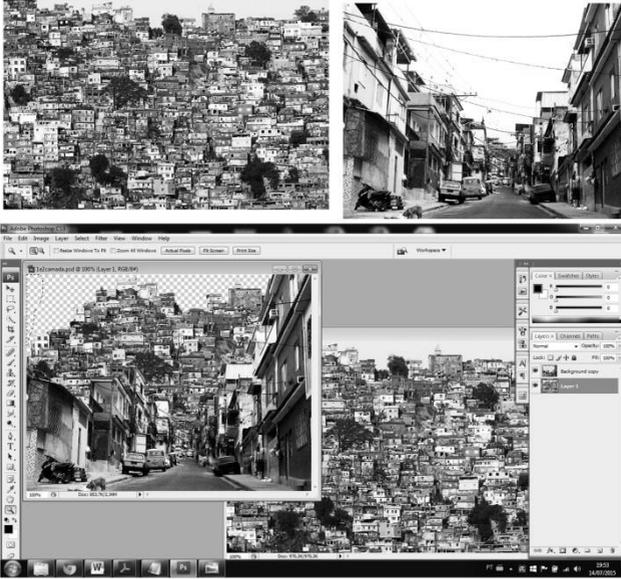
Passado esse dia exaustivo de conversas sobre minha pesquisa, decidi me arriscar mais uma vez no desafio da intervenção, já que é disso que minha pesquisa trata.

Sentei-me no computador, peguei meus rabiscos sobre as ideias que tive, minhas anotações sobre como utilizar os programas e comecei a vasculhar imagens no Google que se compusessem com as minhas ideias. Buscava algo relacionado à população carcerária e ao recorte classista e racista que essa instituição agrega. Procurei, então, imagens de favelas, subidas, becos e entradas... Recolhi o material e selecionei duas imagens para ser o fundo da ação – a invasão da polícia nas comunidades periféricas. Comecei então a fazer o recorte das imagens para depois sobrepô-las, completando, assim, o fundo.

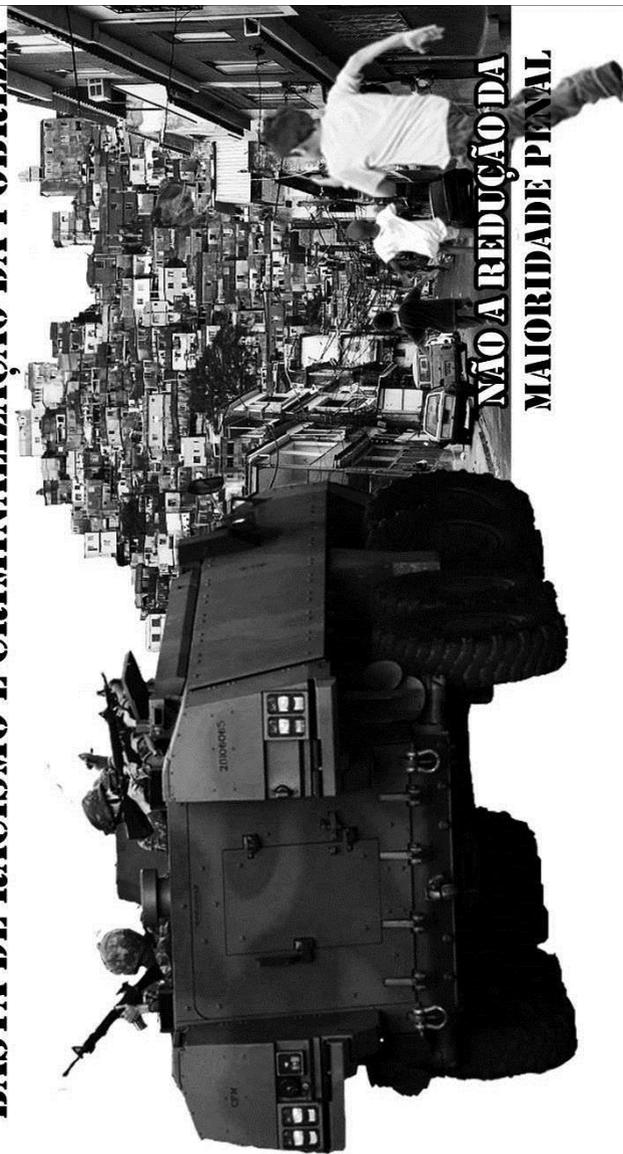
Montado o fundo, comecei a procurar fotos de tanques de guerra e camburões, tendo em mente as ações militares que aconteceram em algumas favelas do Rio de Janeiro e São Paulo, para instaurar as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) (e ações) que de pacificadora não tem nada. Salvei algumas imagens e escolhi a excursão de um veículo blindado de combate na favela da Maré. Segui o mesmo procedimento que havia usado antes, recortei e coleí sobre o fundo. Tendo em vista pôr em questão o contexto da redução da maioria, iniciei a procura de crianças e/ou adolescentes correndo de costas, buscando evidenciar os sujeitos da ação (polícia e os menores), escolhi três crianças que se encaixava na ideia. Recortei, reduzi, ampliei e procurei a melhor disposição para elas na imagem. Esses procedimentos foram todos feitos no *Photoshop*, programa de computador que mal sabia usar antes de começar a fazer este lambe.

O processo demorou por volta de 5 horas. O tempo foi longo pelo fato de eu não saber mexer no programa, o que me levou a buscar uma certa autonomia em seu manuseio, consultando minhas anotações, sites de ajuda e meu companheiro.

Dentre as várias camadas de ideias sobrepostas, montou-se uma imagem cujo resultado foi definitivamente inacreditável para mim. De uma ideia que parecia impossível de se materializar, pois eu não tinha prática nem conhecimento em produzir arte através de *softwares*, tampouco de material, consegui montar uma arte que me surpreendia a cada recorte e encaixe, sobreposição de imagens que desconfigurava e reformulava o desenho, tomando forma, o lambe-lambe, no processo criativo, configurando-se nesse percurso.



BASTA DE RACISMO E CRIMINALIZAÇÃO DA POBREZA



**NÃO A REDUÇÃO DA
MAIORIDADE PENAL**

Tão emocionada com o resultado, decidi expandir a imagem para 4 metros de largura e 2,5 metros de altura. Não sabendo quanto trabalho isso iria dar-me, comecei a fazer o recorte das peças em folhas A3, que posteriormente seriam encaixadas/coladas, uma a uma, manualmente, como um quebra-cabeça. Com o passar do tempo, dei-me conta que havia exagerado no tamanho: foram 67 peças de folha A3, uma hora para confeccionar os recortes pelo computador e mais uma hora só para o programa salvar a imagem inteira. Durante todo o processo só pensava, de folha em folha, quanto custaria demasiada empolgação. Mas caminhei até o fim, uma vez que já tinha passado 5 horas na confecção do material.

Por volta das duas horas da madrugada consegui concluir a arte, já estava exausta e lenta, movida a goles de café e alongamentos durante as pausas, fui deitar em dormência, satisfeita com o resultado.

No dia seguinte, impressas as 67 peças em uma gráfica, voltei para casa e comecei a separar as peças: em meio a texturas e tons de cores, foi-se separando uma pilha de letras, outra de amontoado de casas, outra de pedaços de casas maiores, outra de um extenso preto que pouco se diferenciavam entre si não tendo ideia a qual parte pertenciam mais. Comecei a espalhar os papéis pela extensão do chão, colando alguns pares de peças que se encontravam e juntando-os a outros pares. Durante uma hora, vi-me algumas vezes perdida na bagunça, não achava mais a peça que havia encontrado para encaixe, que mas havia alguns minutos estava em minhas mãos; não sabia onde estava a cola, a tesoura... Começava a amontoar novamente todas as folhas, organizando-as repetidas vezes e colocando em disposição algumas outras. Perdida em meio às imagens, decidi parar por um momento e só retornei à noite, quando encontrei ajuda de um amigo.

Nem mais o chão da casa comportava o exagero de um lambe de 4 metros e, entre colar, recortar, enrolar, desenrolar, demoramos pelo menos uma hora para organizarmos tudo. No fim, barbarizados e felizes com a imagem, olhamos um para o outro e dissemos entre risos, “Quero ver colar isso!”. E logo percebi que não fazia ideia do que significavam concretamente 4 metros¹⁹.

¹⁹ Esse lambe-lambe contra a redução foi o quarto que criei em computador, por isso tal inexperiência com o tamanho e demora.

Algum tempo depois...

A colagem também é um processo que se expande muito além do mero ato de colar. Quando se começa a intervir no espaço, impregnando-o, passa-se a pensar a cidade de uma outra forma, ou seja, percorre-se ela de outra maneira. Em cada caminho feito, olhos estão sempre atentos a uma parede lisa e extensa, a um canto mofado, muros e construções abandonados, aos tipos de pessoas que passam, às construções no entorno, às câmeras de vigilância, às movimentações. São diversos atravessamentos no corpo da cidade que são feitos antes de se colar um lambe.

Choveu naquela noite. Contra a vontade, tivemos que ficar em casa e planejar a colagem do lambe para o dia seguinte. Chega o dia, um amigo e eu preparamos uma cola a base de farinha, a cada um litro, cinco colheres de farinha e essa mistura é cozida por certo tempo. Tivemos de preparar duas panelas de cola, que foi armazenada em uma garrafa de 5 litros. Juntei rolo de tinta velho, cabo de vassoura, pano de chão, o lambe e amarramos tudo na bicicleta.

Como o lambe era muito grande, decidimos passar antes na casa de um casal de amigos e pedir ajuda – os dois aceitaram com grande empolgação (ajuda que foi essencial). Ficamos um tempo na casa deles conversando, pois ainda era cedo e havia muito movimento na rua naquele horário, eram aproximadamente oito horas da noite.

Quando chegaram as dez horas da noite, saímos os cinco a pé (os três amigos, o filho do casal e eu). Seguimos em direção a um muro atrás de um terminal de ônibus que ficava a dez minutos da casa, lugar estratégico que possibilitaria a muitas pessoas visualizarem o lambe e que, no momento da colagem, não tinha muito movimento. Conversando, ao longo do percurso, comentei sobre alguns lugares onde havia pensado em colar o lambe, dentre eles, um viaduto que dá de frente para o presídio de Florianópolis. Considerando os prós e os contras, decidimos arriscar colando no lugar mais ousado: o viaduto em frente ao presídio. Lugar em que o lambe-lambe faria uma articulação mais forte em seu significado.

Chegamos no local e observamos o melhor espaço para a colagem; em seguida pegamos a primeira parte do lambe, que havia sido dividido em três para facilitar o manuseio e colagem. Tentamos rapidamente nos distribuir em algumas funções. Como pensamos em mais adiante produzir um documentário, começamos a registrar a

colagem, função que minha amiga se dispôs a fazer. Meus dois outros amigos e eu organizamo-nos para a colagem.

A superfície para colar o lambe era a lateral do viaduto, portanto, ela tinha uma inclinação de uns 45 graus aproximadamente e a sua parte superior quase não tinha uma beirada plana onde pudéssemos apoiarnos, assim, quando tentávamos ficar em cima do lambe, estávamos sempre sujeitos a escorregar.

Passados os primeiros cinco minutos, percebemos que seria muito mais difícil do que imaginávamos – demoramos quase 20 minutos para colar a primeira das três partes do lambe e nesse meio tempo vários “desastres” aconteceram. O local era próximo à penitenciária, deste modo, era lugar de circulação de viaturas, mas por sorte nenhuma nos viu. A intervenção deveria ser rápida e discreta e não estava sendo-o, pois passados 20 minutos, a avenida começou a ficar muito movimentada: uma apresentação musical no Centro Integrado de Cultura (CIC), ali próximo, tinha terminado naquele mesmo momento e a saída de carros do CIC ficava bem em frente ao viaduto. Resultado: tivemos que parar a colagem e esperar embaixo do viaduto. A colagem parou por uns 30 minutos até que o estacionamento do evento se esvaziasse. Nesse intervalo percebemos que o lambe poderia ser colado de uma só vez, desenrolando-o aos poucos, de acordo com o espalhamento da cola sobre a superfície do viaduto. Também conhecemos um morador em situação de rua, Simão, que era de Xanxerê – SC e morava a mais de um ano naquele local. Perguntamos a ele se o incomodávamos; animado, como se estivesse esperando alguma companhia, ele levantou-se e começou a conversar conosco. Disse que o horário dele descansar era durante o dia e não à noite, pois “é à noite que se deve ficar mais atento”. Ficou curioso para saber o que estávamos fazendo ali; expliquei brevemente o que era um lambe-lambe e do que este em especial se tratava. Inicialmente, Simão relutou sobre a temática, não concordando, mas aos poucos, na conversa que travamos, ele levantou diversos apontamentos construtivos para que a conversa perdurasse por toda aquela meia-hora. Trago alguns recortes da fala deste companheiro: “É mesmo, só pobre vai pra cadeia. Os grandão nunca vão!”; “Só aumenta prisão, nunca diminui”; “Não é vandalismo não, deixa a cidade mais bonita. Tem todos esses outros aí, ó! Não é bonito?!”.

Conversamos um pouco sobre as medidas de punição que não mudam estruturalmente o que leva alguém a cometer um crime, a exemplo das desigualdade sociais, e que não são as medidas punitivas

que iriam mudar isso, pois cada vez mais vemos o aumento da população carcerária e nenhuma diminuição na violência. Ele lembrou-se do presídio privatizado em Minas Gerais. Comentamos sobre o negócio lucrativo que seria a perspectiva de uma futura privatização dos presídios e também comentei que já existiam medidas punitivas para menores infratores, medidas que se enquadram dentro do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), portanto, se fosse pelo argumento da punição, isso já existia.

Retomamos a colagem do lambe, agora acompanhados pelos olhos de Simão que nos ajudava a vigiar a movimentação. Ao colar a segunda parte, percebíamos-nos mais ágeis: enquanto um pegava o rolo e molhava na cola e repassava para outra pessoa que estava acima da imagem, outro passava cola na parte de baixo da imagem e ajudava a encaixá-la e esse procedimento se repetia em um vai e vem.

Numa certa altura do processo de colagem, o menino que estava em cima escorregou a perna sobre o lambe, rasgando um pouco a peça, juntamos os fragmentos de papel rasgados e concertamos o rasgo. Revezámos as funções de forma desajeitada, pois nem sempre cada um dava conta da sua. Em certo momento, fui para cima da imagem, tentando ajudar a encaixar as letras, já que eu conhecia bem o desenho. Não deu outra: naqueles dez centímetros de superfície plana, meu pé encontrou-se com a inclinação da superfície com cola, rapidamente me vi deslizando por cima da imagem. “Droga, não peguei isso!” - exclamou Izabel que registrava a colagem.

Um pouco desanimada e suja de cola, comecei a catar os pedaços de papel amassados e cheios de cola e a tentar encaixar no lugar. Ao começar a encaixar os pedaços rasgados, enquanto os meus outros dois companheiros continuavam a colagem, pensei que talvez não fosse dar certo. Passados uns 20 minutos de movimentos rápidos e nervosos, ainda agitados, conseguimos terminar a montagem. Recolhemos todo o material e nos escondemos debaixo do viaduto.

Enfim, encontramos-nos do outro lado da rua para olhar a imagem, entre comentários, exaustos, como: “Ufffaaa!”, “Pow! No início, achava que não iríamos conseguir”, “Meu tá animal!”. E assim nos distanciamos do lambe, após nos despedirmos de Simão agradecidos pela sua companhia e conversa.

O percurso de volta foi como um alívio, voltamos realizados e agitados, colando outros lambes menores durante o percurso de volta (Dinngo, Izabel, Pedrinho e eu).

No dia seguinte, peguei a bicicleta e fui até o lambe para fazer uma foto boa, o resultado foi animador, pois ele havia permanecido pelo menos mais de 12 horas, ou seja, alguns olhos já deveriam tê-lo visto (às vezes os lambes são arrancados rapidamente). Ele perdurou (perturbou “risos”) por quase 2 semanas, o motivo de ter durado tão pouco foi o de estar muito exposto às intemperes, não resistindo às semanas de chuva forte.





10000
DE PI

REZA

7

6

5

4

3

2

1
DA
MAL

9

8

DARE
TORIDA

15

14

13

12

11

10
DICA

18

17

16

24

23

22

21

20

19

27

26

25

33

32

31

30

29
LIZAC

28

36

35

34

42

41

40

39

38

37

45

44

43

51

50

49

48

47

46

54

53

52

BAST

51

50

49

48

47

RACI

53

52

BAST

50

49

48

47

46





TANTA CASA SEM GENTE, TANTA GENTE SEM CASA

O que se apresenta aqui não é o desfecho de uma cronologia contínua da experiência na produção do lambe-lambe *morador de rua*, mas fragmentos de experiências que foram marcantes na sua criação. Ao materializá-los por escrito, bem depois de sua prática na rua e nas andanças que atravessaram sua confecção, essas experiências passam a ser composta de esquecimentos e impressões pessoais, jamais sendo a expressão total do acontecido. Por isso esse relato se compõe de vestígios que se impregnaram em mim.

O lambe-lambe do morador de rua foi a minha primeira criação. Há muito ele já vinha de alguma forma se cultivando em mim, por causa de minhas andanças em ocupações urbanas e com moradores em situação de rua. Ocasões que me proporcionaram um olhar aproximado e que desenvolveram em mim um senso crítico e de revolta mais sagaz, pois estava inserida em movimentos sociais que atuavam em frentes de luta por moradia na Grande Florianópolis. Foi tecendo essas lutas que começou a pulsar em mim uma vontade de troca de experiências, de buscar dar visibilidade a ausência de políticas públicas para habitação popular, a exemplo: “minha casa minha vida”, albergues, banheiros públicos etc.

Para além das reuniões, atos, atas, panfletos, levantar paredes e cavar buracos, eu queria alguma coisa que impregnasse, permanecesse nas ruas incomodando através do encontro inusitado com reprodução de um morador de rua e afetasse a passagem das pessoas para uma desnormalização da situação de rua de algumas pessoas, algo que mobilizasse pensamentos em relação a essa questão, entendendo a imagem como uma estratégia de permeabilização do diálogo, outra forma de conversação, que mostrasse que estamos resistindo e ocupando os espaços de todas as maneiras, com arte, com casa, com mobilizações²⁰. Praticar a arte como ferramenta de luta, que desestabilize olhares, trajetos e pensamentos engessados, provocando nas pessoas alguma sensibilidade, que faça suspender o olhar emperrado sobre a população em situação de rua, os despejos e falta de moradia que são normalizados. Evidenciar que não há aceitação pacífica às estruturas bárbaras impostas. E é por meio desse ímpeto iniciei-me nas ruas com as

²⁰ Tudo fazia parte com o contexto social da cidade, onde três ocupações urbanas organizaram-se ao longo dos anos de 2013 e 2014.

intervenções, buscando nos olhares que penetram as imagens o pulsar de algum questionamento.

O lambe-lambe do morador de rua marcou a potencialização de uma trajetória, foi ele que deu início a minha prática de criação de intervenção, sendo meu primeiro e o que mais se espalhou pelas ruas da cidade de Florianópolis.

A fotografia que abre este relato registra uma das intervenções com o *morador de rua*, embaixo de um viaduto. Apesar das várias intervenções feitas, esse lugar é o mais marcante para mim, pois neste local, quando eu passava de ônibus para ir ao centro ou às reuniões dos moradores em situação de rua, sempre me torcia no banco para espiar pela janela um homem velho e cheio de trajes que ficava embaixo daquele viaduto, era um gesto involuntário, mas procurava encontrá-lo naquele mesmo local todas as vezes que passava. Naquele um minuto de sinaleira fechada, buscava observar as pessoas no ônibus, ver se percebiam aquela situação. Nunca percebi alguém olhando, pois exigia que se virasse um pouco para trás para vê-lo, ou notando-o antes do ônibus passar por baixo do tal viaduto. Será que era tão normal?

Fazia aproximadamente dois meses que o via ali, onde eu passava de ônibus uma vez por semana – aproximando-se dessa realidade sempre fica-se atento para as pessoas novas que aparecem morando na rua. Em certa reunião dos moradores em situação de rua, como de costume, foram feitos informes por um dos representantes; um deles foi de que, após a reunião, o representante iria ao Instituto Médico Legal (IML) para reconhecer dois corpos. Infelizmente, esse tipo de informe era habitual naquele espaço de reunião.

Na semana seguinte, assim como nas que se seguiram, não encontrei mais o homem que morava embaixo do viaduto. Não sei se um dos corpos citados era dele, mas, depois daquele dia, nunca mais o vi, nem ao menos havia trocado uma palavra com ele e foi no ato rápido da colagem, que lembrei-me de outros moradores de rua, dos muitos que se vão, para outra cidade, outro lugar, dos que somem. É ali, naquele lugar, que o lambe-lambe se encontra, lugar irrelevante para alguns, mas que para outros é ou foi uma casa.



mend



mend1



mend2



mend3



mend4



mend5



mend6



morador de rua





BLOCO II

INTERRUPÇÕES: VAGAR EM OUTRAS BANDAS





LEITO - 15

DOBRAMENTOS E RASGOS: TECER ACONTECIMENTOS

Era mais um dia chuvoso de paisagem cinza e aguada, fazia mais de duas semanas que não se tinha um dia de sol, o horizonte era nebuloso e conferia ao cenário um tom mórbido. Caminhava na calçada com minha maleta e uma grande mochila de acampamento, às margens das veias de carros convulsas e ensurdecedoras. Encontrei em frente ao presídio Izabel e Dinngo, amigos de colagem e oficinas de lambe-lambe, que aceitaram o convite para compor juntamente essa oficina. Juntos, sob olhares vorazes de motoristas impacientes, atravessamos os altos e pesados portões do complexo penitenciário. Ao dar aqueles passos, buscava rasgar as imagens obstinadas que se colavam no entorno daqueles muros e sob as pessoas que estavam lá dentro, imagens de um imaginário social que confere àquelas pessoas internas o perfil pré-concebido de “bandido”, “vagabundo”, “preto”, “inútil”, “louco”, “descartável”, “ignorante”...

Lançava-me ao desafio de esvaziar-me de todos esses adjetivos e buscar outra coisa a partir das intervenções com oficinas, produzir outra coisa que não aquilo que já estava pré-conferido. Não sei se seria possível.

Encontrava-me insegura, não em relação à prática em si, mas em sua concepção, em como apresentar o lambe, aquele espaço exigia sua reconfiguração, pois antes praticava o lambe-lambe na rua, com pessoas que a vivenciavam, mas agora enfrentava outro lugar completamente diferente, um local de confinamento, outras “ruas”, caminho composto por corredores, cubículos e enfermarias. Por ali tudo parecia impossível, grades que fragmentavam cada pequena parcela de espaço, intensa vigilância, punições, reclusão, medicalização... Deparava-me desordenada pela possibilidade da oficina acontecer naquele lugar. Afinal, era mesmo possível? De certa forma, sentia-me forte pela enorme vontade de causar alguma mudança, porém acuada por uma sensação de privilégio e desconhecimento daquele lugar, afinal eu estava vindo de fora, embrenhava-me em uma zona nebulosa. Que lugar era aquele que eu adentrava? Sentia-me uma forasteira. Como conversar com pessoas em uma situação desconhecida para mim e para maioria das pessoas? Pessoas que possuem suas condições cotidianamente negligenciadas ao carregarem consigo o rótulo de “criminosos”. Circunstância que lhes afastam das problematizações contemporâneas ao conferir não só adjetivo e punição ao interno, mas uma política que

moralmente confere a culpa ao indivíduo, ao desviar de algo que indague as condições sociais e psicológicas postas a ele.

Nos passos questionava-me como uma viajante que propõem deslocamentos impregnando a cidade com (re)significações e intervenções: iria traçar isto dentro de um lugar de reclusão, ainda mais em um espaço restrito, em relação ao qual se é cego e onde as pessoas estão destituídas de direito de transitar? Como vou dialogar? Será que algo aqui escapa? Até que ponto terei de me moldar ao meio? É possível alterá-lo? É aqui que a potência criativa da oficina buscava traçar novos percursos na prática educativa, possuindo a oficina grande força política e rigor nos movimentos que estavam para se tecer. Era através da autoconfrontação, das escolhas, das adaptações e rupturas que a educação aqui se mostrava em processualidade ao se constituir em seu próprio caminhar.

Portanto, é neste cenário que a cartógrafa lançava-se mais uma vez ao desconhecido da oficina, buscando desacomodar os espaços de confinamento ao tencionar expansões e alargamentos, delineando possibilidades de fazer vazar algo e suspender fronteiras daquele território²¹.

“BRrrreack!”. Com o ruído de uma grade se abrindo atravesssei mais uma fronteira de ferro, após identificação feita aos agentes, conversa com a psicóloga e apresentação do projeto, encaminhá-vamos para o primeiro dia de oficina naquele lugar. No desconhecido buscávamos cuidadosamente “encaixotar-nos” nas exigências daquela estrutura, pois almejávamos retornar... Neste dia, a psicóloga e duas estagiárias acompanharam nossa oficina. Apesar de ter dois amigos para fazer juntamente comigo a prática da oficina, ainda me sentia insegura e o mesmo passava-se a eles. Olhava minha maleta, a mochila e um papel com os eixos mobilizadores da oficina, os quais usava como tática para alcançar algum alargamento e evitar de me confundir. Esses materiais deixavam-me levemente segura, mas também me sentia consideravelmente entregue ao desafio de saber que talvez nada seria como o planejado. Eu estava ali para buscar algo que não cabia na escola, uma experiência de aprendizado horizontal que fugisse de um

²¹ Realizar tal suspensão foi um exercício de arriscar-se nas possibilidades de alargamentos naquele espaço testando as possibilidades do lambe-lambe sair daquele espaço de confinamento, primeiramente foi feita a colagem por mim de seus lambe-lambes na cidade e posteriormente tentei encaminhar judicialmente uma saída de campo com três internos para fazer colagem.

conhecimento institucionalizado, buscando trabalhar fora da conscientização, ao propor deslocamentos pensantes, evocando reflexão e questionamentos.

Apesar de ter ferramentas que me davam suporte, o desafio já havia sido lançado e o caminho estava para se traçar. Assim como no movimento de um viajante, a oficina tem um horizonte, porém trata-se de uma ideia não muito clara de onde se quer chegar, o caminho é cheio de desvios e escolhas que vão dando forma à viagem ao se caminhar. “Mesmo que tenhamos horizonte, a estrada que nós dirá o rumo”, frase que escrevi num caderno de campo quando fazia uma viagem de carona para o Chile, nada saía como planejado...

“BRrrcreck”. Mais barulho de chaves, no corredor o agente informava aos outros que era a oficina, entreguei-lhe uma lista com os nomes dos internos interessados e “aptos” a participar, lista não feita por mim, mas pela psicóloga. Ao caminhar pelos corredores e atravessar grade por grade, suas peças compartimentadas aludiam a um filme, era como *flashes*, “preto, cena, preto, cena...”, olhares me acompanhavam, em cada “cena” pacientes, uns pegavam sol, outros jogavam bola, os olhares logo eram repreendidos pelo segurança que guardava a porta de grade do lado oposto a eles. Havia recebido orientação de não olhar para os lados e, como era meu primeiro dia, levemente tentei seguir as orientações. Ao virar em um corredor à esquerda, mais chaves e se abria mais uma grade.

“BRrrcreck”. Esse corredor era mais escuro, muitas portas de madeira pesada seguiam-se nele, pareciam antigas e grossas, na altura do olhar existiam pequenas janelinhas com grades e portinholas. Com esforço curioso conseguia mirar levemente o que continham, ali eram os quartos “enfermarias”, como chamavam os internos, acima das portas havia, escrito em papel, o nome de cada um; a cada dois metros, uma porta, seguida de outra e outra...; algumas revelavam pacientes deitados, outras, no momento, estavam vazias; ao fundo do longo corredor, uma porta, agora cinza, aparentava ser pesada e de ferro, também possuía uma janelinha gradeada, lá dentro era branco.

“BRrrcreck”. Abria-se a porta, era ali, o refeitório, espaço em que aconteceriam todas as oficinas. Tudo era branco, as seis superfícies daquele espaço; do chão às paredes, azulejos brancos; havia no alto de uma das paredes pequenas janelas gradeadas; o teto era pintado de branco. Mesas com cadeiras acopladas se distribuíam uniformemente pelo espaço em fileiras, ao fundo um balcão de cimento e por trás uma grande geladeira, um *freezer* e uma pia.

Neste lugar demasiado branco eu adentrava com minha maleta e a grande mochila de acampamento, parecia estar indo para um lugar muito distante, fisicamente não o era, apenas quarenta minutos da minha casa, mas socialmente sabia que sim. Aos poucos, meus companheiros e eu, também oficineiros e interventores, alterávamos ligeiramente o espaço com os materiais da oficina, construía-se um novo cenário, espalhávamos desenhos por uma mesa, em outra saía de minha mochila projetor, computador, extensão, revistas, pincéis etc. Enquanto montávamos tudo, ouvia-se o vigilante chamar os nomes presentes na lista que havia sido entregue aos guardas. Penduramos muitos lambe-lambes na parede úmida, a apatia branca era quebrada, aos poucos os internos iam chegando e, ao fundo, eu havia deixado projetando imagens de lambe-lambes.

Como era um dia de chuva, tinha sido informada pela psicóloga que talvez não viriam muitos deles, mas fomos surpreendidos com 19 internos de 24 listados. Quando todos haviam se acomodado nas mesas iniciaram-se as apresentações. Sob olhares curiosos logo expunha, “Vocês devem estar se perguntando o que é lambe-lambe, né?! Alguém sabe o que é?!”. Silêncio, até que o primeiro arriscou dizer que a psicóloga comentara anteriormente que é uma colagem, mas que ele não entendera muito bem. Então expliquei que era uma técnica de intervenção urbana onde se faz a colagem de um papel sob uma superfície e indiquei as imagens que estavam sendo projetadas atrás de mim e as que estavam espalhadas pelas paredes e mesa. O interesse e o diálogo foram despertando aos poucos e quando perguntei se conheciam mais alguma outra técnica de intervenção mais um arriscou, “eu sei, tem o grafite, perto de onde eu moro tem uma pista de skate e lá tem, tem também num viaduto”. Perguntei se alguém já tinha feito alguma intervenção, novamente silêncio, uns pareciam ter o que dizer, mas não disseram nada. Lancei assim mais uma pergunta, “E por que será que se faz essas intervenções?”. Através dessa pergunta traçaram-se de forma horizontal conversações sobre as possibilidades de romper com o exclusivismo hegemônico da comunicação e a falsa assepsia da cidade. O que se delineou ali foi uma forma de habitar a cidade de outra maneira através de intervenções, questionamo-nos o que essas expressões no cotidiano podem mobilizar política e esteticamente, ao provocar experiências visuais no espaço urbano e (re)configurar a paisagem da cidade.

A problematização exposta pelos internos surgiam inicialmente de relatos advindos do contato visual com a cidade e seus processos de

reconhecimento de uma comunicação “marginal” e de outras consideradas “legítimas”, no primeiro caso as diferentes formas de intervenções e, no segundo, as propagandas publicitárias (*outdoors*). Traçando esses relatos de como as cidades foram experienciadas pelos participantes é que se encontrava o movimento deles no percurso da questão-problema, vasculhando lembranças para fazer aparecer os atravessamentos que as intervenções na cidade lhes havia proporcionado.

A prática com oficina propunha acontecimentos, as perguntas eram estratégias de afetações que invadissem aquele espaço construindo a possibilidade de deslocar a imaginação, lançar o pensamento às formas e às forças que se gostaria de impregnar a cidade e a qual mensagem gostar-se-ia que fosse tirada lá de dentro para impregnar os muros e afetar os transeuntes.

Dando continuidade ao movimento dentro da comunicação marginal e de rua, projetei um vídeo chamado “Cola de Farinha”²² em que artistas de rua faziam suas intervenções e comentavam sobre elas, nos primeiros segundos prontamente alguns já se agitavam com a trilha sonora de Rap, o vídeo era mais uma estratégia de imersão que encontrara, um breve deslocamento em que claramente consegui ver respostas, pois no decorrer da projeção adentravam relatos, comentários, perguntas e risadas feitas pelos participantes. Nos atravessamentos à projeção apareciam comentários, “Já estamos cansados do que tem aqui dentro, queremos mesmo ver o que tem lá fora, traz mais desse para nós, professora”, “É muito bom quando vocês trazem cinema para nós”, “Isso me lembra a pista de skate”, “O cara é loco!” (um deles comentava a respeito de um artista que colava baratas saindo de bueiros). O vídeo funcionava como um disparador, uma fuga que subjetivamente rasgava e desintegrava aquelas paredes.

Ao fim da projeção, havia planejado uma conversa baseada nos eixos anotados previamente, mas a agitação dos participantes acabava direcionando um salto, uma vez que ao final da projeção alguns já se colocavam prontamente de pé e perguntavam, “Quando vamos começar?”, “Ah! Posso ir ali até a mala ver os materiais?”; outros passeavam o olhar sobre os lambe-lambes que estavam à disposição nas paredes e mesas. Não queriam mais conversar sentados naquela configuração escolarizada e formal, todos demandavam ação, a prática-invenção tomou início sozinha, entre comentários de alguns mais

²² Link: <https://www.youtube.com/watch?v=LPKR2JSsFXM>

tímidos e outros nem tanto, “Não sei desenhar”, “Não tenho o que escrever”, “Vou escrever uma poesia”, “Acho que tínhamos que falar mais das relações verdadeiras, da amizade”, “Posso pegar essa canetinha?”; a oficina seguia por movimentos curiosos onde as vozes confluíam-se numa bagunça.

Ah! Então posso dizer o que penso agora? Então é assim, oh! Levar mais união, compartilhar conhecimentos e histórias. União, amizade verdadeira, porque hoje em dia tem muito interesse. Não estou querendo colocar isso como... Como... É... Não querendo generalizar, mas hoje em dia o interesse vem do dinheiro e da droga, muitas vezes no meio da malandragem. União, compartilhar um jogo de futebol, um jogo de cartas, um cinema, um filme.... União e confraternização, é isso aí! (Interno ao dizer o que gostaria de colocar nas ruas)

Com um pouco de estímulo todos arriscavam-se a criar, pouco a pouco linhas, traços, rabiscos de(s)lineavam-se. Rompendo a barreira do “não sei”, todos os dezenove internos lançavam-se no desafio, traçavam experimentações com letras tímidas e tremidas, poesias e desenhos curiosos davam forma e criavam o que queriam que estivesse lá fora. Um ato curioso, já que não era isso que eu imaginava, mas que se tornou óbvio quando aconteceu – afinal, é desta forma que acontece a técnica do lambe-lambe –, foi quando um dos participantes pegou seu lambe e fixou na parede com cola. Assim seguia a construção de um mural, um rasgo na parede e que planejava sair de lá.

O tempo de criação era meio apertado, para toda a oficina havia sido disponibilizada uma hora e meia, pois o local onde aconteciam as atividades era um refeitório. A oficina acabava sobre a pressão de deixarmos o espaço limpo, já que em alguns minutos iria ser preparado o café da tarde, assim terminávamos nossa atividade com pedidos de retorno feito pelos participantes. Apertos de mãos encerravam a atividade. Hora de recolher a bagunça.











UM RASGO PARA UMA ARTE EM FUGA

En(treme)ios...

A ideia da saída de campo foi cogitada e mapeada no transcorrer das atividades-oficinas no HCTP, constatando sua viabilidade através de conversas com psicóloga e estagiárias. O processo de planejamento²³ estendeu-se por longos dois meses de espera e insistência, percurso burocrático no qual, até o dia em que se efetivou a saída, eu tinha minhas dúvidas se era esforço em vão ou se realmente iria realizar-se.

Uma semana antes à saída de campo com os internos (relato que irá se seguir abaixo), Camila e eu travamos uma conversa com a psicóloga, que nos esclareceu que a saída de campo possivelmente aconteceria nas próximas duas semanas, mas que não havia nada certo, já que o prazo limite²⁴ estava aproximando-se e o juiz ainda não dera resposta concreta. A psicóloga pontuou-nos que seria possível levar apenas três ou quatro internos dentre os vinte e quatro listados na solicitação enviada ao juiz e perguntou se teríamos estes três ou quatro nomes para indicar. O sorriso de êxtase ao ter ouvido “possível saída de campo” foi sumindo da minha face ao ser surpreendida com a notícia de que teria de escolher um número tão reduzido dentre eles. Frente a esta situação, notei que deveria ter cogitado a possibilidade disso acontecer, não estava preparada para tal situação, só pensava comigo, surda ao entorno, “Que conversa terei que travar com os outros que não iriam?”, toda a fantasia pareceu descer ralo abaixo, eu não queria reproduzir a mesma lógica de mérito e bom comportamento daquela instituição, logo, abster-me de escolher apenas alguns deles, já que, por minha oficina, haviam passado mais de vinte participantes, para mim todos mereciam estar participando, recusava-me, ao não querer fazer mais do mesmo, selecionar os “aptos”, minha cabeça explodia em caos enquanto meu corpo transparecia silêncio. Até que abri a boca e afirmei que iríamos pensar, expressando na face um leve sorriso de animação enquanto desviava meu rosto para pegar um copo d’água em procura de distração...

²³ Planejamento de roteiro, produção do ofício solicitando a saída de campo com o Juiz do presídio, conseguir autorização de uma escola para que se colassem os lambe-lambes em seu muro, aguardar respostas, etc.

²⁴ No caso, a festa de natal que daria encerramento as atividades do ano, portanto a saída deveria acontecer antes dessa data.

O Rasgo...

Fora um dia em que despertara como se não houvesse dormido, passei uma noite de pouco sono e ansiosa, cheguei a ter mais de um sonho sobre a saída de campo, *déjà vu* agoniantes, cada um portando uma loucura distinta, coisas que davam certo e outras que davam errado, e que ao despertar demorava-me em recuperar a lucidez da realidade. Reflexo de alguém que ainda não sabia como reagir a algo inesperado, já que a saída fora autorizada três dias antes de sua realização, era um acontecimento extraordinário. A possibilidade em mim ainda se inaugurava, já que a solicitação vagava a mais de dois meses por dentro das burocracias da instituição e suas longas esperas, por vezes, nem conseguia reconhecer sua real possibilidade. Conquistamos, Camila e eu, algo que parecia impossível, tirar internos de dentro do “hospital presídio”.

Era um pouco antes das nove horas da manhã quando entrei no presídio, o portão de entrada dava para o estacionamento nos fundos do HCTP. Nesse dia, encontrei logo o grupo preparado para a saída de campo, estavam ali, a psicóloga, duas estagiárias de psicologia, dois agentes penitenciários que iriam dirigir os automóveis e Camila²⁵. A psicóloga responsável, antes de se retirar para uma reunião, informou-nos quem eram os três internos que iriam à saída e indicou-nos que estavam a caminho, até aquele momento não sabia quais eram os internos que iriam, pois havia decidido abster-me do processo de escolha, mas no caso fiquei feliz com o resultado, eram pessoas que sempre participavam e tinham grande interesse pelas oficinas.

Entusiasmada, observei uma Kombi e um carro que estavam disponíveis para saída. Logo me encaminhei à Kombi para descansar minha pesada mochila, neste curto percurso fui advertida de que iríamos em um carro separadas dos participantes. Sem muita digressão informei que precisávamos mostrar e falar coisas durante o percurso com os participantes, a estagiária questionou-nos se não íamos apenas até a escola onde seria feita a colagem e então expliquei que no projeto da saída havia um roteiro onde observaríamos a cidade e suas formas de comunicação, o agente sentado no banco de motorista da Kombi olhou para trás com ar de reprovação e disse que não haveria banco suficiente já que aquele era o transporte das marmitas e os bancos haviam sido arrancados deixando apenas um, rapidamente busquei que ignorassem a condição e afirmei que não havia problema, depois de algumas

²⁵ Amiga eicineira no HCTP.

tentativas e contra-argumentos por parte deles (para não nos deixar ir juntamente com os internos), conqui convencê-los do contrário.

Sem demora os internos chegaram, estavam bem animados e cumprimentaram-nos com entusiasmo, dois estavam arrumados trajando roupas comuns. Relato isso porque sempre os via de veste branca ou laranja fluorescente, com números de identificação (uniforme do presídio). O terceiro estava todo de branco. Observei que haviam recebido maior medicação que nos outros dias, pois os efeitos colaterais eram mais evidentes (tremedeira, lentidão, fadiga). Entramos na Kombi vibrantes e passamos a curta viagem nos revezando entre um único banco e um suporte de madeira no lado oposto ao banco, que nós posicionava de costas ao trajeto. No momento em que a Kombi começou a mover-se caímos na gargalhada ao observar o chão deslizar por um buraco na ferragem do fundo do veículo. Observei aquele chão-prisão afastar-se pelo pequeno buraco e pensei “nós fizemos esse buraco, forjamos uma breve fuga”, respirei fundo e ergui meus olhos para o portão que agora atravessávamos juntos.

Inicialmente conversamos sobre o que seria feito, pois nada havia sido informado a eles até o momento, já que não havia garantia nenhuma até dois dias antes. Disse: “Agora nós vamos colar nossos lambe-labes juntos, né?” [risadas]. No caminho sempre havia conversa, “Esse lugar aqui eu conheço, ó”, “Olha esse largarto [grafite]! que massa”, “foi aqui que a professora colou aquele lambe lá, né?”, percorríamos o caminho com olhares e comentários inquietos, as propagandas publicitárias gritavam na nossa cara, mas conseguíamos capturar as pequenas intervenções que faziam desviar nosso olhar e pensamento.

Cinco minutos após a saída do complexo penitenciário já havíamos chegado ao muro da E.E.B Simão José Hess, escola onde tive autorização do diretor, Nazareno José Martis, para fazer as colagens. Pegamos os materiais, descemos observando a textura do muro e as partes que ainda não haviam sido desenhadas por grafites. A parte onde não havia Grafite era de salpico, impossível de fazer a colagem, mas por fim achamos um pequeno espaço entre dois desenhos, algo como as bordas deles, fiquei preocupada em interferir nos desenhos já existentes, “atropelar” como se o diz entre os artistas de rua, contudo, o pequeno espaço que ocuparíamos não irá afetar a arte, ainda mais que se trava de papel, que descolaria com o tempo, posto que ficaria exposto às intempéries da rua. Escolhido o local, acomodamos nosso material no chão, garrafinhas com cola de farinha, uma pasta com os desenhos dos

participantes da saída e dos outros internos, pedaços de esponjas, pano velho e o lambe-lambe grande (uma garrafa quebrada em que dentro havia um barco navegando). Decidimos iniciar por este lambe maior.

Eles dividiram entre si tarefas da forma que se sentiram à vontade, perguntei se algum deles gostaria de registrar aquele momento filmando-o, quem sabe para mostrar em um próximo encontro no HCTP com os outros participantes das oficinas; um deles prontificou-se a filmar. Passado não muito tempo, ele comenta, “Oh! Minha mão começou a dar uma tremedeira de novo. É... Não posso tomar remédio, acelera o coração, acelera tudo, o sangue, sei lá”, a psicóloga rapidamente entrevistou e disse que ele precisava dos medicamentos, pois deixava “a cabeça boa”, o paciente, sem jeito, concordou.

Sem medo de sujar as mãos, eles buscavam intervir usando as ferramentas, empunhavam lambe-lambes, esponja e garrafa de “grude” (cola feita de farinha). Distribuía a cola pela superfície, mãos se cruzavam em um esforço coletivo, uma vez que o lambe-lambe da garrafa tinha quase dois metros de comprimento. Os participantes davam grande atenção aos detalhes, observavam se a cola estava bem distribuída por toda a superfície, perguntavam ansiosos se estava bom e mergulhavam em mais um esforço nos detalhes para uma boa intervenção. Todos miravam com cuidado o melhor posicionamento do lambe-lambe. Com o papel grudado na superfície, iniciaram o trabalho de tirar os dobrados e passar a camada de grude sobre o papel. Em meio ao silêncio atencioso lancei o questionamento: “Qual a sensação galera?”, ao que responderam: “Eu tô achando maneiro, da hora”, “Maneiro pra caramba”, “Pô, é legal, né, ter os nosso [lambes] aqui também”.

Colado o lambe-lambe da garrafa, abrimos a pasta com os lambes menores produzidos em oficinas com todos os internos. Os pacientes presentes tiveram uma surpresa, pois em certa medida não esperavam que eu tivesse guardado aquele material e ficaram felizes em procurar cada um o seu ou reconhecer aqueles de outros colegas. Acima do lambe da garrafa foi formando-se um mural de desenhos, onde cada um tomou a autonomia de colar um, dois, três e assim por diante. Tentávamos lembrar de quem eram os desenhos que colávamos, na intenção de prestar homenagem diante da câmera filmadora – filmagem que futuramente projetaríamos no HCTP aos companheiros que não puderam ir à saída de campo, para que vissem que suas intervenção também participaram da colagem. Tinho, um dos internos, mostrava:

“Esse aqui é o meu, ó. Aqui estão todos os problemas enterrados, já aqui, então viemos celebrar” e colou.

Era um dia nublado e uma fina chuva iniciava após os primeiros trinta minutos, nesse momento as estagiárias pressionavam para irmos embora, minha mente, relutante pelo rompimento daquela “impossível” saída, insisti na conquista de mais alguns minutos, pois afinal havíamos conseguido autorização para uma saída de duas horas. Os “viajantes” também pouco se importavam com as pequenas gotículas em suspensão, pareciam nem as terem notado, e assim permanecemos mais vinte minutos. Finalizada a colagem atravessamos a rua para mirar nossa intervenção e, com exclamações positivas, as admiramos. Pensei comigo que para uns aquilo pode não significar nada, apenas papéis colados com rabiscos indecifráveis, letras tremidas, tortas e por vezes ilegíveis, mas aquilo era muito mais que um papel, ali agiu uma força maior, fluxos foram traçados para tencionar aquele movimento de fuga, toda a sua potência esteve nos caminhos traçados e percorridos para se chegar até ali, as intensidades que o lambe-lambe propiciou tiveram força política de mudança, onde se buscou desenhar uma outra educação e fazer três pessoas, que naquele momento deveriam estar em confinamento, sair à rua para lançar gritos nos muros da cidade. Esta saída foi como diluir algumas barreiras, possibilitou olhar para trás e ver o quanto conseguimos caminhar ao desafiar cada passo de um caminho ainda a percorrer.

A chuva amenizou. Percorremos os olhos pelo muro colorido de grafites, decifrando ideias, desenhos e linguagens. “Isso é uma pato? Não! É uma pessoa com máscara de pato... Aquele é um peixe”, “Olha ali o cara com bigodão, que manero aquele ali”, no caso, era um grafite representando Salvador Dali, “Aquele tenho que filmar”, “aquele ali fala: Vai vendo!”, “O que é isso aqui? Deixa o carro passar que eu filmo... Filmei legal, peguei já, parece aquele bicho... Um rinoceronte”, “Aqui é legal andar de Skate quando não está chovendo”. Percorrido o muro entramos na Kombi, o agente que dirigia nos pergunta, “Agora é só voltar, né?”, respondo que sim, mas que o percurso seria mais longo, pois o roteiro programado (dando ênfase a esse último par de palavras) era passar pelo Córrego Grande onde havia um muro de Grafite e voltar pelo Itacorubi, o agente um pouco relutante aceitou e as estagiárias decidiram voltar com o outro carro à penitenciária enquanto seguimos com nossa saída. Com mais vinte minutos de saída de campo mobilizávamos nosso pensamento sobre as formas de linguagem que habitavam a cidade.

A saída também criou um ambiente mais horizontal entre asicineiras (Camila e eu) e os pacientes-internos, onde nos sentimos a vontade para trazer algumas vivências, as quais não detalharei aqui para não expô-los, todavia foi uma aula em campo, onde o aprendizado fora compartilhado e, acima de tudo, experienciado.

Depois de aproximadamente uma hora e meia, adentramos os portões do presídio novamente. Eles agradeceram muito pela saída, por nos termos esforçado pelas oficinas e pelo passeio, estavam realmente felizes, e assim nos despedimos.

Ao despedirmo-nos deles, Camila e eu, muito animadas, abraçamo-nos felizes por finalizar as atividades daquele ano desta forma e notamos que foi possível fazer vazar algo; algo ali rasgou e transbordou, alguma coisa foi alterada, não só a intervenção na cidade, mas algo escapou naquele espaço de reclusão, alguns limites antes colocados haviam sido rompidos e nossos horizontes cada vez ficavam mais distantes, para que a caminhada de uma viajante-oficineira fosse cada vez se importando menos com as fronteiras e forjando um caminho cada vez mais distante.









RETORMAR OS PASSOS, TRAÇAR NOVOS CAMINHOS²⁶

Era cedo, por volta das nove horas da manhã, porém o dia já se encontrava extremamente quente. Apesar de o presídio ser a minha primeira atividade do dia, ao me aproximar dos seus muros, sentia a fadiga de um fim de tarde, o suor escorria pela testa e também molhava a camisa. Eu carregava, como de costume, uma grande mochila com material para as oficinas nas costas, a “mala de ferramentas da pesquisadora cartógrafa” em uma das mãos e uma bolsa com o retroprojeter na outra. Sozinha, percorria os contornos firmados pelo muro do complexo penitenciário até chegar a um recuo com um alto portão de metal. Estava ansiosa em retomar as atividades, preocupada em saber se eles estavam incomodados com minha ausência de mais de dois meses²⁷. Parei em frente ao portão e dei mais uma olhada nas minhas anotações.

As vezes que adentrara o presídio foram em horários de engarrafamento na avenida a sua frente, motivo que também me fazia optar em percorrer a pé certa parcela do trajeto, em razão disso, permitia-me observar as pessoas que circulavam naquele lugar, poucas vezes encontrava-se alguém a pé, em sua maioria estavam de carro e obstinados a andar na lenta fila de carros, ignoravam o em torno com o olhar persistente em seguir o mínimo movimento do veículo a frente, outros buscavam distração em objetos próximos e no celular. Do mesmo modo, conseguia identificar nos poucos transeuntes olhares cheios de estigmas atentos em buscar o perfil de quem adentrava no presídio. Quando atravessava seus muros sentia transpassar um involucro de identidades fixas (bandido, marginal, vagabundo, preso, lixo, louco, doente mental). Identidades fortes, inspiradas a legitimar aquele lugar de punição, culpabilizando indivíduos e desvinculando-os do sistema social. Seriam seus muros a analogia com uma cortina de “adjetivos”? Um involucro? Algo que esconde a necessidade de problematizar coisas bem maiores?

²⁶ Primeira oficina de 2016, 07.04.2016. O que irei escrever a partir de agora não é a narração e nem mesmo a transcrição literal do que aconteceu na oficina, especialmente no que diz respeito às minhas falas, mas é a aproximação do que me lembro das conversas com os participantes, trata-se daquilo que mais me marcou.

²⁷ Ausência devido as férias do início de ano.

Ao adentrar o portão do presídio uma van seguia a minha frente impondo sua irritante sirene, em alguns passos alcancei a guarita onde alguém, dentro da van parada, estava prestando esclarecimento, o alarde já havia parado e ela informava que levava dez presos ao presídio. Senti náuseas e pensei, “Eram mais dez, os números nunca diminuem, isso é uma M...”. Notei que aquele veículo seria pequeno para carregar dez pessoas e, ao me colocar diante de sua janela coberta por uma escura película, observei que pequenos feixes de luz delineavam formas humanas; atenta aos contornos, constatei que havia um agente posicionado de pé empunhando uma arma direcionada para baixo, a forma de uma cabeça de perfil mostrava-me que existiam pessoas sentadas no chão. O diálogo entre a agente de segurança da guarita e o homem na van foi breve e o veículo seguiu seu caminho. Respirei e voltei meu olhar para a agente de segurança que aguardava algum explicação de minha presença ali. Ainda na sensação de inércia, cumprimentei com bom-dia informando que iria realizar uma oficina no HCTP e, em passos lentos, segui meu caminho, a entrada foi fácil dessa vez, pois quem estava na guarita neste dia sabia das atividades que eu desenvolvia.

Ao adentrar a ala do HCTP encontrei três pessoas sentadas em bancos, uma senhora e dois homens, que pareciam esperar por algo, pois mantinham um olhar exausto. Busquei conversar com a senhora que parecia receptiva ao diálogo já que me direcionava um olhar curioso. Como nunca havia visto pessoas ali, perguntei o que esperavam e ela informou-me que aguardava pela consulta com a psicóloga, o homem, ao seu lado, desanimado comentou que estava à espera desde às sete horas da manhã²⁸. Aguardei ansiosamente por volta de quinze minutos, estava um pouco inquieta, pois me preocupava com o tempo da oficina, que ia encurtando. Nesse meio tempo de espera, passaram por mim dois agentes, a mim desconhecidos, que ao me verem com mochila questionaram-me o que fazia ali. Os pertences eram o que me diferenciava dos outros, pois as pessoas que iam à consulta deixavam seus pertences na revista antes de passarem pela guarita anteriormente citada, e eu realmente me encontrava carregada de bolsas. Pedi para

²⁸ Posteriormente descobri com a psicóloga que o HCTP também deveria cumprir sua função enquanto hospital e atender a comunidade, isso acontecia de segunda à quinta e neste dia era uma quinta-feira, dia da semana em que foi acordado para acontecerem as oficinas neste ano, no ano anterior aconteciam às sextas-feiras.

entrar e arrumar a oficina, os agentes que não me conheciam, negaram o pedido.

Passados alguns demorados minutos, a psicóloga liberou um paciente e autorizou minha entrada com os agentes, ela informou que hoje estava meio agitado e não poderia acompanhar-me, mas que iria colocar um agente juntamente comigo, demonstrei que por mim não seria necessário, pois já havia ficado sozinha com os internos e sentia-me segura na companhia dos mesmos. Para além de não ser necessário, os motivos também se estendiam em não querer uma autoridade acompanhando a atividade, pois a oficina se propõem a construir um espaço horizontal de aprendizagem mútua e desprendimento com normatizações de conteúdos e posturas. No caso da presença de alguém que represente isso (uma autoridade), os internos não se sentiriam confortáveis e em consequência ficariam menos participativos ou “enquadrariam” suas falas e ações em modelos do que deve ser moralmente aceitável e “lúcido”, ao estarem sempre sob análise clínica comportamental. Já passei por situações em que tive falas contrariadas e deslegitimadas por agentes; vezes quando fiz perguntas aos participantes, propondo abertura a diálogo e as psicólogas acabaram fazendo a leitura do que eles deveriam interpretar rompendo de certa forma com a proposição da oficina; casos em que, mesmo com autorização do diretor e psicóloga, não pude registrar a atividade. Foi partindo desta constatação experienciada e internalizada que neguei acompanhamento.

Na primeira fração (corredor entre duas grades) do HCTP, onde ficavam as salas dos funcionários, tinha-se um cubículo com uma pequena janela sempre à observação dos agentes, era a porta que mais me deixava angustiada e com medo, ali ficavam as pessoas em “risco de suicídio”. Nesse dia senti uma aflição ainda mais sufocante quando havia reconhecido o nome descrito em seu papel “M... risco de suicídio”. No cubículo coberto por azulejos brancos, deitado em uma daquelas horríveis camas de metal encontrava-se alguém que sempre participava das oficinas, Físico²⁹, os lambe-lambes que gostava de fazer em oficina continham fórmulas físicas e palavras em inglês.

Entreguei para o agente ao lado da porta a lista dos interessados em participar das oficinas (lista feita em assembleia com os internos), este responsabilizou-se em chamá-los enquanto eu me encaminhava ao refeitório para arrumar os materiais da oficina. Percebi que nunca havia

²⁹ Codinome escolhido por mim.

passado por aqueles corredores sozinha, ninguém transitava por ali naquele momento, e as grades estavam sem cadeados. Estavam em aula? Em seus cubículos? Trabalhando? Ou no pátio pegando sol?

Abri as grades de ferro que dividiam as alas de “enfermarias” como se fosse um lugar inabitado, senti aquele lugar diferente, havia silêncio e eu atravessava-o. Ao lembrar, parecia-me até um sonho em que eu transitava em um lugar obsoleto, a iluminação era baixa nos corredores de portas, que continham pequenas janelas gradeadas de onde saía alguma luz. Este dia o percurso para o refeitório pareceu mais longo e meus olhos mais atentos. Todas as celas estavam vazias e cada porta continha um pequeno papel que indicava de quem era o cubículo, reconhecia alguns nomes de internos que já haviam participado das oficinas. Minha travessia demorou quase o mesmo tempo que o habitual, pouco mais de um minuto, mas meu pensamento entrou em deriva, sentia-me uma estrangeira, caminhando em um lugar desconhecido e hostil, afinal, pensava com desgosto, “ninguém deveria pertencer a este lugar”. Aquele lugar degradava as pessoas de forma coerciva, nada ali era sutil, sua estrutura era de clara punição, a iluminação sonolenta em conjunto com paredes e chão bege era nauseante. A frase de um interno veio a minha cabeça: “Aqui a gente paga a liberdade com o sofrimento”. A existência daquela instituição era um autêntico enigma para mim, mesmo que tivesse percorrido diversas vezes aquele espaço e possuísse diversas críticas a essas instituições (prisões e psiquiátricas), aquele lugar permanecia um território desconhecido em que minhas aspirações resistiam para não serem também trancafiadas pela estrutura imponente. Fazer imersão neste espaço é testar limites e rompê-los, e assim sucessivamente a cada um que apareça.

Passado o corredor das celas, abri a porta do refeitório, a claridade voltou a contrair minhas pupilas naquele ambiente extremamente branco e claro, era hora de arrumar a oficina. Rompendo o silêncio um agente passou para chamar os internos no pátio enquanto eu arrumava o projetor esticando duas largas extensões para encontrar a única tomada no recinto, no lado oposto à parede de projeção. Sem demora começaram a entrar alguns internos que já tinham participado da oficina, o agente disse que havia mais interessados em participar, animada, afirmei que poderia participar quem quisesse. Uns sentavam distantes, desconfiados; outros demoravam a se sentar e quando me dei conta o refeitório estava cheio, eram mais de 30 internos e pensei comigo, “Como vou dar conta disso?”. Arrumado o material para a

projeção apresentei-me e também a oficina, pois existia mais de quinze pessoas novas que me olhavam com olhar intrigado e em silêncio. Pedi desculpas por não dar atenção no momento inicial, pois estava arrumando o material da oficina, mesmo que alguns, em sua maioria, tenham vindo cumprimentar-me com um aperto de mão durante o processo.

Devido à demora na entrada restavam por volta de uma hora para encerrar a oficina, devido ao almoço³⁰. Fui levada, então, a desistir da dinâmica de apresentação planejada³¹ e iniciei a projeção do curta “Urbanographia”³². Uma pessoa perguntou se era um filme, informei que era um filme curto de quinze minutos feito pelas próprias pessoas que participavam do filme, por isso, não seria a melhor qualidade de filmagem, mas que o conteúdo era sobre intervenção com lambe-lambe e comunicação marginal na cidade, eixos que tinham a ver com a oficina e nos mostravam bem a vivência dos artistas de rua. Iniciei a projeção. A pessoa que perguntou ao ver a qualidade do vídeo levantou-se e saiu. A projeção continuou e a caixinha de som não deu conta de distribuir o áudio por todo o espaço chegando a ser irritante seu som saturado. Pedi desculpas e disse que não estava habituada a tantas pessoas, mas que no próximo encontro iria trazer uma caixinha de som melhor e que hoje eles poderiam sentar-se mais próximo já que havia lugares. Ao longo da projeção mais algumas pessoas foram desistindo, um pouco motivados pela saída de outros, porém observei que as pessoas que saíam eram aquelas que nunca haviam participado, então notei que falhei em não ter dado a devida atenção a estes, acreditando que apenas a dinâmica já daria conta de recebê-los. Acredito que o desânimo foi por frustrar a expectativa no conteúdo do vídeo e pelo áudio irritantemente saturado, que pouco se entendia, pois o som ruim misturava-se com algo incompreensível na filmagem (tremidos, desfoque, pouca qualidade da câmera), além do ambiente de projeção ser claro, o que contribuiu para dispersão e desinteresse.

³⁰ O almoço era servido às 11h 30min, um pouco antes desse horário alguns internos responsáveis pela cozinha arrumavam o espaço, algo que exigiria no máximo dez minutos, já que o almoço vinha pronto em marmitas. Apesar de termos autorização para fazer a oficina até aproximadamente o horário do almoço, muitas vezes, mediada pela “vontade” dos agentes a oficina encerrava-se antes das onze, variando de acordo com as ordens deles (os agentes).

³¹ Que consistia em cada participante dizer seu nome, se já fez alguma intervenção e caso não tivesse feito se viu alguma que lhe chamou atenção.

³² <https://www.youtube.com/watch?v=bn2qRP8c4v4>. Acesso: Março de 2016.

Após a projeção um pouco incômoda, devido a qualidade do som, perguntei o que lhes havia chamado atenção. Um deles próximo a mim coloca, “É, fala do trânsito, né, dos carros?”. Imaginei minha cara indo abaixo, pois na minha cabeça não falava disso, no entanto mantive o mesmo rosto e aproveitei a afirmação dele, uma vez que é dessa matéria-prima que toda a oficina germina, era recorrente eles sempre estarem produzindo desvios e fuga de temas pré-determinados, comumente rompiam com expectativas e planejamentos. Buscava agarrar as linhas lançadas por eles e traçar com a proposta da oficina. Agarrei o fio da fala do “trânsito” lançada pelo interno e afirmei a ele que sim, afinal o vídeo também apresentava a dinâmica da cidade, a câmera viajava por esse espaço caótico de trânsito intenso de pessoas e carros, das formas que se podia usar e transitar a cidade, de percorrê-la e comunicar-se nela. Mais um deles coloca, “É muita bagunça né, fica até difícil de pensar”. Mesmo um pouco desapontada com os poucos comentários sobre o vídeo, no qual usava como estratégia de imersão no tema da oficina e para ajudar nos diálogos, compreendi que um dos fatores foi sua projeção desastrosa. Mantive-me atenta em como tirar o fio condutor da oficina dos poucos comentários feitos por eles. Dificuldade que sempre me encontrava, pois não era com as minhas impressões que buscava trabalhar, mas com as deles, o que sempre me colocava em desafio, pois o caminho que se faz não é em solo conhecido.

Visto que não estavam muito confortáveis para falar e eu também não queria iniciar um monólogo, decidi passar outro vídeo-poesia que havia separado, imaginei que não haveria tanta poluição sonora como no filme. Contextualizei o vídeo colocando que era o registro de uma batalha de rima, que acontece semanalmente numa praça em São Paulo com temas voltados às lutas sociais, num espaço chamado “Slam Resistência”. Comentei também que havia várias formas de se intervir na cidade, nesse caso as pessoas se utilizam da palavra, no ar mesmo, de ouvido a ouvido. A palavra, o rap, a poesia também são ferramentas de luta, pois ao lançá-las foge-se do controle. Segue a transcrição do áudio³³ do vídeo:

Extra, extra, extra!

³³ Transcrição feita por mim, vídeo tirado do link: <https://www.youtube.com/watch?v=P3gzwY-WEC0>. Acesso: março de 2016.

Morte por ingestão de 25 doses de vodca deixou o povo mais chocado
Do que a distribuição de balas por desconhecidos fardados.
O outro lado, o lado que é menos visto, o lado que é mais julgado;
Desse lado mais um jovem se foi,
Executado!,
Por falar o que não devia.
Mas será que não devia,
Se falava o que sentia,
O que vivia?
Diz aí... Como pode julgar ostentação,
Quem sempre teve brinquedo, os pano e refeição?
Como pode julgar o rancor com “uzomi” quem nunca se sentiu oprimido?
Em becos, em que qualquer neguinho é fácil confundido
Com bandido,
O moleque iniciava sua caminhada e começava a brilhar.
O brilho nos olhos só transmitia que queria... cantar:
Suas ideias, seus anseios, suas dores.
A verdade cantou,
O cano da “.40” em meio a seu show...
Pow, pow!
Daniel Pelegrine, peregrinou para o outro lado.
Pelo tráfico? Pelas drogas? Pelo destilado?
Por um grupo de extermínio que caça quem afronta o corrupto legado.
Foram para o outro lado,
Por cantarem,
Por gritarem
Os anseios do outro lado do muro: Tudobaraté,
Mc boladão, Primo, Careca, Amarildo, Cláudios, pixadores, camelôs, Eduardo de dez anos! Seres da oeste,
Da norte, da sul, da leste, da leste...
Difícil de entender, não é, pobre burguês, você que legitima esses atos,
Que apoia e ri do outro lado?
Ah! O lá o Datena falando: “Tem que matar mesmo, matar mesmo, tudo

Esses neguinho de favela, vagabundo”.
 Burguês, você não sabe o que é favela, você que
 nunca pegou transporte lotado,
 Nunca tomou enquadro
 Abusivo, vive com o copo de Whisky na mão.
 Você do outro lado dos muros, das grades de
 condomínios, da televisão
 Com medo de andar pela rua e que todos os
 negros do mundo te agridam. Mas desse lado as
 lágrimas caem,
 Os corações humanos, os corações iguais
 E nutrem a terra com a semente da revolta,
 Pois não há mais volta.
 Levaram o pai, o amigo, o irmão,
 Por mãos
 Que se intitulam... A lei.
 Mas eu sei,
 Vocês sabem quem são.
 Um salve a todos que nunca deixaram de cantar e
 gritar o que vivem.
 Contra o genocídio da população preta, pobre e
 periférica.
 Movimento rock, rap, funk, afroreagge, skate,
 poesia.
 Porque, por mais que não satisfaça,
 Se tem amor, que tenha quem faça.
 São mais guerreiros que ficarão na memória.
 E esse é só o outro lado da história,
 O que a porra da Globo nunca nos mostra³⁴.

Ouviram essas palavras com atenção e respeito, uns miravam o
 chão para concentrar-se naquilo que era dito, outros mantinham-se de
 braços cruzados e olhar fixo. Ao terminar, silêncio. Aos poucos e com
 dificuldade a conversa foi desenvolvendo, pois no mesmo caso do vídeo
 anterior, o som também estava saturado. Um garoto, de no máximo 25
 anos, com alguma dificuldade na fala e também certa confusão em
 formular frases, acredito que devido aos remédios, disse: “É, eles
 querem mostrar que tá tudo bem, né, que tá tudo limpo, mas não tá. Eles
 estão matando todo mundo lá fora. Olha o Rio de Janeiro, eles saem
 atirando em tudo, é bala pra tudo quanto é lado”. Os outros internos, um
 pouco inseguros, permaneceram em silêncio, pois aquele espaço

³⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=P3gzwY-WEC0>.

(HCTP) era hostil ao se tocar em determinados assuntos, sabendo que existem olhos e ouvidos nas “paredes”. Mesmo assim eu trouxe alguns eixos da fala deles para conversar, como a seletividade do sistema penal, o genocídio da “população preta, pobre e periférica”, a repressão cotidiana e criminalização da pobreza.

Comentários emergiam, “É, rico a gente não vê preso aqui, olha lá os deputados corruptos”, outro interno fala; “Eles querem mostrar que está tudo bem, né? Mas sabemos que não está”, “É tem que chamar o Talibã para dar um jeito em tudo isso, é tiro e bomba”, outro começou a dizer. Nesse ponto, ao ver que a conversa estava ficando um pouco “tensa” e desviando para algo que não daria conta de argumentar, peguei o eixo da fala anterior, “Eles querem mostrar que está tudo certo...”, e relacionei com a comunicação na cidade. Colocando que existe uma higienização imposta sobre a cidade, esforço voltado ao controle da fala, expressa na seletividade aparentemente sutil de quem detêm o direito de comunicar sobre o espaço. Reconhecendo a comunicação como mercadoria, o que, por consequência, exclui diretamente uma parcela da sociedade de comunicar-se através dela, dessa forma a comunicação também estaria a serviço do interesse de uma classe.

Portanto, uma ação-direta que renegue e se coloque à contramão da lógica exclusivista da comunicação, operando como poesia de afirmação e faceta de um combate social, compreendendo o corpo da cidade como espaço de afetações e centro de passagens e encontro de forças. As intervenções funcionando fora das regularizações, seriam marginal e de resistência, empreendendo poesia de afirmação como contra-comunicação, dizendo-se o que se quer dizer, não o que é útil ou que se quer que seja dito. “Até as ondas sonoras são controladas professora”, comenta outro participante.

As conversas naquele espaço nunca seguiam uma linearidade, pois as minhas oficinas não propunham falar para quem escuta, mas fazer a fala circular e tomar rumo de acordo com o desejo de quem toma a palavra. As situações eram inquietantes, pois transbordavam o sentido da proposta temática, recolocando, à maneira deles, as questões que eu propunha. No compasso desregrado, as conversas normalmente escapavam dos contornos imaginados por mim para o tema da oficina, surgia algo que ultrapassava minhas intenções e irrompia com pensamentos inéditos. O espaço oficina era bagunçado, tudo funcionava no desvio e descompasso da fala anterior, transbordando o sentido da proposta. Confluíam naquele espaço desordens; uns falavam muito, outros desviavam o assunto e falavam de sua vida, alguns permaneciam

em profundo silêncio com olhar penetrante, outros agitavam-se em tiques nervosos, sacudindo as pernas, esfregando as mãos, balançando a cabeça; algo difícil de narrar.

A intervenção, na cidade, também expressaria a necessidade de dizer que não existe assepsia na cidade, limpa de ideias e da vontade de colocar-se, a cidade é centro de forças que emergem, confluem, confrontam-se, atravessam-se, afirma-se. As intervenções poderiam ferir o que está posto coercivamente, pois os discursos sobre a cidade e seu uso também estariam em disputa, a cidade também é um espaço de combate e existem várias formas em que esse combate se expressaria. Uma delas é a que estaríamos falando, sobre as narrativas na cidade com lambe-lambe. Outra pessoa puxa a palavra, “Mas professora, o que eles querem comunicar se aqueles riscos que eles fazem não dá de entender nada?”; perguntei se era sobre o “pixo” e ele confirmou. Então disse a ele que nem toda intervenção quer comunicar diretamente algo a alguém e nem quer ser esteticamente aceita por um padrão do que é ser bonito ou feio; às vezes, o que se quer com a intervenção é se sentir pertencente ao lugar da fala ou ao espaço, às vezes, é comunicar-se com outros grupos, isso tem muito no pixo, comunicar-se entre os grupos de pichadores. O pixo é uma das técnicas de intervenção, há outras que buscam dialogar de outra forma, com escritas mais claras, desenhos, grafites, lambe-lambe, mensagens políticas etc.

Outra pessoa irrompe a conversa dizendo, “Então é que nem aqui, né? É tudo branco, não podemos dizer nada, mas tem muita coisa que a gente quer dizer”, “Às vezes nem podemos colar fotos na parede”. Entusiasmada colhi estas falas e afirmei temerosa que a arte de intervenção era uma forma de expressar o que se quer dizer e que, às vezes, não se podia dizer, ou não se tinha espaço para dizer, ela buscava comunicar de outra forma. Por vezes podia até não querer dizer nada, simplesmente tirar algo de dentro, daqui de dentro (apontei para minha cabeça) ou daqui de dentro (apontei para o chão) lá para fora ou para fora da gente (coloco a mão sobre o peito).

Um dos internos, que participa das oficinas desde o ano passado e havia comparecido na saída de campo, pediu para ver o vídeo desta saída então o projetei. Isso deixou-os mais à vontade para observar o processo de colagem, riam do companheiro que havia filmado a saída, pois passava grande parte do vídeo filmando os pés. Um deles (primeira vez na oficina) se levantou e disse, “Ah, então vamos fazer o nosso agora, né, professora?”, e me questionou, “Se eu fizer um desse eu também vou lá fora colar?”. Frente a estas perguntas fiquei meio

confusa e tentei dizer que não era bem assim. Gostaria que todos fossem, mas que tenho que respeitar regras da instituição, ainda mais porque não tenho autoridade ali, apenas sou oficineira e que, no caso da saída de campo, foi o juiz que decidiu quem iria. Além disso, no momento eu não estava encaminhando nenhuma saída de campo, pois acabava de voltar às atividades e o processo para conseguir a saída era burocrático e exigia planejamento. Ele olhou-me com cara de sarcasmo e disse que então não iria fazer, pedi para que tentasse, que eu poderia colar para ele e ele disse, “Não, as pessoas aqui não gostam de mim”, então virou as costas e saiu da oficina.

Depois de ter ficado um pouco sem jeito com a situação e no desenrolar de outras conversas mais pessoais, coloquei uma música³⁵ e disse que às vezes elas ajudam as ideias fluírem ou às vezes até nos reconhecemos nas letras:

Tomei um soco do sol na cara, meu despertador natural,
 Lavei o rosto, sai pro quintal,
 Cansei de telejornal, de sangue, carne espirrando,
 Pensei em fazer uns versos vegetarianos,
 Falei com Deus, meu nutricionista espiritual,
 Que disse pra eu evitar de me alimentar do mal,
 Mas se a gente é o que come
 E quem não come nada some,
 Por isso ninguém enxerga essa gente que passa fome.
 Eu fiz meu rap virar cereal,
 Cerebral matinal,
 Pros moleque não morrer de desnutrição mental,
 Trocar os programa enlatado,
 Lotado
 De conservantes,
 Por um instante,
 Um *Ni Brisant*, conservantes.
 Vim pra impregnar. Rá! Tipo cheiro de *Cheetos*
 E atravessar gerações, que nem os *Beatles*.
 Só vou desistir, abortar minha missão,
 Quando a educação aqui virar ostentação.

Tudo vem do vento do vem

³⁵ Versos Vegetarianos da banda Inquérito: <https://www.youtube.com/watch?v=LPp0MQ6pWJU>. Acesso em março de 2016.

Do vento vem tudo vento vem
 Do vento vem tudo
 Tudo vem do vento tudo vem
 Do vento vem tudo vento vem
 Do vento vem tudo

Loucura.
 Dieta lembra ditadura,
 Onde a gente tem que fechar a boca, ficar na
 moral,
 Todo regime radical,
 Faz mal,
 Regime militar,
 Alimentar,
 Talibã, drogaria, socorro imediato, CPF na nota,
 A farmácia é uma biqueira com CNPJ.
 Igual a mim, aqui, quantos fi de mãe solteira,
 Que viu no rap, ali, um pai pra vida inteira.
 Já engoli sapo de patrão até umas hora
 E por não querer ser robô fui mandado embora,
 E eu fui embora, atrás do meu sonho, viver da
 música,
 Cansei de dar meu talento pra aquela metalúrgica,
 Operário padrão, dentro de uma fábrica.
 Quer saber o que eu fazia? Fazia lágrima.
 Deixei de ser o mecânico da oficina cinzenta
 E hoje uso as palavra como ferramenta,
 Mas nem esquentar, são trinta primavera primo, tô
 firmão,
 De corpo e alma, honrando a missão.
 Onde os abraço são
 Falso e o beijo é técnico, dá um saque,
 As ruas têm mais câmara do que o Projac.
 Cuidado irmão, não vai jogar tudo pro alto
 Pra tirarem sua liberdade, isso que é assalto.

Tudo vem do vento do vem
 Do vento vem tudo vento vem
 Do vento vem tudo
 Tudo vem do vento tudo vem
 Do vento vem tudo vento vem
 Do vento vem tudo.

Um tentava acompanhar cantando, mesmo sem nunca ter ouvido, alguns atentos e outros impacientes perguntavam se podiam mexer nos materiais que estavam distribuídos pela mesa. Deixei livremente que pegassem e usassem o que quisessem. Assim, aos poucos iniciaram sozinhos e durante a música. E neste caso não conseguimos conversar sobre a música.

Um dos internos, o que havia falado do trânsito, pegou um pote de tinta guache amarela, tirou completamente sua tampa e, em diagonal, traçou grossas linhas pontilhadas de tinta, abriu outro azul e espalhou nos dois extremos do traçado grossas linhas, perguntei o que era e ele me explicou, “Aqui é a estrada, né, representa o caminho, o trânsito, e esse borrado aqui é que eles estavam refazendo o asfalto, aí deixaram sobrar um pouco de rabicho do asfalto”. Alguns companheiros que estavam próximos ouviram e riram, como se o companheiro estivesse falando alguma “loucura”. Olhei e disse que estava ótimo, que o que expressamos não precisava ser esteticamente aceito. Seguir padrões, a beleza e a representação é relativa, o potencial dela vinha da vontade de se expressar e do que cada um podia interpretar dela. Outro participante ao lado afirma, “É, tem uns quadro muito louco que os cara ganham uma grana e não dá de entender nada”.

Um senhor de aproximadamente 70 anos junto com o companheiro citado acima também tirou a tampa de uma tinta guache vermelha, enfiou um dedo dentro do pote e começou a espalhar traços pelo papel. Ao ver que eram grossos e tortos pegou um pincel e com atenção delimitou um barco com uma haste que erguia uma bandeira. Próximo ao barco alguns peixes, tudo estava em vermelho. Perguntei se ele era pescador, ele me disse que não, que era “pedreiro, fazia reboco, pintava, de tudo um pouco” e ficou em silêncio olhando seu desenho. Perguntei se ele gostava de pescar ou já havia pescado, ele falou-me que sim animado, questionei do que era a bandeira e ele responde-me, “Para o vento, mas o que leva é o remo”. Aquela era a primeira vez que este interno participava da oficina.

Os outros participantes exigiam atenção o tempo todo, não apenas porque me chamavam, mas eu também buscava, curiosa, o que queriam dizer. Perguntavam-me coisas, mostravam-me o que estavam fazendo e muitas vezes queriam contar-me histórias. Esse movimento de narrar percursos, são feitos de cortes ou saltos, que prefiro chamar de “desvios”, em que os participantes sabotam a linearidade de pensamento. Para acompanhá-los, exigia-se constantemente

redirecionamento do olhar, não é fácil registrar tudo o que me passava, ou capturar o que passava aos outros.

Na imagem seguinte, apresento uma técnica chamada *Blackout poetry* que foi utilizada nas oficinas, procedimento na qual fragmentos de texto são apagados, para fazer dele uma outra coisa. O processo de encobrir palavras ou frases segue por diferentes lógicas, entre apagar aquilo que não lhe faz sentido algum ou deixar algo que goste. O resultado final é uma poesia feitas dos vestígios de um outro texto como uma bula de remédio ou a página de um livro. Essa técnica, assim como a de bricolagem (fragmentos de imagens, como a capa deste trabalho) foram estratégias que encontrei para facilitar o processo inventivo do lambe-lambe, em que, a partir de uma material (folhas de livros, recorte de revistas, jornais, etc.), você pode fragmentá-lo, desconfigurá-lo para fazer deste outro coisa.

Um interno que sempre participou das oficinas, desde o ano anterior, chamou-me a sua mesa, como de costume sentava um pouco afastado dos companheiros. De início sempre foi difícil algum diálogo. Ele não gostava de olhar nos olhos e quando tentávamos estimulá-lo a fazer algo respondia, “Não sei! Não sei!”, balançando nervosamente de forma tímida sua cabeça em sinal de negação.

Desenvolver conversa com ele e descobrir as formas que o estimulassem a participar demorou um bom tempo, iniciei tentando coletivizar as produções e tentando puxar algumas conversas. Entretanto neste dia ele havia me chamado à distância, sem nenhuma palavra, mas com olhar e gesto, indicou com que queria participar, então entreguei um papel e um canetão que ele aceitou animado. Perguntei se estava empolgado porque havia visto seu desenho no vídeo, colado pelos companheiros, ele disse-me que sim com um sorriso baixo. Algum momento depois, ao me aproximar dele, vi um grande retângulo com um traçado ao meio, perguntei se era uma mesa de pingue-pongue, ele falou-me que não e abanou a cabeça em negação, então afirmou ser um “campo de futebol”, disse que estava muito bom e nem eu conseguiria traçar linhas tão retas. Olhou para mim agitando a cabeça em sinal positivo e esfregou suas mãos umas nas outras com vergonha e perguntou, “A professora gostou? A professora gostou?”; disse que sim, e que ele estava cada vez melhor, mas perguntei, “Onde está a bola nesse jogo? E os jogadores?”; ele olhou o desenho e falou, “É que o jogo ainda não começou”; dei uma risada e disse, “Mas você é bem espertinho, né? Quem sabe um dia vejo esse jogo acontecer, né?”, e

segui a outra mesa esperando que ele desenhasse mais durante minha ausência. Envergonhado deu risadas e, à distância, lançou uma pergunta habitual de todas as vezes que o via, “A professora vai vir todo dia aqui?”; eu respondi que não, mas que viria uma vez por semana. Passado algum tempo, voltei a mesa dele, o jogo tinha começado. Estava com dois jogadores em cada lado, uma bola ao meio e os gols. Fiquei realmente impressionada, pois em minha primeira oficina ele não queria nem pegar uma caneta na mão, seus traços eram tortos e inseguros, quando pouco arriscava desenhar algo que a psicóloga propunha, uma estrela, um triângulo ou outra forma do tipo, mas nesse dia ele se arriscou sozinho e criou por sua vontade.

Alguns participantes mais antigos não desenharam nesse dia, circularam pela sala e conversaram com os novos participantes, eles também eram oficineiros. O tempo passou rapidamente e foi mais um dia que não registrei nada por foto, áudio ou vídeo, pois havia muitas pessoas novas e sabia que muitos deles se sentiriam desconfortáveis com câmeras e acabariam saindo do espaço, então, optei por não arriscar.

MARCAS PROFUNDAS DE ANTIGOS PECADOS

— Eu acho que estou na pista certa, [REDACTED]

— Eu acho que estou na pista certa. [REDACTED]

[REDACTED] é melhor ter cuidado, [REDACTED]

[REDACTED] melhor você parar com isso.

Novamente aquele riso suave e profundo cortou a noite.

II

— [REDACTED]

— Sim?

[REDACTED] falou mecanicamente, [REDACTED]
nem olhou [REDACTED].

— [REDACTED] você se importaria se nós largássemos tudo
aqui e volta-semos [REDACTED]?

[REDACTED] estava penteando seus cabelos curtos e [REDACTED]
[REDACTED] Voltou-se para ele.

— [REDACTED] mas nós chegamos há tão pouco
tempo. [REDACTED] estamos aqui nas ilhas [REDACTED]?

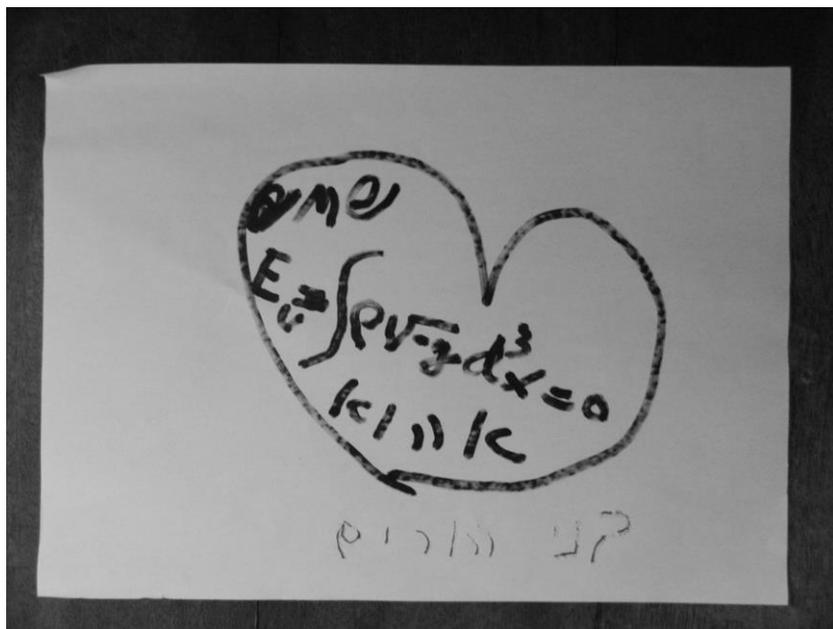
— Eu sei. Mas... você se importaria?

[REDACTED] observaram-no [REDACTED].

— Você [REDACTED] voltar [REDACTED] Para casa?

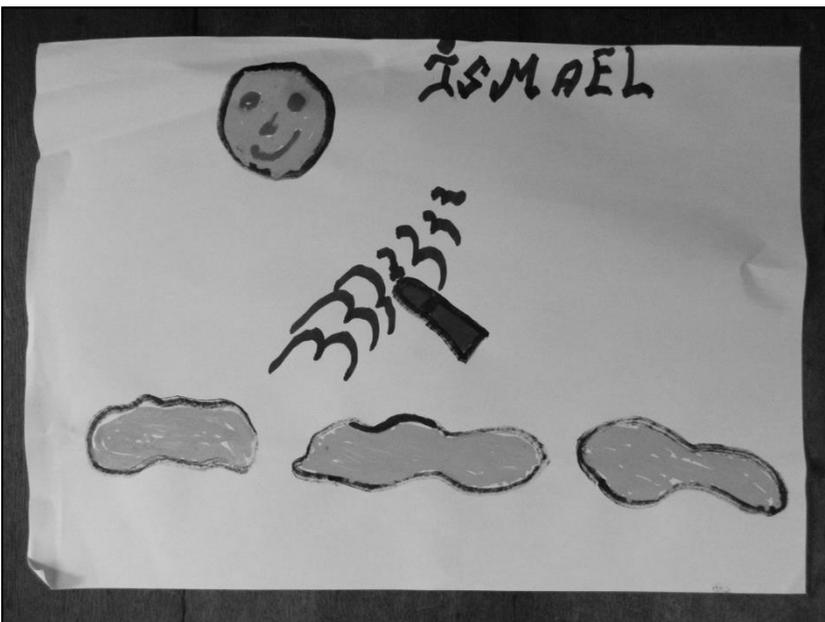
— Sim.

— [REDACTED]



_____ silêncio _____
— É apenas... é apenas _____

_____ medo.
— Medo de quê?
— De tudo _____
Como se alguém estivesse me espionando o tempo todo, me
seguindo. Alguém me odeia. _____
_____ Há quanto tempo' você sente isto?
— Eu não sei. Veio... aos poucos. _____
_____ eu





VIAJANTE NÃO RECONHECE FRONTEIRAS

O trabalho realizado nesta oficina aflorou quatro meses antes de se efetivar. Surgiu de um reencontro com um amigo grafiteiro apelidado de Bagre³⁶. Nossa reaproximação se deu na festa de natal do HCTP. Naquela ocasião, Bagre acompanhava sua amiga em uma visita ao irmão, paciente-interno. A partir desse encontro percebi nele algum interesse sobre o lugar. Seu olhar zeloso percorria o espaço em silêncio atento e, a partir dessa intersecção, aflorou em mim uma vontade de fazer grafite por ali. Nesse dia não lancei convite ao grafiteiro, pois não sabia se era possível uma oficina de grafite naquele espaço, no entanto guardei comigo a ideia.

Passada a temporada de férias e ministrando algumas oficinas de lambe-lambe, considerei que era o momento de trazer outros movimentos, ousar nas possibilidades inventivas da oficina e arriscar alguma coisa nova no HCTP. Algo que desacomodasse e alargasse novamente os limites (re)estabelecidos, na tentativa de nunca banalizar o potencial de transgressão de uma educação em invenção que desafia os viajantes (internos e eu) a dar o próximo passo fora do limite.

Nesse caso lancei o convite ao meu amigo Bagre, deixando claro desde o princípio que não havia nada concreto, apenas estudava uma possibilidade junto à direção do Hospital. Aos poucos fui negociando a atividade com a Instituição em conversa com a Psicóloga³⁷. Nesse processo marcamos uma reunião organizativa para as atividades do ano onde também incluiríamos como pauta a oficina de Grafite. Na presente reunião com a direção e demais funcionários do HCTP consegui um muro para realizar o grafite. O diretor do HCTP, prestativo e aberto a nossas propostas de oficina, consentiu e, para além de ceder o muro, encaminhou os trâmites, com os agentes de segurança, para viabilizá-la.

³⁶ Bagre é seu apelido e também *Tag* (assinatura de intervenção), no entanto seu nome é Leonardo Mattos S.

³⁷ Inicialmente em conversa com a psicóloga, a oficina só seria possível se o grafite fosse realizado em algo que pudesse ser removido posteriormente: tapume ou papel filme. Subsequentemente, em reunião com o diretor, Márcio, arrisquei sem expectativa e insegura (esperando uma resposta negativa) se seria possível ceder um espaço em muro para a oficina, sendo então surpreendida com uma resposta positiva.

Saí da reunião eufórica, conseguia ver mais uma vez o exercício de alargamento que as oficinas possibilitavam.

O dia da oficina...

Era uma quinta-feira à tarde e por sorte ensolarada, uma vez que iríamos mexer com tinta e a oficina aconteceria em uma parte externa do HCTP. Havia três semanas que a oficina estava marcada, os detalhes e encaminhamentos foram combinados em reunião juntamente com a psicóloga e o diretor. Ficou acordado que um agente penitenciário, uma estagiária de psicologia e um professor de Educação Física iriam acompanhar a atividade. A necessidade de segurança se devia ao fato de a atividade ser realizada no pátio externo, precisando de atenção reforçada para que os internos não tentassem fugir, algo que, segundo eles, já havia acontecido algumas vezes.

A oficina estava marcada para às 14 horas, mas, Bagre e eu decidimos chegar trinta minutos antes para conversarmos sobre a dinâmica da oficina e o funcionamento da instituição, já que se tratava de sua primeira vez como oficinheiro naquele lugar. Havia também combinado com Ana³⁸ e Danilo³⁹ para auxiliarem na oficina e nos registros (filmagens e fotos), no entanto os dois se atrasam e optamos por entrar sozinhos.

Ao adentrar o HCTP, passamos pelo primeiro portão-grade da ala e ali esperamos a estagiária que iria nos acompanhar, nesse meio tempo, enquanto permanecíamos sentados no corredor, um agente penitenciário chegou para pegar uma cadeira de rodas. Segurando pelo antebraço, posicionou de rosto para a grade uma detenta, cabisbaixa. Ela andava devagar e tinha olhos inchados. Seus braços, que pareciam cansados, estavam algemados em frente ao seu corpo. Tinha cabelos curtos, loiros e pouco cuidado, as raízes longas e negras evidenciavam pelo menos quatro meses sem cuidado. Acredito que ela deveria estar de transferência de outro presídio.

Outro agente, no interior do HCTP, abre duas sequências de grades para alcançar o “visitante” e entrega a cadeira de rodas comentando: “Dá até de aproveitar essas cordas já para amarrar”, indicando cordas que estavam nos braços da cadeira de rodas e

³⁸ Minha orientadora e também coordenadora do grupo “Geografias de experiência”.

³⁹ Amigo da graduação em geografia e também companheiro de pesquisa do grupo “Geografias de experiência”.

proferindo na sequencia uma risada maliciosa. Atônita olhei para Bagre, ele mantinha um olhar fixo e com intrigante desconforto; como socos no estômago, o lugar marcava em nós, mais uma vez, seu caráter de violência, punição e confinamento.

Após essa cena seguimos desconfortavelmente em silêncio. Não sabia se falava algo para alentar Bagre, pensei em dizer: “Não é sempre assim”. Porém, logo desisti de minha fala alienada ao reconhecer que deve ser bem pior e me senti novamente uma estrangeira naquele lugar, uma vez que ficava ali apenas duas à três horas por quinzena. A cada minuto aquela estrutura berrava sua impetuosidade com seus pacientes-internos. Ao fundo ressoava em nossos ouvidos ruídos de grades, gritos, cantorias embriagadas de remédios, reclamações e comentários despóticos.

Ao aguardar a estagiária por mais de quinze minutos, tomei a decisão de entregar a lista de interessados na oficina para os agentes. Um deles, que nunca havia me visto⁴⁰, atravessou a frente do outro e pegou de forma hostil a lista de minhas mão, “O que é isso?”, perguntou. Lançou um olhar de repulsa sobre o papel quando expliquei que se tratava da lista de interessados na oficina de grafite. Com desdém, agitando nervosamente o papel em mãos, pareceu procurar um lixeiro, não o encontrando comentou, “Isso é uma palhaçada, era só o que me faltava! Bons tempos o da ditadura, nada desse absurdo iria acontecer. Que bagunça!”, e atirou com aversão o papel sobre uma mesinha, dando as costas e se sentando agitado em sua cadeira. Perplexa, lançando um olhar de asco para ele, recolhi a lista e a entreguei a outro agente, intencionalmente argumentando que a oficina já estava autorizada em reunião com o diretor e que trabalhamos com oficinas no HCTP semanalmente já fazia pelo menos um ano⁴¹. Insisti para outro agente que chamasse os internos, ele aceitou. Com desprezo, encaminhei-me em catarse silenciosa ao banco onde aguardaria a estagiária. Incrédula só conseguia balançar a cabeça em negação, olhei para Bagre e ele também aparentava estar abismado, mantivemo-nos em silêncio grande parte do tempo.

⁴⁰ Era comum haver rotatividade de agentes e nenhum dos agentes presentes na cena me conhecia.

⁴¹ Trabalho com oficinas ministradas por Camila, Luiz e eu; sem contar com o tempo de imersão de nossa orientadora Ana Maria Hoepers Preve de seis anos dentro do complexo penitenciário. Sobre esta imersão cf. PREVE, 2010.

Tudo naquele lugar envolvia longas esperas, abertura e fechamento de grades-portas-portões...

Quando a estagiária chegara começamos a nos encaminhar para quadra. Nesse percurso marcado por várias frações de corredores, delimitados por grades-portas-portões, cadeados ou não, seguíamos. Em um dos corredores, encontramos à espera o grupo de interessados na oficina. Nesse fragmento “entre grades” havia dois portões que desembocavam em pequenos pátios onde a maioria dos internos passava o dia tomando “banho de sol”, ironicamente, pois naquele espaço não chegava muito sol. Certo dia um paciente explicou para mim: “Esse aqui da direita é onde fica os mais loucos, os ‘fora da casinha’; e o outro é a galera mais de boa, ali onde fico, sabe?!”.

Neste dia notei que algumas pessoas que deveriam ter sido chamadas para se juntar ao grupo em espera por algum motivo permaneciam no pátio. Desconfiada averigüei a lista de nomes, percebendo que sobre alguns nomes havia riscos não feitos por mim. Às vezes aconteciam essas intervenções dos agentes que, com ou sem motivos, adulteravam nossa lista; por vezes argumentavam que tais internos estavam fechados “de castigo” ou não podiam ir ao pátio, pois já haviam tentado fugir. A essa altura chegaram Ana e Danilo, que seguiram caminho conosco.

Chegamos à área onde aconteceria a oficina e sentamos em círculo sobre uma quadra. Um agente acompanhava a atividade a uma relativa distância, os internos claramente notaram e um deles comentou: “Tanto dia pra gente fugir e eles acham que vamos fazer isso logo num dia que fazemos algo que presta nesse lugar, algo bom pra gente”, outros internos concordando riram.

Iniciei por apresentar Bagre, Ana e Danilo e logo deixei que Bagre encaminhasse a oficina livremente. Ao tomar a palavra, ele disse como se inseriu no meio do Grafite e posteriormente seguiu falando sobre o que seria uma intervenção e suas diferentes técnicas. Citando o lambe-lambe um interno comenta, “É, o lambe-lambe a gente faz aqui, eu até coleí um lá fora com a Michele”⁴². Era notável que as intervenções ficavam coladas na memória deles como um lambe-lambe. Bagre seguiu com a explicação do Grafite e colocou diferentes técnicas da arte. Durante a explicação, posicionava em meio a roda *posters* e revistas com imagens de grafite. Os pacientes curiosos aproximavam-se da roda conferindo a ela um formato menor; no movimento também se

⁴² Era um dos internos que fora na saída de campo comigo.

agachavam sobre os desenhos, passavam-nos de mão e mão, apontavam e comentavam sobre as cores e desenhos impressionantes. Em certo momento, quando Bagre comentou que foi contratado para fazer um muro, alguém perguntou, “Mas você desenha com o coração, a alma. Ou é pela grana?”, Bagre responde:

É com coração, cara. Eu amo desenhar, desde guri. Se alguém contrata para pintar algo que eu não goste, não concordo, eu não vou, se não é uma proposta legal eu recuso. Uma intervenção é uma responsabilidade enorme, você vai marcar a cidade, deixar uma informação que as pessoas que passarem por ali vão olhar. Grafite é uma responsabilidade política.

Após algum tempo de conversa, Bagre sugeriu a eles que desenhassem uma proposta para o Grafite que faríamos ali. Um comentário que comumente aparecia em minhas oficinas novamente surgiu, “Não sei desenhar, só boneco palito”, e Bagre respondeu, “Todo mundo sabe desenhar. Isso aí é não querer desenhar. Pode-se fazer assim ó. É só querer, qualquer coisa é melhor que um boneco palito”. Depois disso, delineou em um traço contínuo e de forma despreocupada, um boneco com “conteúdo”, primeiro mãos gordas, braços e o resto do corpo, em segundos estava algo com mais preenchido que um boneco palito.

Os participantes observaram de forma atenta o lápis de Bagre traçar o papel. “Massa, apesar de feio é mais legal mesmo, bem louco ficou”, um deles comentou. Assim, sentiram-se mais seguros em desenhar arriscando cada um em seu papel. O interno que havia dito que só sabia desenhar boneco palito sentou-se ao nosso lado e falou que iria tentar. Após algum tempo mostrou faceiro o sol que havia desenhado dizendo, “É, se a gente se esforça qualquer coisa sai melhor. Olha que até gostei do meu”.

Passada uma hora de conversa e produção de desenhos tivemos de fazer uma pausa de vinte minutos para o café da tarde. Alguns participantes convidaram-me para comer, mas tinha dúvida se podia até que um deles advertiu, “Vocês estão convidados para o café, pode vir, não é contado o número de canecos”, e deu risadas.

A estagiária convidou-nos a tomar café na ala dos funcionários, dizendo que era melhor, pois haveria queijo e banana, no entanto seguimos com os internos ao refeitório, Danilo, Bagre e eu. O refeitório

já estava cheio, o branco daquele lugar era tomado pelo laranja das roupas numeradas, eu via muitas pessoas que nunca haviam participado das oficinas e reconhecia outras⁴³. Em uma porta aos fundos do refeitório, entravam em fila pessoas no ritmo da entrega de lanches. Figura⁴⁴ levou-nos até a fila e insistiu em colocar-nos na frente dos outros, tentei negar, porém ele argumentou, “Mas professora, é muita gente, daqui a pouco temos que voltar para atividade”, assim, acabamos aceitando a proposta. Sentamo-nos em uma mesa com mais cinco internos, eles inicialmente ficaram impressionados com as tatuagens de Bage, pediram para olhar e também mostraram as suas reconhecendo que o corpo também era um espaço de intervenção, o corpo também comunicava. Comentaram sobre a comida que é sempre a mesma e ruim, “O café é frio e doce, o pão sempre é com doce de banana velha, a marmitta do almoço é horrível, a carne é dura”. Reclamaram que o espaço também era insuportável que eles são dopados de remédio para não conseguirem reagir a nada, “Tá tudo uma bosta, mas o cara não consegue fazer nada e se faz te darão mais remédios”.

Ao voltar do café da tarde, cada um explicou seu processo de criação, para posteriormente construir uma proposta em comum. Dentre a diversidade de desenhos, aparecera, um barco, uma *Tag*, uma árvore com um pica-pau, um coração com asas e uma espada atravessando-o obliquamente, um boneco de expressão triste que indicava fugir de uma grade, uma casa, riscos por ora indecifráveis e a frase “um corpo pode voar”. Mas dentre eles um chamara minha atenção, o desenho da árvore com um pica-pau, abaixo dele encontrava-se algumas sílabas, “A-DE-GE-A”. Certamente era um desenho feito por Castelhamo⁴⁵, que contava ser paraguaio que veio ao Brasil quando criança e por isso escrevia em espanhol. Ele explicou o que estava escrito em seu desenho, “A-DE-GE-A, significa árvore em espanhol”⁴⁶.

Posteriormente à apresentação de todas as propostas, um desenho foi escolhido. No caso, o coração com asas atravessado obliquamente

⁴³ Em média o hospital recebia 100 internos.

⁴⁴ Codinome escolhido por mim.

⁴⁵ Codinome escolhido por mim.

⁴⁶ Em outro momento ele escrevera mais de trinta sílabas em uma folha, tentei, mas não consegui encontrar a lógica das sílabas, no entanto Castelhamo as lia com facilidade narrando claramente uma história. Deduzi que ele fosse analfabeto e tivesse saído da escola nos primeiros anos, ainda no Paraguai. Fato que não o impediu de criar sua própria forma de comunicar-se, onde ele inventava uma linguagem para suas vontades.

por uma espada. Figura, o autor da obra, explica sua ideia, “O coração é o amor de Cristo, as asas são a liberdade e a espada é a justiça de Deus”. Bagre acolheu a proposta de desenho e passou a limpo em um papel, alterando da proposta original o que os demais participantes achavam pertinente. Mostrou o resultado para os internos que o aprovaram.

Com o desenho pronto, fomos para o extenso muro branco. Bagre, explicando seus movimentos, mediu com passos largos o meio do muro, segurou o rascunho em mãos e traçou em *spray* amarelo o esboço do desenho, aquilo seria o suporte do desenho para que os participantes tomassem como referência quando fossem pintar. Atrás do muro onde nosso grafite acontecia, um grupo de cinco policiais do DEAP prostraram-se juntos, a nossa frente, ao fundo da nossa tela-muro. De lá exibiam ostensivamente suas armas e miravam-nos com um olhar imponente, trajados com seus óculos escuros e fardas. Um interno comentou, “Olha eles ali, exibindo a sua autoridade. Desnecessário, né?”.

Um dos internos chamou-me atenção, Sonolento⁴⁷ era um senhor de aproximadamente 65 anos, sempre com um bonezinho azul surrado sobre a cabeça. Na maior parte das vezes estava com as mãos trêmulas e tinha dificuldades na fala, nunca soube se era pela falta dos dentes ou pela quantidade de remédio. Neste dia sua animação era evidente, quando, diferentemente dos outros dias, tomou a frente para organizar os materiais para pintura. Separou os pincéis, organizou a vasilha de tinta e começou, seguro, a preencher as asas em azul, concentrado e dedicado a enganar as mãos trêmulas, mostrava a todos que sabia o que fazia. Em certo momento ele deixou cair o pincel borrando o desenho, os outros pacientes com empatia riram e relevaram a situação dizendo que daria para criar outra coisa em cima. A maioria deles esboçavam efeitos colaterais de remédios: tremulação, agitação constante dos membros, sonolência, nervosismo, ansiedade, tiques nervosos, raciocínio lento, dentre outros efeitos.

Observei na outra extremidade do pátio um senhor que caminhava com seu radinho. Em linha reta ele acompanhava o desenho do muro indo e voltando, indo e voltando, repetidamente. Nunca havia conversado com ele, mas o vi várias vezes na horta do Hospital. Eu sabia superficialmente através da psicóloga que ele estava ali fazia uns bons vinte anos, já havia recebido alvará de soltura, porém sempre voltava voluntariamente. Ao olhar para ele, pensava comigo, “O que

⁴⁷ Codinome escolhido por mim.

esse lugar pode ter de menos pior que o mundo dos ‘livres’? O que faz alguém preferir estar aqui? Quanto tempo ele ficou aqui dentro para estar ainda mais propício a aceitar as mazelas do encarceramento do que as mazelas do ‘mundo dos de fora’?”.

Outro participante, Físico, interrompeu Bagre e perguntou se poderia escrever uma fórmula física na parede, Bagre explicou que já havia sido combinado coletivamente o desenho que iria para a parede e que anteriormente os outros participante já haviam recusado a ideia da fórmula. O Físico insiste que poderia explicar, mas Bagre falou: “Mas aí você tem que estar do lado da fórmula toda vez que alguém for vê-la”, no que ele disse: “Mas eu sempre vou estar aqui, minha família me abandonou aqui, ninguém quer se responsabilizar por mim, já cumpri minha pena, mas no entanto permaneço aqui”. Essa fala marcou-nos. Ao final conversamos sobre a quantidade de pessoas abandonadas ali. Aquelas pessoas só podem sair do HCTP se alguém de fora se responsabilize por elas. Ou seja, além de estarem presas não lhes resta mais nenhum vestígio de autonomia: estão sob “medida de segurança”, que se aplica aos crimes inimizáveis e, neste caso, o autor não pode responder pelas suas ações.

Em um segundo momento, o Físico insiste na fórmula escrevendo ela dentro do desenho que estava sendo preenchido, no entanto, ela acaba sendo encoberta pelos outros participantes, que percebem ou não, mas que preenchem com a mesma cor de tinta as asas. Ao fazer um grafite, ou outra técnica de intervenção, especialmente quando pensada coletivamente, alguns elementos da sua processualidade acabam sendo “ocultados”. No entanto, uma intervenção não se atém apenas a seu resultado final, sua representação, mas, sobretudo, no seu processo inventivo. Fato que não representa a limitação da intervenção, mas que reconhece seu processo de mutação. Uma invenção é composta de várias camadas que agregam uma multiplicidade de ideias, na qual mesmo depois de “pronta” ela permanece inventando-se no imaginário dos transeuntes; seu movimento de invenção é constante. Nem todo desenho pensado coletivamente pode ter os elementos que represente cada um, mas seu processo de invenção envolve todos.

Havia também Cantor⁴⁸, que sempre participava ativamente de todas as oficinas. Nesse dia ele estava inquieto, agitava freneticamente suas pernas, coçava os braços, andava para todos os lados, estava claramente incomodado e ansioso com algo. Entrava por diversas vezes

⁴⁸ Codinome escolhido por mim.

na estrutura do HCTP avisando, “Olha eu já venho, vou averiguar uma situaçãozinha. As coisas tão diferentes aqui, mais difícil, tá estranho, tá estranho”.

Ao voltar mais tranquilo, contou aos participantes o que havia feito na sua saída de sete dias⁴⁹, explicando a todos que havia gravado um CD de música com o Fábio Junior, um famoso, mas que ele logo iria ficar mais famoso que o famoso. Tudo era falado com afincos e com riqueza de detalhes. Os amigos, percebendo que tudo era invenção, pedem para ele cantar e Cantor responde, “Então, vou dizer para vocês, é que estou com um pouco de amnésia, por isso estou aqui me tratando, mas às vezes eu lembro umas frases, uns textos inteiro, fica frio, fica frio, que aí canto [risadas]. Daqui pouquinho eu vou para casa e vou ali no Lagoa Iate Clube e vou tocar lá hoje [mais risadas altas do grupo de participantes]. Estou brincando. Mas é lá que eu moro e quando eu sair vou fazer umas ligações para ver se fui aprovado para tocar no Faustão”. Um interno interrompe a estória e comenta, “Mas tu é louco da cabeça, né?”, e o Cantor responde, “Da cabeça não, do pé, vou te dizer uma coisa, a rapaziada da Al-Qaeda ligou o ar-condicionado e agora não dá de andar na praia sem camisa [mais risos]... Deu, deu, eu vou parar”.

O Grafite seguiu de forma tranquila com interação e revezamento de uso dos materiais. Ao longo do processo, os participantes foram ganhando autonomia, a insegurança de pedir autorização e dizer que sua participação iria estragar a arte foram sumindo. Distribuíam-se pelo chão, pintavam em grupos, preparavam as ferramentas; sentiam-se aparentemente à vontade e familiarizados com o Grafite. Por fim, em acordo com os participantes, os contornos do desenho foram feitos por Bagre, pois exigia uma certa precisão de quem tem prática.

Depois de pronto, a pedido dos internos, registramos com fotos o momento. Individualmente ou em grupo, eles faziam poses, alguns pediam que revelássemos as fotos e as déssemos a eles ou enviássemos à família. Entusiasmados, olhavam o desenho reconhecendo que todo o processo havia sido feito por eles. Um deles comenta: “Já ficou outra coisa né? Vai ter mais? Podíamos pintar tudo aqui né”. Algo diferente ali moveu aquele espaço, fazendo dele, em algum momento outra coisa.

Ao fim, a pedido dos internos por mais grafites, Bagre mostrou-se animado em fazer outras oficinas. Agradei a ele e tentei expressar a

⁴⁹ Às vezes alguns internos conseguiam autorização para saída temporária aos cuidados da família.

importância de estar construindo mutuamente intervenções naquele lugar-reclusão.

Enquanto isso, na ausência das ausências, [o participante] se diverte com as sobras de lápis coloridos e papel, mistura cores, distribui linhas coloridas, inventa um ponto. Quebra uma uniformidade continental, a uniformidade do hospital-prisão, e faz um arquipélago. No seu ponto um espaço se abre. No ponto que inventa, cria vácuo de informação e deixa uma experiência passar, experimenta no seu ponto e foge. Fuga intensiva. (PREVE, 2010, p. 155)

Para diante da cor...

Intervir no muro daquela instituição não significava apenas colorir um espaço que se esforça em invisibilizar os movimentos destoantes com os remédios e a assepsia branca do espaço. Aquela tinta marcava uma janela, um rasgo, movimento que divergia naquele lugar e fazia vazar o potencial de invenção daqueles pacientes internos que cotidianamente são negligenciados. Traçar uma cicatriz de tinta feita coletivamente naquele lugar remete, como catarse, às forças que atravessaram os processos de uma viagem através da oficina e em educação como invenção.

Produzir vontade de criação no espaço de ausência e anulação de si é ação de habitar o espaço e resistir às imposições, que persistem em definhar o paciente-interno em remédios, culpa e vergonha de ser considerado “louco”. Deslocar mesmo que em cor, recusa a incapacidade que insistem em atribuir aos pacientes. Os movimentos aleatórios, marginais, inventivos, selvagens, ou, a própria loucura, desejam deslocar e criar imagens desobedientes que produza outros sentidos.

Delinear outras formas de habitar aquele espaço impregnando-o, alterando sua rotina e os modos de perceber e atribuir sentido àquele lugar, confere à invenção uma experiência em aprendizagem, que busca não somente fazer fuga ao disciplinamento do corpo, mas também dos modos de produzir pensamento sobre o espaço, o da rua e o do HCTP.

Como Kastrup (2000) nos pontua em seu texto *Aprendizagem, arte e invenção*, referenciando Deleuze e Guatarri (1997), que, a aprendizagem envolve não somente territorialização e subjetivação (algo

que confere sentido), mas, também o processo de desterritorialização e dessubjetivação:

Habitar um território é como ser íntimo, mas também ter a possibilidade de acolher o estrangeiro. Para Deleuze e Guatarri (1997) só há desterritorialização nos limites, nas bordas de um território. O encontro com os signos é então uma experiência crítica, pois se dá sobre os limites do território que é habitado. O signo põe problema, força a pensar e exige difração e sentido, produzindo uma reconfiguração permanente dos limites da subjetividade e do território. Toda aprendizagem inventiva é crítica, no sentido em que concerne aos limites e envolve sua transposição, impedindo o sujeito de continuar sendo sempre o mesmo. (KASTRUP, 2001, p. 217)

Habitar é dar língua àquilo que pede passagem, fazer emergir expressividade, marcar vontades e desejos; delineando outras potências que tentam ser invisibilizadas por forças maiores, mas, que, no entanto, insistem em fazer-se(r) presente, transformando os modos de perceber e atribuir sentido a algo, alguém, algum lugar e ao mundo. Habitar, no entanto, é traçar no plano da experiência, movências, pequenos deslocamentos que tencionem os limites. Não é apenas o pesquisador que habita, mas todos que se engajam naquele espaço e desejam produzir alguma mudança. As intervenções já estavam presentes no HCTP. Ali isso não se faz presente apenas nas oficinas realizados por mim, mas notavelmente em movimentos destoantes que já estavam presentes no HCTP, há exemplo de algumas destas intervenções feitas nos intervalos da vigilância e da punição e que aparecem na *Colagem IV* desta pesquisa: arranhões; rabiscos; colagens...

Ainda que constantemente sob olhares de autoridades, movimentos de fuga são traçados em tinta, e os chamados “loucos-criminosos” ganham voz, por isso outra força nas paredes, força de transgressão, força de invenção. Eles afirmavam-se sobre as paredes que agiam ostensivamente sobre seus corpos, outras formas de habitar aquele espaço, tentando arrancar mesmo que por uma fração de tempo o peso da materialidade das grades e o estado de punição que incidia sobre eles. Trazendo à superfície outras forças possíveis que empreendem

movimentos da imaginação, invenção e engajamento, expandindo aquele fração de espaço (HCTP).

Algo vazou e marcou em tinta um devir-louco que transbordou as regras canônicas do lugar manicômio-prisão (HCTP) ao desenhar trajetos desobedientes a rotina daquele lugar. No muro, riscávamos outro aprendizado que, como cicatriz, buscava romper, rasgar e sacudir a condição impostas a eles, como sujeitos-inúteis, e ao lugar do impossível.



~~Handwritten scribbles and symbols at the top of the page, including what appears to be the letters 'A B C' and some illegible marks.~~

matruka Dosanna
nana

sublimantinas

nana kiti toto

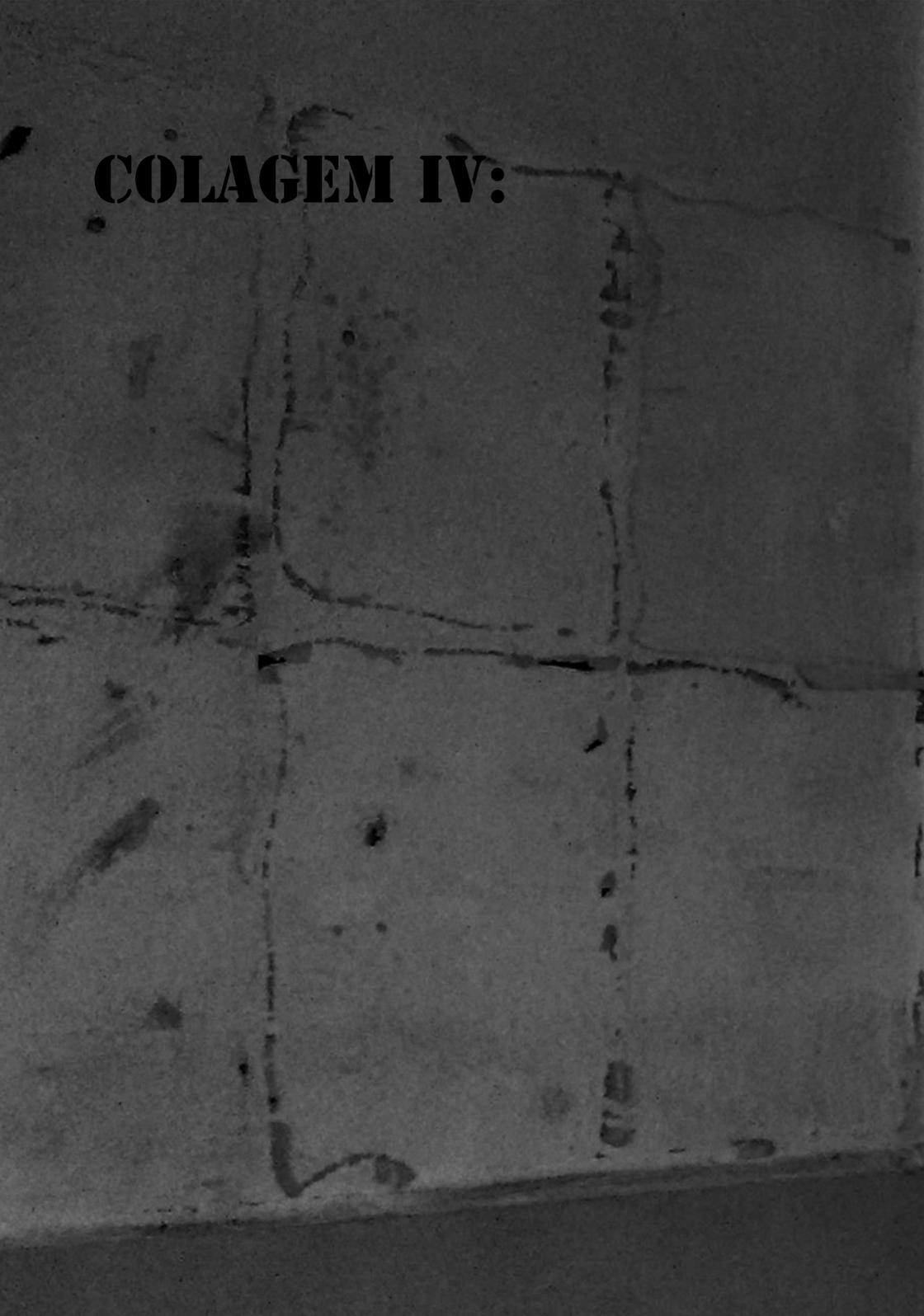
pepe papa

Sotumdlrma





COLAGEM IV:

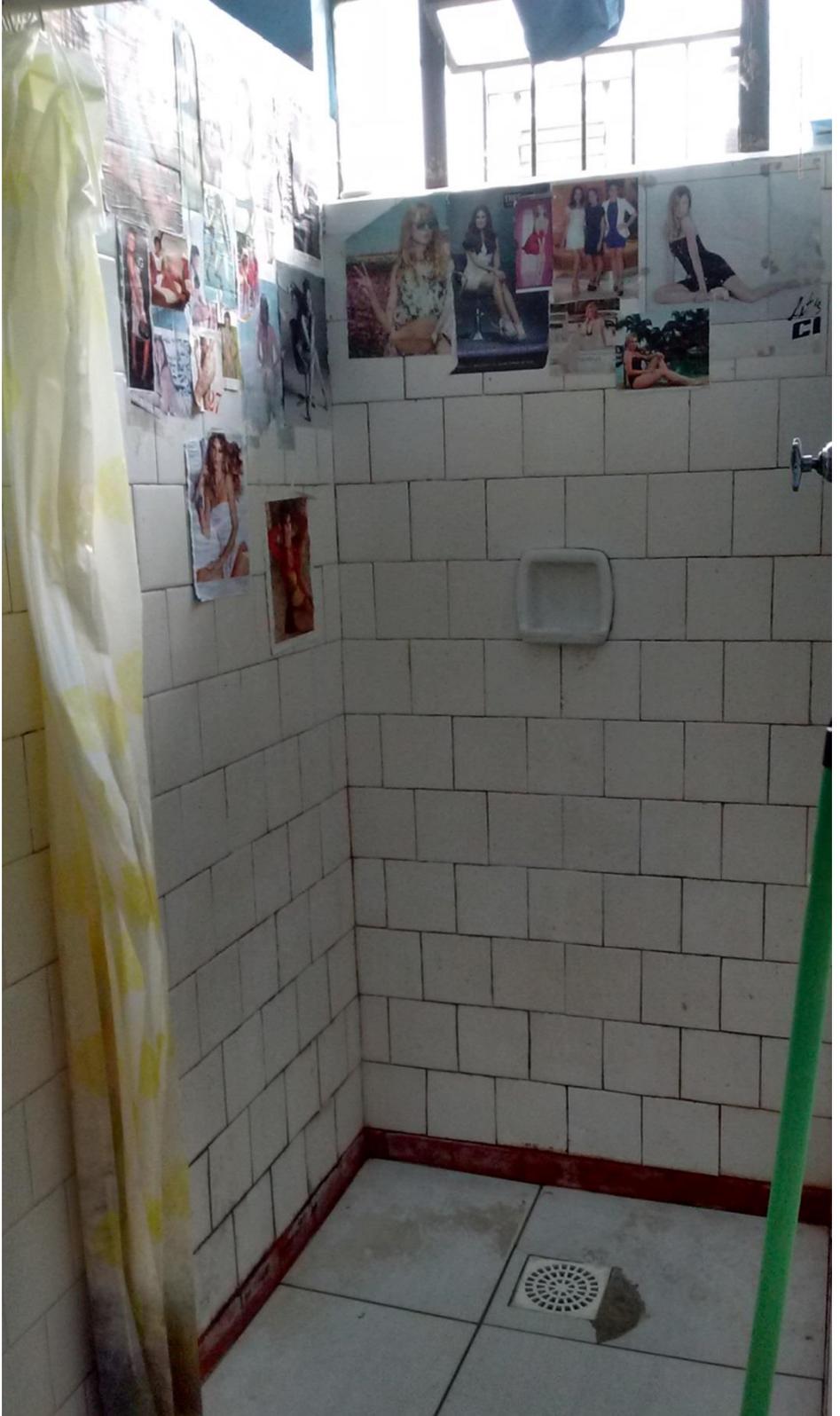




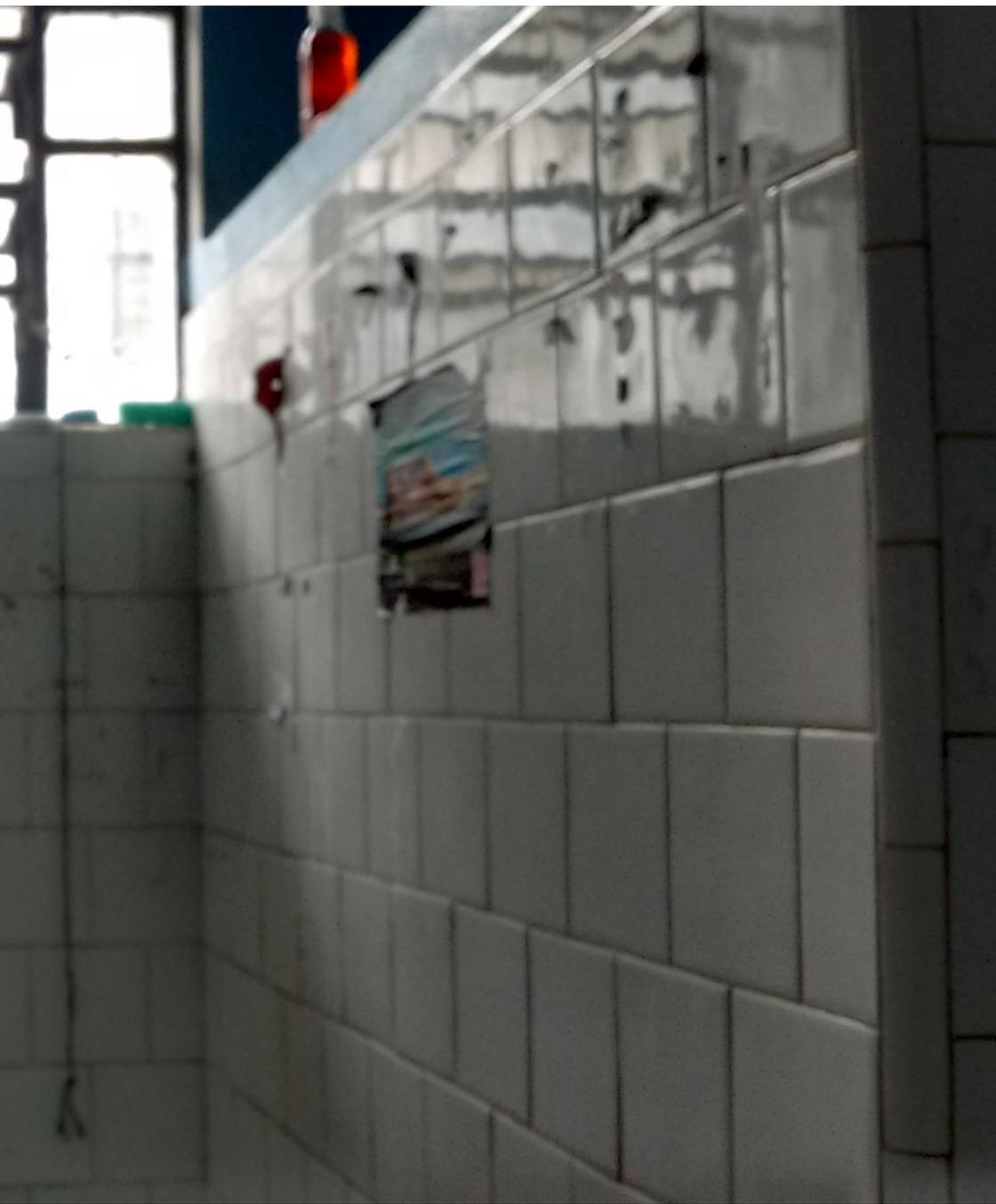
RASURAS:

**GRITO
DOS
SILENCIADOS**





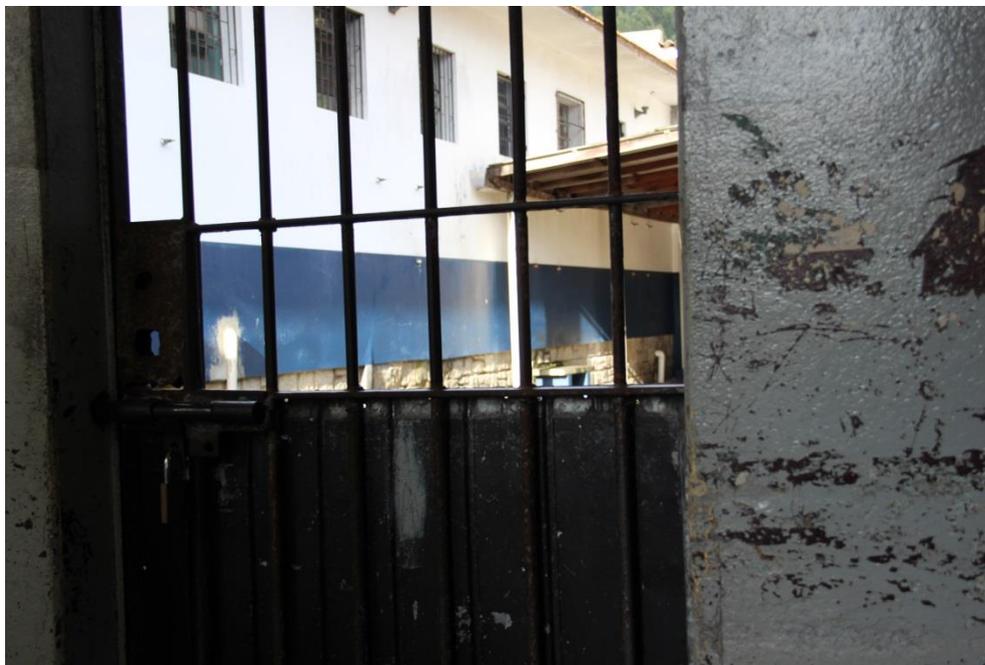


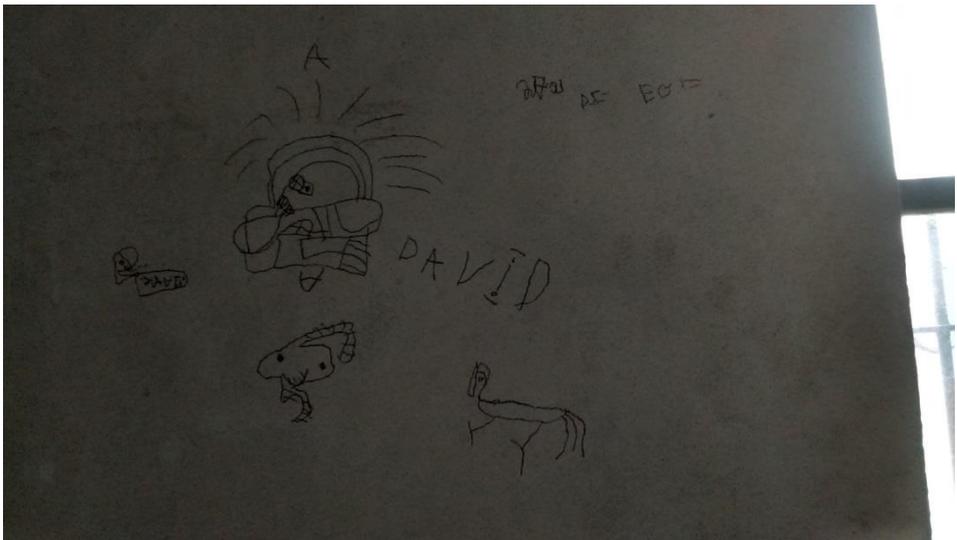




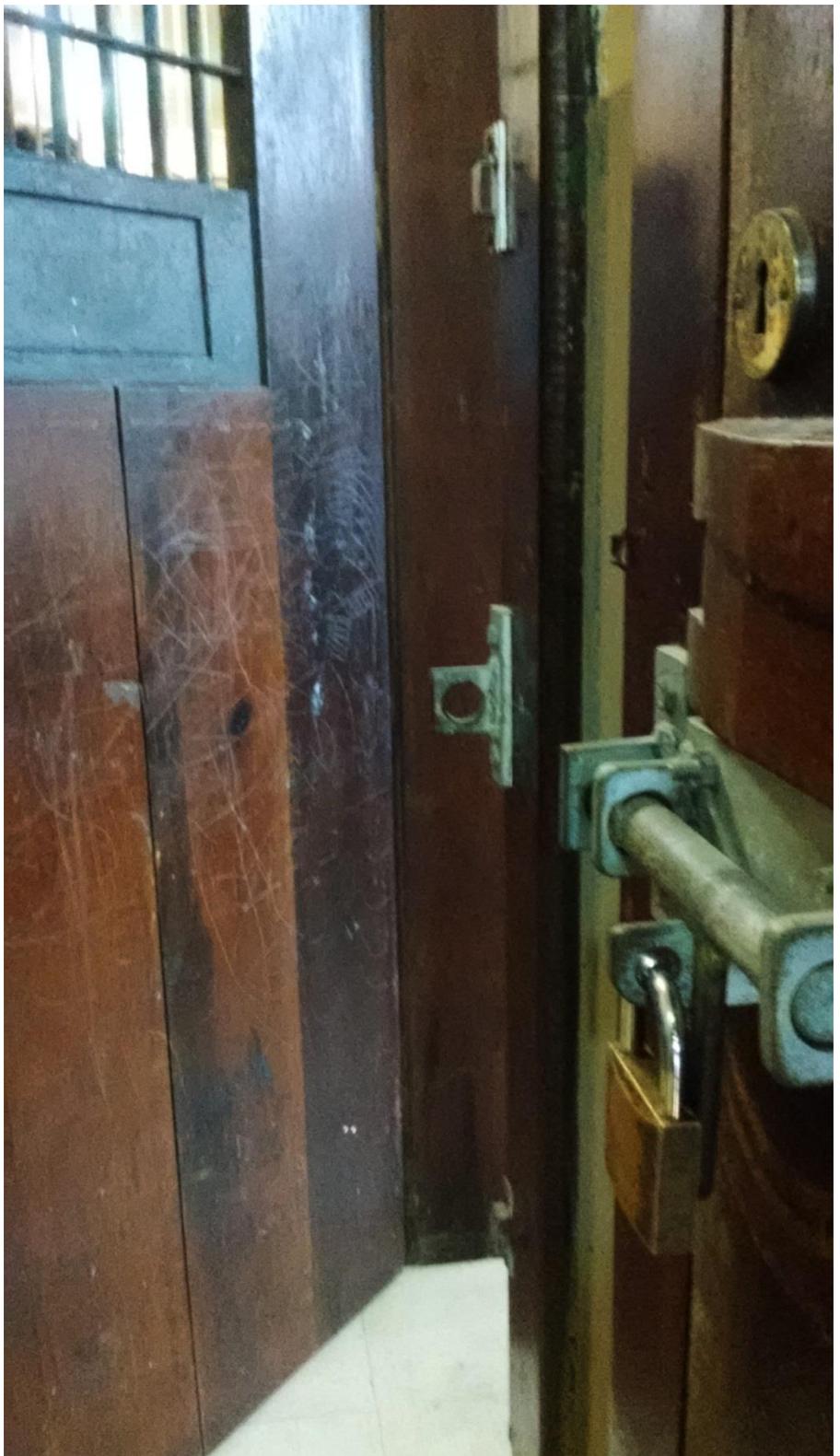












ANTES DE SAIR ORGANIZE SUA CAMA



- ✓ ESTIQUE BEM O LENÇOL;
- ✓ DOBRE O COBERTOR;
- ✓ ESTENDA A TOALHA DE BANHO PARA SECAR;
- ✓ ORGANIZE O TRAVESSEIRO;

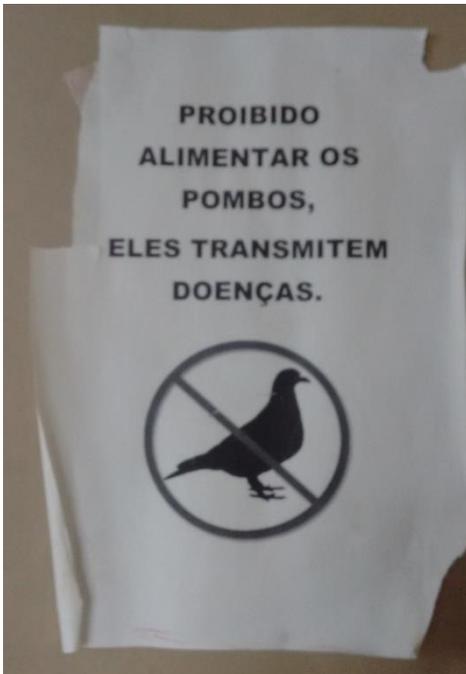
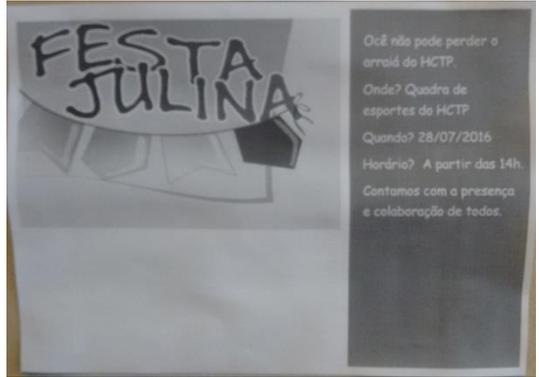
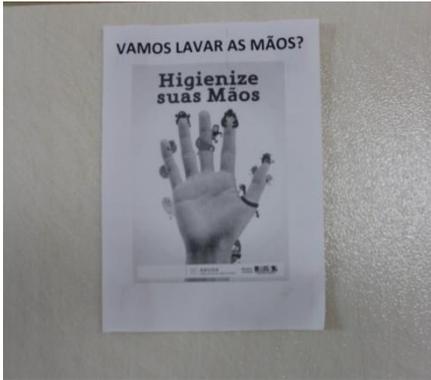


HORÁRIO DE BANHO

DAS 12:00 h. às 13:30 h.

Fora desse horário os disjuntores dos chuveiros deverão permanecer desligados.

Paulo Roberto da Cunha
SIA - 1000 - 1000
R. 1000 - 1000 - 1000
R. 1000 - 1000 - 1000





COLAGEM V:

TRAGETÓRIAS PARA UM NOVO COMEÇO – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A natureza se realiza em movimento e também nós, seus filhos, que somos o que somos e ao mesmo tempo somos o que fazemos para mudar o que somos. Como dizia Paulo Freire, o educador que morreu aprendendo: “Somos andando”. A verdade está na viagem, não no porto. Não há mais verdade do que a busca da verdade. Estamos condenados ao crime? Bem sabemos que os bichos humanos andamos muito dedicados a devorar o próximo e a devastar o planeta, mas também sabemos que não estaríamos aqui se nossos remotos avós do paleolítico não tivessem sabido adaptar-se à natureza, da qual faziam parte, e não tivessem sido capazes de compartilhar o que colhiam e caçavam. Viva onde viva, viva como viva, viva quando viva, cada pessoa contém muitas pessoas possíveis e é o sistema de poder, que nada tem de eterno, que a cada dia convida para entrar em cena nossos habitantes mais safados, enquanto impede que os outros cresçam e os proíbe de aparecer. Embora estejamos malfeitos, ainda não estamos terminados; e é a aventura de mudar e de mudarmos que faz com que valha a pena esta piscadela que somos na história do universo, este fugaz calorzinho entre dois gelos.

Eduardo Galeano

“Somos andando”, reafirma Galeano, “A verdade está na viagem, não no porto”. Este foi o horizonte que tomei desde o princípio da pesquisa e que é necessário reafirmar quando delinheio as considerações “finais” do presente trabalho.

A decisão de abandonar as margens segura de um cais e lançar-me numa deriva em educação, foi o movimento de içar a vela do barco, colocando-me à disposição de capturar os fluxos intempestivos das processualidades de uma pesquisa-intervenção. Então, ao lançar-me em águas profundas, distante das margens seguras da escolarização, tive a

oportunidade de forjar no presente outras experiências em educação. Ao final, ou quando decidi parar para olhar o que aconteceu com a questão que coloquei em movimento, no momento em que parei para pensar sobre essa viagem em educação, tive a certeza sim que me aproximava de uma noção de educação como invenção.

Em princípio, a pesquisa se propôs a ocupar-ressignificar territorialidades através de intervenções com lambe-lambe no corpo da cidade e avaliar seu potencial educativo. No entanto, no decorrer da pesquisa, ela enveredou seguindo outros ventos e rumou para diferentes desafios, quando sobreveio a possibilidade de ministrar oficinas no HCTP. Diante disso, a inserção no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico interrompeu algo e fez tomar um caminho diferente, tal como enfrentar uma corrente de ar e perder o rumo.

De uma pesquisa-intervenção na rua, para um hospital de custódia; nesse deslocamento, tive que repensar todas as estratégias que vinha utilizando até então. No HCTP estive com pessoas (praticamente) destituídas da possibilidade de mover-se para além dos muros que as encarceravam, no espaço dos considerados “loucos criminosos”.

Ao ser bruscamente transportando para um novo ambiente, os hábitos anteriores não servem e o viajante vive sucessivas experiências de problematização. Não se trata de mera ignorância, mas de estranhamento e tensão entre o saber anterior e a experiência presente. Quando viajamos somos forçados a conviver com uma certa errância, a perder tempo, a explorar o meio com olhos atentos aos signos e a penetrar semióticas novas. (KASTRUP, 2001, p. 207)

Ao deslocar-me das ruas, espaço do intenso fluxo de tudo, para o HCTP, lugar da intensa restrição aos deslocamentos e, no entanto, de intenso fluxo de medicação e de controle prisional, desacelerei. Não sei se o fiz ao ritmo dos remédios, aos quais os internos eram excessivamente submetidos, mas provavelmente como viajante que estranha cada esquina que vira. Não caminhava mais em vielas, ruas, becos, pontes; antes, transitava nas pequenas frações de espaços entre grades, nos restritos corredores, cubículos, enfermarias e outros espaços cerrados pelos muros do Hospital. Desacelerar, por sua vez, propiciou-me ter um olhar atento de quem problematiza e aprende. Foi na corporeidade de um corpo enclausurado, no espaço do impossível que

buscamos forjar outros movimentos e desafiar movimentos nas frações que buscavam restringi-las, causar alargamentos, pois onde se exige obediência, há onde se encontrar nesgas de desobediência.

Nunca pensei que fosse encontrar-me com pessoas e questões tão intrigantes (até então impensáveis). Nesse meio, descobri que trabalhar fora das amarras da escolarização é um desafio, pois não se busca ensinar sobre algo ou aprender a aprender, mas sobretudo, não desaprender a aprender. E colocar-se em experiência de estranhamento, perder as referências e garantias e deparar-nos com uma frase que lateja em minha cabeça, “Por uma educação que nos ajude a pensar e não que nos ensine a obedecer”.

Para Kastrup (2001), referência fundamental a esta pesquisa, a aprendizagem é reconhecida como um processo de transformação em que a invenção de problemas seja criada e não a busca de soluções que determinariam um fim em si mesmo. Este trabalho não buscou respostas, mas foi passagem para se problematizar e pensar uma outra educação, colocando tudo em outro movimento, talvez o da lentidão e da atenção, que buscou trazer outros fluxos, para diferentes lugares, diferentes pessoas, algo que escape e que faça fugas.

Deste modo, o movimento de inserção no HCTP possibilitou reconhecer outras situações em educação, que me levaram a conferir às oficinas-intervenções-cartografias, para além da resignificação, uma forma de habitar o espaço e fazer dele matéria para aprendizado. Aprendizado como invenção de problemas (KASTRUP, 2001), como sensibilização ao estranhamento.

No exercício de habitar um novo território existencial foi possível conduzir, juntamente com os internos, alargamentos no espaço prisional. As coisas aconteceram na medida em que não reconhecíamos fronteiras, impossibilidades, regras, mas sim a vontade de criação, de mudança. As forças que trabalharam nessa pesquisa-intervenção, sacudiram, alargaram e romperam com as impossibilidades arraigadas pela escolarização, leis, morais e confinamentos. Ela caminhou desobediente sobre questionamentos que buscavam desvendar *o que é possível com isso; qual a potência de uma intervenção*.

No lugar das ausências, os pacientes-internos comigo, forjamos jeitos de marcar vontades, de habitar em desenho, colagem e grafite; inventamos formas de quebrar a uniformidade do hospital-prisão; experimentamos em risco outro lugar, que marcava fuga às restrições espaciais e de aprendizado.

No espaço do controle por excelência, eles inventavam sua própria linguagem. Outras formas de dizer irrompem à superfície e gestam uma comunicação que abala as formas oficiais de comunicação naquele emaranhado de grades e medicações. Apesar daquele espaço estar preparado para que não se diga nada, ainda assim, eles disseram, eles colaram, eles riscaram e arranharam. Essa dissertação perseguiu essas formas de dizer, essa língua que se inventou para poder dizer alguma coisa ao mundo que ainda não foi dita e que o mundo precisava escutar. À oficina coube dar língua a isto, inventar modos de dizer, mesmo que precariamente, numa língua que algo em educação pudesse acontecer e agora pudesse ser comunicado aqui, nesta dissertação.

Nossas intervenções passaram a ser como janelas que davam a ver novos mundos. Lá dentro descobri outras janelas que existiam antes mesmo deste trabalho acontecer. Eles faziam de alguma forma suas janelas através das colagens de mulheres nas paredes dos banheiros, nos arranhões, nos desenhos escondidos debaixo dos bancos, nas escritas nas paredes e em outras superfícies. Retalhos que, como nas ruas, tentam ser invisibilizados, punidos e apagados, mas que no entanto persistem, forçam e transcendem a proibição⁵⁰. Imagens-janelas que insistem em ser inventadas nos intervalos, como foram apresentadas em algumas imagens da *Colagem IV* desse trabalho. Tais imagens-janelas marcavam um jeito de se territorializar, mesmo no espaço das impossibilidades, colavam, desenhavam e arrancavam à unha desejos e vontades de cavar um buraco. Reconhecendo nas intervenções uma comunicação e uma educação não impositiva, não pronta e que dá língua a vontades e desejos de habitar um lugar, por mais inóspito que seja; aquela educação que escapa dos moldes, das “prisões mentais”.

Educação como invenção. Este foi o eixo em que o presente trabalho moveu-se. Assim como as intervenções nas ruas, as oficinas são expressões das possibilidades de se pensar uma educação e uma comunicação à margem da escolarização e da informação. Educação e comunicação que tencionem algumas linhas de fugas à racionalidade instrumental dos espaços escolarizantes e do regime representacional no corpo da cidade, habitando de outras formas esses espaços. A pesquisa evidenciou pelo exercício das oficinas a importância de não reconhecer

⁵⁰ Perguntando aos internos se eles tinham colagens em seus cubículos, um deles me responde, “Ah, professora, aqui a gente não pode colar, não. Eles tiram e você fica fechado três dias de castigo, mas nas enfermarias até tem, porque ela é dividida, aí não dá de saber de quem é”

fronteiras, para desta forma, tecer um caminho mais distante, mas não menos coerente.

Por conseguinte, durante este trabalho, procurei, algumas vezes, dizer o quase indizível, ao propor a realização de uma pesquisa que trouxesse ideias e aplicações que mexessem com nossas subjetividades ao falar de experiências e de acontecimentos. Sendo isto um desafio posto também ao leitor, ao exigir deste imersão e captura no que foi dito e relatado nas oficinas. Descobrimo nos movimentos destoantes as porosidades de corpos em confinamento que pedem passagem.

Investigar é tencionar o pensamento, questionar os modelos engessados da estrutura de operacionalização do espaço público e da educação, assim como o espaço de fala na cidade. Desde seu início, a pesquisa não possuía o exato ponto de partida ou chegada. Ela, assim como a educação em seu interior, é algo em gestação, percurso de uma viajante educadora acompanhado de um olhar investigativo em cartografia, que buscava registrar ao longo de seu percurso as possibilidades em educação.

Ao deparar-me com um trajeto marcado por desafios, foi possível notar algumas barreiras sendo cindidas. Inicialmente o desafio das ruas e posteriormente com a oportunidade de fazer as oficinas no HCTP. Foi neste último que paradoxalmente encontrei de forma expressiva o exercício da liberdade, ao reconhecer nela, não um estado, não um momento, mas o exercício de tencionar a rigidez de valores, compreendendo na liberdade, a ação de desafiar fronteiras.

Ao não reconhecer o impossível, a oficina de intervenção com lambe-lambe entrou em um hospital de custódia e os lambe-lambes saíram, através da pesquisadora que os colavam na rua e, posteriormente, por meio de alguns dos participantes que participaram de uma saída de campo. Também, outras pessoas e propostas se inserem no HCTP: oficinas de grafite, basquete, show com Um-Banda⁵¹ (banda de uma pessoa que toca acordeom e bumbo) e tantas outras atividades que foram possíveis a partir da proposta de intervenção. Mesmo finalizando esta pesquisa, as atividades com oficinas se estendem, seja ao continuar com as oficinas, ou pelo projeto de grafite, seja pela campanha de doação de tintas, ou pelos convites recebidos para dar oficina em outros espaços de reclusão como o Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE) para menores infratores. A pesquisa conseguiu

⁵¹ Executada pelo artista Luís Holl.

envolver e expandir sua proposta à medida que entrava em contato com outras pessoas.

Foi isso que fez vibrar o presente trabalho de início até à presente “conclusão”. Algo novo se mostrou, apresentando na arte seu potencial político de contestação, de mover outras forças, outra educação, de ressignificar e habitar territorialidades existenciais. Abrir janelas onde elas pouco existem.

Para encerrar a pesquisa, contei também com a ajuda dos pacientes-internos. Cientes do trabalho, preparamos a capa da presente dissertação, algo que abraçasse a escrita dessa experiência, no sentido de que ela inicia uma viagem, mas também, encerra uma escrita. A capa foi feita de várias técnicas para se fazer lambe-lambe (desenho, *blackout poetry* e bricolagem, esta última sendo a desfiguração de imagens prontas para se fazer uma outra). O material base utilizado foram revistas e fotos impressas das atividades que aconteceram lá dentro. Portanto, a capa é um emaranhado de imagens que se sobrepõe, ela tenta dar conta de atravessar em camadas algumas experiências que aconteceram e que fizeram da imagem lá de dentro se constituir como outra.

Foi no meio disso tudo que as oficinas com lambe-lambe abriram a possibilidade de reconhecer uma educação como invenção, na rua e no hospital de custódia, fazendo este último dizer outras coisas ao mundo, ao dia-a-dia ali, aos agentes, às psicólogas... aos próprios pacientes... a nós. Olhando agora, no final dessa escrita, me dei conta do quanto podia aquele espaço atravessado por grades e medicamentos, controle e punição. Não sabia que era tanto e deve poder muito mais...

Passos irão se seguir, como toda caminhada que deseja mudança, e, como toda educação em invenção, ela seguirá traçando novos percursos de ação na busca de possibilidades, talvez com outra bagagem, ou outros rumos, mas, seguirá...

Não caminhamos para chegar à terra
prometida, mas porque caminhar é, em si
mesmo, revolucionário.

Subcomandante Insurgente Marcos



E um sistema de recursos para fu... ar

DE CU
luta

www.mafirens.com



(re)descobertas

CONEGÃO

O fim da política

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In. orgs. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* - Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

AGUIAR, Lisiane Machado. As potencialidade do pensamento geográfico: a cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual. Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio Grande do Sul, 2010.

ABREU, Karen Cristina Kraemer. **Cartaz publicitário: um resgate histórico**. Trabalho apresentado no GT de Historiografia da Mídia, integrante do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2011.

ALMEIDA, Gabriel Bueno. **Política, subjetividade e arte urbana: o graffiti na cidade**. Dissertação (Mestrado Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ANTLIFF, Allan. **Anarquia e Arte: da Comuna de Paris à Queda do Muro de Berlim**. São Paulo: Madras, 2009.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações, comunicação, cultura e hegemonia**. Editora UFRJ, 2013.

CORRÊA, Guilherme. **Educação, comunicação, anarquia: procedências da sociedade do controle no Brasil**. São Paulo, Cortez, 2006.

_____. **Oficinas: apontando territórios possíveis em educação**. Dissertação (Mestrado em Educação), Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Dezembro, 1998.

CORRÊA, Guilherme. C; PREVE, Ana. M. H. **A educação e a maquinaria escolar: produção de subjetividades, biopolítica e fugas.** Revista de Estudos Universitários, v. 37, nº 2, p. 181-201, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** 1 ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

FERRUA, P. **Intencionalidade, Anarquismo e Arte.** In: RAGON; FERRUA; VALENTI (orgs. et.al.). Arte e Anarquismo. São Paulo: Imaginário, 2001.

FOUCAULT, Michel. **“Sobre a História da Sexualidade” – Conversa entre Michel Foucault, Alain Grosrichard, Gérard Wajeman e outros.** Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GAWRYSZEWSKI, A. **A imagem como instrumento da luta anarquista.** In: GAWRYSZEWSKI, A. (org.). Imagens Anarquistas: análises e debates. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009.

GODOY, Ana. **Mídia, Imagens, Espaço: Notas sobre uma poética e uma política como dramatização geográfica contemporânea.** In. CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR. Wenceslao, M. (Orgs) Grafias do espaço: imagens da educação geográfica contemporânea. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.

_____. **Oficinas experimentais.** Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxvdXRyYXNlY29sb2dpYXN8Z3g6NDM5ODM2YmM2NDlkMGYwYQ>. Acesso em: 30.10.2015

HOLLMAN, Verônica. **Imagens na cidade e no ensino da questão ambiental.** In. CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR. Wenceslao, M. (Orgs) Grafias do espaço: imagens da educação geográfica contemporânea. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo: Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.

_____. **Aprendizagem, arte e invenção.** In: LINS, Daniel. Nietzsche e Deleuze: Pensamento Nômade. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado, 2001.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação [online]. 2002, n.19, pp. 20-28.

_____. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas.** 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____, Jorge. **Tremores, escrito sobre experiência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MASSEY. **Pelo espaço: uma nova política de espacialidade.** Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. **Agências da imagem. Uma entrevista com o Professor Wenceslao Machado de Oliveira Junior.** [Entrevista concedida em 08 de maio de 2016]. *Revista PerCursos*. Florianópolis, v. 17, n.33, p. 162 – 175, jan./abr. 2016. Entrevistador: Marcelo Róbson Téó.

ONETO, Paulo Domenech. **A que e como resistimos: Deleuze e as artes.** In: LINS, Daniel (Org.) *Nietzsche/Deleuze: Arte, resistência.* Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007, p. 198- 211.

POZANNA, Laura. **A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade.** In. orgs. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TODESCO, Silvia. *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum – Vol. 2.* Porto Alegre: Sulina, 2014. 42 p.

PREVE, Ana Maria Hoepers. **Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação.** 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **Do Princípio da Arte e de Sua Destinação Social**. São Paulo: Armazém do Ipê, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **Paradoxos da arte política**, p. 51-81 In: O espectador emancipado. São Paulo: Editora WMF Martyins Fontes, 2012.

_____. **Estética e Política. A Partilha do Sensível**, com entrevista e glossário por G. Rockhill, trad. V. Brito. Porto: Dafne, 2010.

ROLNIK, Suely. Trechos de Suely Rolnik: **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

ZANELLA, A. **Psicologia Social, arte, relações estéticas, processos de criação: fios de uma trajetória de pesquisa e alguns de seus movimentos**. In: ZANELLA, A.; MAHEIRIE, K. (Org.). Diálogos em Psicologia Social e Arte. Curitiba: CRV, 2010.